

1325

SERÔES



PARQUE VACCINOGENICO DE LISBOA

FUNDADO EM 1888

Vaccina animal contra as hexigas -- Verdadeiro cow-pox

30, Avenida D. Amelia, 30

Proprietario e Director: **CARLOS MONIZ TAVARES**

Endereço telegraphico: **Vaccina**

Numero telephonic: **548**

Os animaes que servem á producção da vaccina, escrupulosamente escolhidos, só são inoculados depois de estarem uns dias em observação e adquirida a certeza do seu bom estado sanitario.

A vaccina, antes de ser posta á venda, em tubos ou placas, soffre exame bacteriologico e ensaios clinicos, de modo a poder assegurar-se a sua pureza e efficacia.

Tubos ou placas com vaccina para 4 a 5 pessoas	500 réis
Tubos ou placas com vaccina para 10 pessoas	800 »
Frascos com vaccina para 50 pessoas.	4\$000 «

A vaccina deve ser empregada tal como está nos tubos ou placas sem addeccionamento de substancia alguma.

A vaccina deve ser conservada ao abrigo da luz e da humidade e em local cuja temperatura não exceda 20° centigrados, sob pena de se attenuar a sua virulencia.

Vaccinações no Parque, em todos os dias uteis, das 2 ás 4 horas da tarde	1\$200 reis
A's quartas feiras, vaccinações com vaccina tirada da vitella, com o animal á vista.	2\$000 »

Preços espeziaes para vaccinações em collegios

FORNECIMENTOS PARA CAMARAS MUNICIPAES

Para **Africa** e **Brazil**, acondicionamento especial de fórma a assegurar a chegada da vaccina ao seu destino em perfeito estado de conservação e efficacia.

Todos os pedidos de vaccina feitos pelo correio ou por telegramma, são satisfeitos immediatamente, seja qual fôr a quantidade

Os **SERÕES** desejam a todos os seus assignantes, leitores, collaboradores, a todas as pessoas, emftm, que lhe fazem a honra do seu convivio, um anno feliz.

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 27. — Composto e impresso na **Typographia do Anuario Commercial**, Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE

	Pag.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA (<i>Frontispicio</i>)	2
VINTE DIAS NA RUSSIA (<i>7 illustrações e 1 vinheta</i>) por Z. CONSIGLIERI PEDROSO	3
A BANDEIRA DA MISERICORDIA NOS ENTERROS REAES (<i>12 illustrações</i>) por VICTOR RIBEIRO	13
OS DIREITOS DA MULHER JAPONEZA (<i>3 illustrações</i>)	21
CONSIDERAÇÕES SOBRE A MODERNA SISMOLOGIA (<i>8 illustrações e 2 vinhetas</i>) por A. RAMOS DA COSTA	24
ANNO NOVO (<i>Versos</i>) de RICARDO DE SOUZA	31
NAS GRADES D'UM CONVENTO (<i>4 illustrações e 1 vinheta</i>) por MARIA O'NEILL	32
SUPER FLUMINA BABYLONIS (<i>Versos</i>) por COELHO DE CARVALHO	38
O CAMPO DE SANT'ANNA — RECORDAÇÕES DE ENTÃO (<i>7 illustrações e 1 vinheta</i>) por CARLOS ABREU	39
OS BASTIDORES DO NIHILISMO (<i>1 illustração e 2 vinhetas</i>) traducção do inglez por EDUARDO DE NORONHA	50
PARIS AO ESPELHO PORTUGUEZ (<i>5 illustrações</i>) por AQUILINO RIBEIRO	58
COMPANHIA DRAMATICA... INGLEZA (<i>8 illustrações e 2 vinhetas</i>) por ANTONIO PINHEIRO	63
ACTUALIDADES	
GRANDES TOPICOS (<i>5 illustrações</i>)	71
RESENHA MUNDIAL (<i>24 illustrações</i>)	74

A MUSICA DOS SERÕES

CANÇÃO DE MARIA DO CARMO, por JULIO NEUPARTH

4 paginas

A

DIRECTOR LITTERARIO
Eduardo de Noronha

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da **LIVRARIA FERREIRA**

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA

(PASSAGEM DO ANUARIO COMMERCIAL)

Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6\$000 réis	1 pagina	70\$000 réis
1/2 pagina	3\$500 »	1/2 pagina	40\$000 »
1/4 pagina	2\$000 »	1/4 pagina	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Pequenos annuncios: 5 linhas, em columna de 1/3 da largura de pagina, 500 réis cada inserção.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha....	Anno	2\$200 réis
	Semestre	1\$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	- Anno	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro...	- Anno	15 fr.

NUMERO AVULSO, 200 RÉIS

ADMINISTRAÇÃO DOS *Serões* .

Praça dos Restauradores (Passagem do Anuario Commercial) 27

Telephone **805**

LISBOA

As nossas capas de luxo

Com o n.º 42, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o 7.º volume da 2.ª serie.

Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilizar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis**, que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões**, assim acabados, mais evidenciam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

1.ª Serie

QUATRO VOLUMES

A 1\$200 réis cada



A 1\$200 réis cada

SETE VOLUMES

2.ª Serie

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 27 — LISBOA

Revista bibliographica universal

Vademecum delle studisso della Divina Commedia, del *Dott. Marco A. Garrone*. Torino, 1908.

A Italia é incansavel no culto do seu grande poeta, e é innumera a quantidade de estudos dantofilos que todos os annos se publicam. O *Vademecum* do dr. Garrone, resumindo os trabalhos de varios commentadores da Divina Comedia, constitue um excellente guia para a comprehensão das passagens dificeis e obscuras do immortal poema.

Coast Erosion and Foreshore Protection, par *John S. Owens and Gerald O. Case*. London, 1908.

N'este volume encontram-se estudadas de uma maneira bastante completa as causas das erosões das costas e os diversos meios empregados para a protecção das praias. Esta questão tem assumido, como se sabe, uma elevada importancia, tendo o governo inglez instituido ultimamente, uma commissão especial para a estudar.

Précis d'électricité, par *Paul Niewenglowski*. Paris, 1908.

Exposição clara e condensada da theoria e das applicações da electricidade.

The Catholic Encyclopedia. Am international work of reference on the constitution doctrine, discipline, and history of the Catholic Church edited by *Charles G. Herbermann, Edward A. Pace, Conde B. Pallen, Thomas J. Shaban, John J. Wynne*, assisted by numerons collaborators. New York, 1908.

Acaba de apparecer o terceiro volume, contendo perto de mil paginas, d'esta admiravel encyclopedia americana referente á constituição, á doutrina, á disciplina e á historia da igreja catholica. Para a publicação do presente volume concorreram nada menos de 250 collaboradores.

Au temps des Pharaons, par *A. Moret*. Paris, 1908. Com gravuras fóra do texto.

Basta conhecer o nome e a auctoridade do illustre conservador do museu Guimet, e director da egyptologia na Escola de Altos Estudos de França, para ter a certeza do elevado valor scientifico e litterario d'esta obra.

Un Miracle contemporain. Discussion scientifique par *Georges Bertrin*. Paris, 1908.

Este volume occupa-se de um facto da therapeutica sobrenatural de Lourdes: a cura espontanea, em 1897, de Mademoiselle Tulasne, de Tours, de uma doença organica, que não se presta a qualquer imaginação suggestiva, o chamado mal de Pott. O livro divide-se em tres partes, que contéem respectivamente, a exposição dos factos, sua discussão, e testemunhos e documentos justificativos.

Marie, fille-mère, par *Madame Lucie Delarue Mardrus*. Paris, 1908.

A conhecida escriptora franceza ainda não alcançára até aqui uma tão alta intensidade de paixão e intuitiva segurança de observação como n'este romance, em que nos conta commovidamente a triste historia de uma pobre e modesta rapariga victima da fatalidade physiologica da sua organisação.

Le Drapeau ou la Foi? par *Adolphe Aderer*. Paris, 1908.

Este romance põe mais uma vez em scena a constante lucta, que constitue a vida, entre o dever e a paixão, desenrolando-se os seus episodios, simples mas commoventes, durante o anno brilhante de 1867 e o anno cruel da guerra do segundo imperio.

La Princesse Noire, par *Paul Marguerite*. Paris, 1908.

Grande romance popular, cheio de peripecias commoventes e scenas apaixonadas, que sae um pouco fóra do genero psychologico habitualmente cultivado pelo auctor.

Les Toits-Rouges, par *Gaston Rouvier*. Paris, 1908.

Intensivo drama provinciano em que se assiste á lucta empenhada em um pequeno heio duplamente contra a aristocracia em decadencia e contra a burguezia que se esforça por substitui-la.

Le Docteur Lerne, Sous-Dieu, par *Maurice Benard*. Paris, 1908.

Romance no genero dos de H. G. Wells, cheio de engenhosas e singulares peripecias, que empolgam o interesse do leitor, como acontece com os livros do grande romancista inglez.

Loin des autres, par *Tancrède Martel*. Paris, 1908.

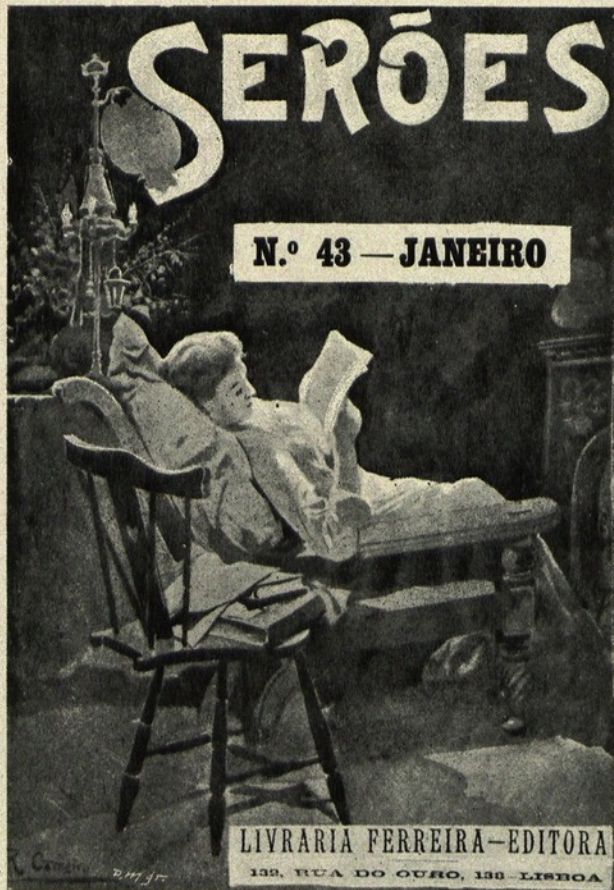
Romance de amor, cheio de deicadeza e de ternura, que se lê, por isso, comum certo encanto.

Cyrano de Bergerac. Les plus belles pages, avec des pages inédites, un portrait, deux gravures anciennes et un notice par *Remy de Gourmont*. Paris, 1908.

Os que conhecem Cyrano só a peça de Rostand, em que o admiravel escriptor francez do seculo xvii foi injustamente sbalternizado á categoria de um fantoche sentimental — como diz um critico —, ganharão em ler a curiosa noticia de Gourmont, que ainda teve a fortuna de juntar, n'esta collecção de páginas selectas do auctor das *Viagens ao Sol e á Lua*, algumas peças inéditas por elle descoertas na Bibliotheca Nacional de Paris.

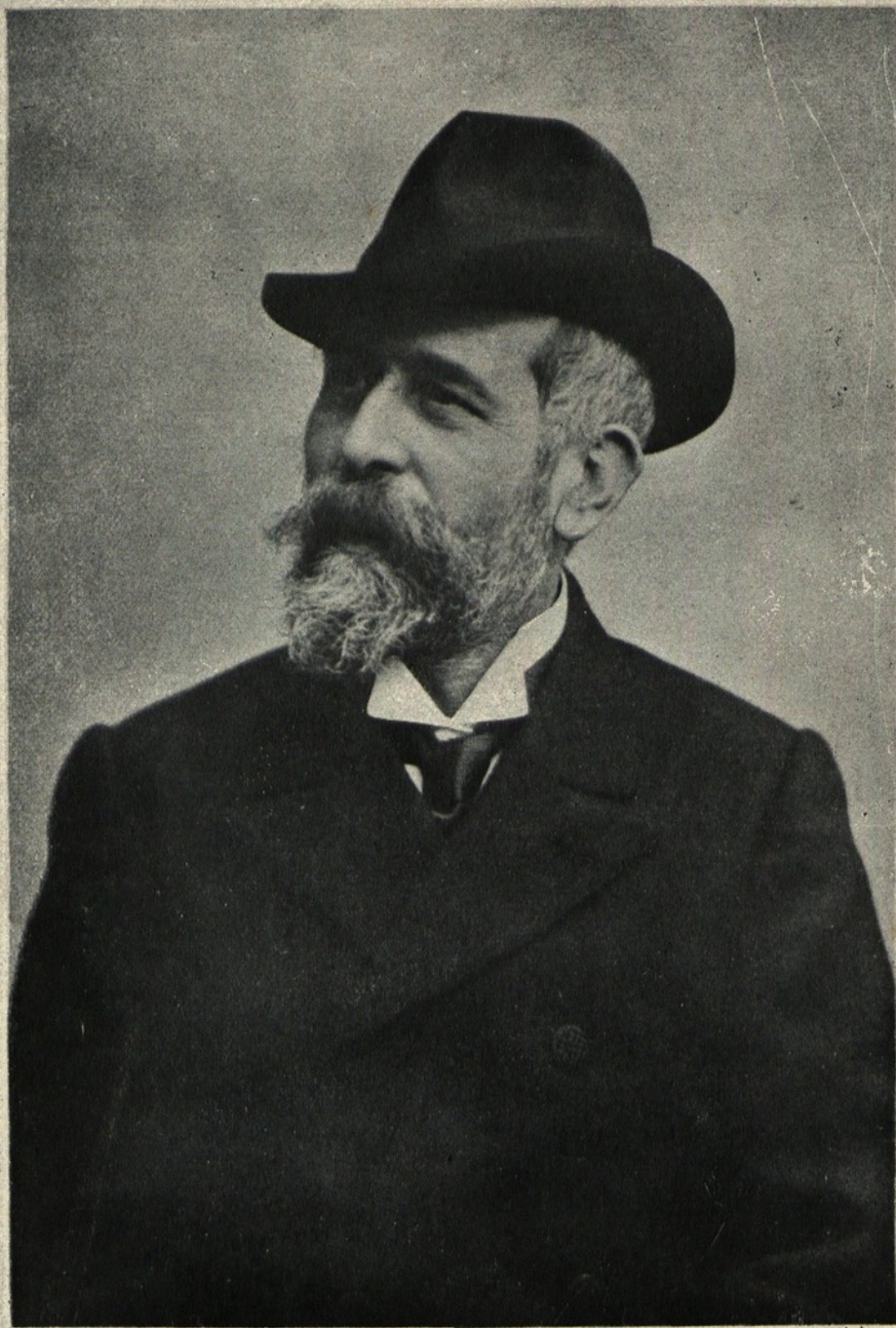
SERÕES

N.º 43 — JANEIRO



LIVRARIA FERREIRA-EDITORA

139, RUA DO OURO, 139 LISBOA



Henrique Lopes de Mendonça

Os *SERÕES*, inserindo n'este numero o retrato do insigne escriptor e eminente poeta Henrique Lopes de Mendonça, presta uma homenagem devida a quem durante quatro annos, approximadamente, foi seu talentoso director.

Homem de letras de pulso vigoroso, dramaturgo dos mais applaudidos no nosso paiz, character bondoso e de trato cavalheiresco, Lopes de Mendonça é uma individualidade predominante e sympathica no nosso meio litterario e social.



NA PEQUENA RUSSIA

Vinte dias na Russia

(IMPRESSÕES DE UMA PRIMEIRA VIAGEM)

POR Z. CONSIGLIERI PEDROSO

CAPITULO IX

KOLTSOVO

A cosinha nacional russa — Excursão a Jeltikovo — Na planicie — Trinta verstes em «tarantass» — Uma missa na aldeia — A caça do pope — Um diluvio de agua n'um mar de verdura — «Za grybui» — O silencio das florestas russas — Pesca dos «karrásy» — Incidente comico — Cumprimento pouco amavel — Uma festa á chegada.

Não ha duvida que a cosinha de um povo é um dos mais preciosos elementos para lhe determinar a idiosyncracia do caracter nacional. Muito antes de Buckle ter dado a esta asserção os fóros, aliás merecidos, de theoria philosophica, e de Brillat-Savarin a haver por assim dizer consagrado em nome da physiologia

gastronomica ou da gastronomia physiologica, como melhor parecer ao leitor, correspondia ella já a um facto geral, accessivel á mais superficial observação.

O hindu franzino, timido, covarde e quasi femeníl, alimenta com um punhado de arroz cosido a sua indolencia proverbial, ao passo que o anglo-saxão robusto e solido vae buscar o estimulo para a sua vida trabalhosa aos tassalhos de *roast-beef*, que ingere em tão prodigiosa abundancia. Creio que a tal respeito não ha divergencia de opiniões.

O espirito do latino brilhante e imaginativo está para o espirito allemão pesado e frio, embora profundo, como o vinho perfumado das bellas regiões do meio-dia está para a espessa e insipida cerveja, essa atroz beberragem dos paizes do setentrião. Tambem com relação a este ponto o accordo me parece ser unanime.

O estylo é o homem, não o nego; mas accrescentarei — só o homem moral. O ali-

mento é, porém, mais do que isso, porque representa por seu turno uma causa e um symptoma. — Como causa influencia a nossa natureza physica e consequentemente o nosso modo de ser psychologico; como symptoma revela não só a nossa ossatura e os nossos musculos, mas tambem muitas das nossas sensações e muitos dos nossos pensamentos. Quantas vezes o segredo do destino de uma existencia não deveria ir buscar-se á historia da sua alimentação?! Seria curioso, depois de tantas theorias, explicar a acção dos grandes homens á luz d'este novo criterio. Até agora, com effeito, a genesis das ideias do heroe ia por via de regra procurar-se á sua bibliotheca. Porque não havemos de hoje em diante procural-a tambem na respectiva cosinha?

.....

Uma das occupações mais graves da nossa estada em Koltsovo — direi uma das mais constantes preoccupações, porque chegava quasi a sê-lo — era a cosinha. Nunca supuz que os meus habitos de singeleza espartana e o desprezo ou pelo menos a indiferença por tudo quanto se relaciona com os prazeres da mesa, podessem de tal sorte ser transformados. Eu proprio chegava a desconhecer-me, perguntando de mim para mim inquieto por que extranho atavismo se me manifestava tão singular reversão a appetites, de que até esse momento me julgára isento, mercê de Deus.

A explicação, porém, do phenomeno era obvia, e em nada attentatoria dos meus brios de homem affeito á pratica do preceito do Evangelho: *non in solo pane vivit homo*...

Em primeiro lugar deve notar-se que na região da Russia, em que nos achavamos, os dias são no verão de um comprimento aterrorador para quem tenha pretensões a conservar-se fiel ao regimen alimentar do occidente — as classicas duas ou tres comidas ao dia. A' uma hora da madrugada (alta noite em Portugal) já lá começa a luzir o dia, que se prolonga até perto das onze horas da *noite* (da nossa, entende-se). São umas vinte horas de sol sobre o horizonte! Imaginem-se as imperiosas exigencias de estomagos submettidos a semelhante regimento. Come-se cinco, seis, sete vezes ao dia... Eu creio que comia oito! D'ahi a necessidade de dedicar diariamente a tal

assumpto pelo menos o dobro do tempo que entre nós habitualmente lhe consagramos.

Mas não é ainda tudo. A frequencia das refeições não basta para explicar a subita gastronomia, que de mim se apossára. Não era só a «quantidade», que para esse resultado contribuira. Era tambem e principalmente a «qualidade». O grande theorico da gastronomia encontraria decerto ali o seu paraizo...

Que maravilhosas combinações culinarias eu tive occasião de saborear! E o que mais irresistiveis as tornava era a nota de originalidade, que tão completamente as distinguia dos productos enjoativos e monotonos da cosinha franco-cosmopolita, soberana dominadora em todos os restaurants e hoteis dos dois hemispherios. E' inutil recordar ao leitor, que me refiro á cosinha nacional russa, tal como a apreciei em Koltsovo, e não ás imitações mais ou menos falsificadas, que o viajante encontra nas grandes capitães, como S. Petersburgo e Moscou.

Das minhas recordações mais inolvidaveis n'este capitulo, destacarei para especial consagração os guisados de cogumelos e as variadas especies de sopas. As sopas sobretudo... Não sou gastronomo, nunca o fui, e já agora espero em Deus acabar os meus dias fiel á religião da sobreidade, que mesmo em meio das maiores seducções nunca de todo abandonei. Mas as sopas russas!... Que tentação... e com que saudade d'ellas ainda hoje me lembro... quando me sento á mesa!...

.....

Uma das excursões que tinhamos planejada era a visita ao mosteiro de Jeltikovo, situado a umas quatro verstes de Tver, em meio de um bosque encantador. Por uma tarde perfumada e serena, tanto mais aprazivel quanto a teimosa chuva, quasi de inverno, dos dias anteriores havia prejudicado alguns passeios do nosso programma, puzemo-nos a caminho. Compunha-se a expedição de uma *troika* (1) onde eu tomára assento com minha filha e Olga Dmitrievna e de um *tarantass* (2) que levava Juri Dmitrievitch e Gonçalves Vianna. Serviam-

(1) Carro atrelado a tres cavallos. D'ahi o nome por que é conhecido.

(2) Especie de carreta, mas sem mólãs.

nos de batedores e por vezes de estribeiros a galopar garbosamente ao nosso lado, o estudante Arsa e Inna Dmitrievna, montados em soberbos cavallos, arreados á moda do paiz, e esta ultima trajando um pittoresco fato de *tcherkesse* (1), com as suas côres vistosas, o competente *bonet de astrakan* e o punhal de aço pendente em bainha d'ouro cinzelada. Quem visse de longe esta cavalgada luzida, a atravessar á desfilada as planicies ligeiramente onduladas do governo de Tver, fechadas na orla do horizonte pela linha sinuosa do Volga, julgaria estar assistindo a alguma d'essas corridas phantasticas descriptas nas balladas alle-mãs, ou á scena de alguma fuga romantica contada nas proprias lendas da região por onde iam passando. E phantastico era com effeito, pelo menos para mim, o espectáculo que á vista se desenrollava.

A planicie sem fim, a estender-se em volta de nós em todas as direcções, apenas aqui e ali mosqueada por tufos de arvores e pelas *izbas* das aldeias, dáva-me a mesma impressão que eu já sentira quando pela primeira vez nas provincias balticas a atravessára — impressão vaga mas intensa, singular, inexplicavel se quizerem, mas em todo o caso profundamente original, como a não conhecera em nenhum dos paizes, que nas minhas viagens percorrera. O que dá este encanto especial á planicie russa? E' apenas a sua constituição physica, em que uma certa monotonia de côr e de relevo acaba por produzir indelevel effeito esthetico? E' a feição typica do seu amanho agricola tão differente do que estamos acostumados a vêr na maior parte das regiões do occidente? E' o aspecto da sua população, ou talvez antes da sua despovoação? Será tambem, em parte pelo menos, a suggestão recebida pela leitura dos auctores russos, que desde Gogol não tem cessado de accentuar com a riqueza proverbial do seu realismo, a magia irresistivel da terra russa? Não o poderei dizer... A impressão é, porém, d'aquellas que jámais se apagam do nosso espirito.

N'essa tarde, embora o pretexto da digressão fosse a vizita ao convento de Jeltikovo, o verdadeiro fim d'ella consistiu

n'uma larga excursão pela planicie, para mais de perto a ficar conhecendo. Até ahí atravessára-a apenas em caminho de ferro, ou percorrera-a a pé em limitadissimas extensões. Porisso, embora o mosteiro ficasse apenas a pequena distancia relativa de Koltsovo, com a larga volta que démos para passar á retirada por Tver, conseguimos andar umas trinta *verstes* pelo menos. O unico senão de tão formoso passeio viémos a sabel-o nós physicamente, no dia seguinte, quando os resultados da pouca elasticidade das mólas (?) dos vehiculos se



METROPOLITANO DE KIEV

fizeram sentir nos nossos corpos doloridos. Trinta *verstes*, com effeito, em *tarantass* por um chão sulcado a todo o momento de rugosidades e sobradas, que tinham como acompanhamento indispensavel saltos quasi acrobaticos, não será propriamente heroico, concordamos, mas constitue decerto massagem capaz de reduzir a estilhas os mais robustos arcabouços.

De resto o mosteiro de Jeltikov ou como é chamado em russo: *Jeltikovskii uspenskii mujeskii monastyr* (convento de homens da Assumpção de Jeltikov), pouco interesse tem para o visitante. Conforme dissémos está situado a quatro *verstes* de Tver, no meio

(1) Circassiana.

de um bosque de *beriozas* (1). Foi fundado no principio do seculo xv por Santo Arsenio. As partes mais modernas foram construidas por Pedro o Grande. A principal curiosidade, que os monges não se esquecem de mostrar, são dois quadros, exactamente sobre a porta principal no recinto fortificado, onde esteve encerrado o principe Alexis, filho do tsar Pedro I. Ha tambem logo á entrada n'uma especie de pateo ou vesti-

regado da porta e outro que nos mostrou o jardim, um bello e perfeito homem de rosto pallido emoldurado por comprida barba preta, e de modos tão graves e solemnes, quasi hieraticos, que mais parecia uma figura que se desprendera de algum d'aquelles retabulos byzantinos, que ali mesmo havia pouco viramos.

O que é certo, porém, é que visto de longe, com os seus zimbórios dourados a



PAIZAGEM DE INVERNO

bulo o cemiterio que é digno de vêr-se, pelas campas que contém, quasi todas de marmore preto e cobertas de inscrições mortuarias. Caso digno de registrar-se: por mais que deligenciasse dar qualquer esportula ao religioso, que nos acompanhou á visita minuciosa ao convento, foi ella recusada com um simples gesto, assim como igualmente a recusaram o religioso encar-

reflectirem por entre a verdura os ultimos raios do sol poente, o convento de Jeltikov nos parecera bem mais interessante. Em todo o caso julgámo-nos dispensados de visitar, como primeiramente tencionáramos, os dois outros mosteiros do mesmo genero mas com menor valor historico, que existem na região: o *convento da Natividade de raparigas* (*Rojdestvenskii dievitchii monastyr*), junto ás margens da Tmaka, affluente do Volga, e o *convento de Nikolaievsky*, junto da Malitska. Pela mesma razão em parte, mas tambem com relação a este por falta de tempo, não

(1) Especie de betulas, muito commum em toda esta parte da Russia.

visitámos o convento de Otrotch (*Otrotch uspenskiï mujeskiï monastyr* — litteralmente: convento de homens da Assumpção de Otrotch), ao qual anda ligada a lenda que se refere ao rapto feito pelo gran-duque Jaroslav III da noiva do seu pagem Gregorio, no proprio momento em que iam casar-se. Roido de saudades e não podendo tirar do raptor outra vingança, Gregorio fez-se monge como era do estylo na epocha e fundou em memoria do attentado o convento de Otrotch.

Outra excursão que eu tinha muito a peito fazer e que se realisou no dia seguinte — um domingo — foi á aldeia de Vlasievo. Não era o caminho com as suas perspectivas, o que n'este caso me aguçava a curiosidade; mas sim a oportunidade de poder assistir a uma missa aldeã, e de ter ensejo de surprehender em flagrante delicto a piedade dos mujiks entregues a si mesmos, sem a suggestão do clero arregimentado das cidades. Como se manifestava no culto externo a devoção do povo em S. Petersburgo, sabia-o eu. Precisava, porém, para o confronto, vêr como no habitante dos *selós*, perdidos pelas florestas do centro da Russia, se lhes manifestava a ingenua religiosidade.

Quando chegámos, já a missa tinha começado e a egreja estava apinhada de gente. Como chovia torrencialmente, porém, o templo — pelo menos assim o julguei — attrahira a multidão talvez tanto pela ancia de ouvir a palavra de Deus n'aquelle dia consagrado ao descanso, como pela urgencia de procurar agasalho e abrigo contra as cataractas do ceo, que pareciam precipitar-se ruidosamente sobre a terra. De resto o officio divino nada teve de notavel. Não passou de uma edicção reduzida do que eu presenciára na capital. Julguei apenas vêr no rosto ingenuo d'aquelles *mujiks* não sei que expressão singular — mixto de sarcasmo e desprezo, indiferença, quem sabe? — todas as vezes que o *pope* mais directamente se lhes dirigia, nas apostrophes da sua interminavel litania. Ter-me-hia equivocado? O que em outras occasiões e em identicas circumstancias observei, provou-me que não me enganára. Em geral o clero russo não é amado entre o povo. Mesmo nos campos, ou o temem — o alto, o *negro* como lhe chamam, isto é, os monges, que vivem regala-

damente nos mosteiros, embora submettidos ás regras canonicas que a Egreja lhes impõe e de que a mais antipathica para o *mujik* é o celibato; ou o'escarnecem — o baixo, o *branco*, composto na sua quasi totalidade de verdadeiros pedintes, os quaes muitas vezes para se poderem litteralmente alimentar teem de recorrer a expedientes de mais do que duvidosa moralidade. A este trata-o o povo pelo nome desprecia-tivo de *bátiuchka*, quer dizer, *paésinho*, e é em geral o alvo dos motejos da população, que d'elle conta as mais picarescas historias.

A' primeira vista custa a comprehender semelhante attitudo dos *mujiks* para com os seus *popes*; mas dada, por um lado a situação precaria em que estes se encontram, incomparavelmente inferior á dos nossos curas d'almas, mesmo os mais pobres; e conhecida por outro lado a tendencia meio mystica, meio pantheista da raça slava, não é difficil de explicar a aparente anomalia.

A consciencia da sua humildade é, por assim dizer, a nota que mais nos fere e impressiona, quando falamos com um *pope*. Até de longe este sentimento se revela no olhar que nos deitam, quando no desempenho de alguma das suas funcções os vemos atravessar de fugida os povoados, cingidos nas compridas tunicas pardacentas, e como que esforçando-se por evitar vistas indiscretas. Foi esta mesma impressão ainda, que me deixou o *pope* de Vlasievo.

Depois da missa convidou-nos elle a tomar o chá da praxe em sua casa, encantadora vivenda toda cheia de verdura e de plantas floridas, especie de ninho perfumado e tepido, que tão singularmente contrastava com a rudeza, que pela banda de fóra o cercava. A familia compunha-se além do *pope*, da mulher e tres crianças, uma das quaes de peito ainda. Tinham todos a apparencia de *mujiks*, embora um pouco mais civilizados. Mas a singeleza quasi infantil dos modos, a expressão soffredora e triste dos rostos macerados, a ignorancia absoluta e a completa indiferença a respeito do que para além do seu *seló* se passava, conforme tive ensejo de verificar, eram exactamente as mesmas que entre os *mujiks* e igualmente caracteristicas. Elle parecia um Christo de faces emmagrecidas e pallidas, ás quaes dava

expressão de singular melancholia um sorriso meio de amargura meio de resignação. Ella tinha estampada na physionomia toda a submissão das mulheres do povo na Russia, e todos os soffrimentos originados pelo excesso de trabalho e de privações. De resto, ambos sympathicos e obsequiadores em extremo.

No fim de alguns minutos estavam já tão á vontade, como se de ha longo tempo nos conhecessemos. Contaram-nos a sua his-



VENDEDEIRA DE FRUCTA

toria, deram-nos informações sobre o viver dos *mujiks* de Vlasiévo, queixaram-se um pouco, embora de maneira discreta, da sua precaria situação, e mais teríamos ouvido se a chuva, apertando, não nos estivesse a aconselhar como medida de prudencia o immediato regresso a casa, distante ainda um bom par de *verstes*, atravez de florestas e por caminhos que com semelhante tempo deviam achar-se pouco menos que intransitaveis.

E na verdade a volta não foi facil. Imagine-se uma *troika* a galope desfechado pela planicie alagada e em parte coberta por espessos tratos de arvoredos, cujos ra-

mos nos fustigavam o rosto na corrida, e envolvendo esta fugida vertiginosa uma chuva a cair a jorros, que quasi nos sufocava pela violencia e nos impedia de distinguir o caminho que seguíamos. Era um verdadeiro diluvio d'agua n'um oceano de verdura.

Eu tomára assento na *troika* de Inna Dmi-triévná. Os meus companheiros dividiram-se pelos outros carros, e assim conseguimos chegar ao cabo de hora e meia a Koltsovo, com a apparencia de gente que acabasse de sair de prolongado banho. A expressão empregada em casos analogos de «ensopado até aos ossos» não poderia nem de longe dar uma ideia do estado em que nos encontravamos...

D'ahi a dois dias proporcionou-se-nos ensejo de novamente percorrer as florestas, mas em condições mais favoraveis, graças ao tempo que outra vez melhorára. Foi uma excursão para colher cogumellos, que n'esta região da Russia attingem dimensões fabulosas. A colheita foi abundante, e entre as cryptogamicas apanhadas contavam-se algumas muito maiores do que punhos. Pareciam pequenos chapéus, durissimos e de bello matiz avermelhado, o que facilmente os faz distinguir das plantas venenosas, mais mólles e de côr parda. Esta excursão em busca dos cogumellos — *za grybui*, como se lhe chama — permittiu-me observar uma das particularidades mais caracteristicas, que se notam nas florestas russas. Ao contrario do que acontece nas regiões meridionaes, em que a vida se manifesta por toda a parte n'uma exuberancia sem par, no norte a temperatura e a humidade parece que mesmo no verão mantêm a floresta n'um meio entorpecimento, sem calor, sem movimento e sem voz... Ao passar por debaixo d'aquellas arvores frondosas e vecejantes não se sente o cantar d'uma ave. No tapete arrelvado, que cobre o chão, não se vê um insecto, não se percebe o mais leve rumor ou movimento, que denuncie um ente vivo. E' bello, mas é triste; e embora admirando a grandeza solemne d'aquelle spectaculo, nós, a gente do sul, sentimos saudades da aragem calida dos nossos campos, tão cheia de ruidos e de echos animados; da brisa quente que perpassa pelos nossos pinheiraes, em cuja ramaria geme a rôla os seus amores; do chilrear das toutinegras na balseira; do

gorgeio do rouxinol na moita florida; do leve roçar d'azas das borboletas, a esvoaçarem nos prados; do zumbido das abelhas, no vae-vem do seu laborioso giro; das mil vozes indistinctas, emfim, que de cada folha, de cada flôr, de cada fructo, nos enviam a sua nota para o concerto da vida universal...

N'estas regiões da Russia onde me encontrava, nada d'isto se vê; nada d'isto se ouve. Explendidas florestas, campinas luxuriantes, mudas, porém, melancolicas... parece que immobilizadas pela gelada brisa do norte.

Não quer isto dizer que a vida não exista. De modo algum! Nem vão os leitores imaginar pelo que deixamos dito que a Russia é algum deserto, onde só reina o silencio das grandes desolações.

O que quizémos accentuar, para traduzir uma impressão meramente pessoal, foi que na terra russa — do norte, entenda-se — a vida da natureza não se revela com a mesma exuberancia, com a mesma desinvoltura, com que no sul anima a paysagem dos nossos campos, todos elles musica e movimento...

Para encontrar a vida, que nas florestas e nos prados me faltava, tive de ir procural-a n'um elemento que me proporcionou bastantes horas de agradável distracção. Refiro-me á pesca nas *prudes*, pequenas lagoas que se encontram no meio do arvoredo, e onde vivem diversas qualidades de peixe d'agua dôce. N'esta, onde exerci com notavel pericia — a avaliar pelos resultados — as minhas capacidades piscatorias, e que estava situada no proprio parque de Koltsovo, abundavam os *karrásky*, especie de



TYPOS DA PROVINCIA DE MOSCOW



PAIZAGEM DE INVERNO

barbos ao que me pareceram, mas incomparavelmente mais gostosos do que nos ossos.

Com estas pescas na lagoa alternavam-se partidas de caça às narcejas nos paúes, a uma das quaes me ficará eternamente ligada na memoria a recordação do episodio mais comico de toda a minha viagem na Russia. E' o caso que havendo-me Victor Romanovitch induzido a acompanhá-lo a certo sitio, onde o terreno se achava completamente alagado, tive de acceder-lhe ás instancias e calçar umas enormes botas de montar, indispensaveis, segundo elle me affirmava, para a são e salvo poder atravessar o paul. Das minhas botas á europeia, embora eu houvesse escolhido para a occasião as mais reforçadas que trouxéra, sorria-se elle com sobranceiro desdem. Não é facil descrever o que eram essas monstruosas botas moscovitas. Bastará dizer que para que ellas me não caíssem dos pés foi neces-

sario que eu calçasse por cima das minhas proprias meias mais quatro pares de grossas meias de lã, das que de inverno usam os *mujiks*. Ainda assim me ficaram largas, e tão largas, que quando me aventurei no juncal, aos primeiros passos que dei logo percebi a singular situação, em que a minha nimia condescendencia em aceitar semelhantes auxiliares me ia collocar. O terreno, com effeito, era tão pouco consistente que eu sentia-me enterrar a cada passada na vasa, e só com grande difficuldade conseguia continuar o caminho. N'um ponto, em que o solo cedeu mais, afundei-me litteralmente, sendo necessario que Victor Romanovitch corresse em meu auxilio, a levantar-me nos robustos braços para me fazer sair do atoleiro. Mas é aqui que se dá o «feio caso». Com a força herculea, de que dispunha, facil foi ao meu companheiro alçar-me o bastante para me libertar da incommoda posição, que já se ia tornando

um quasi nada inquietadora. N'esta operação, porém, realisada de resto com summa pericia, as botas ficaram enterradas no lodo.

Deixo ao leitor reconstruir mentalmente a scena da minha volta para casa em palmitas de meia, depois de me ter visto obrigado a rejeitar á força o humilhante offerecimento de Victor para me levar ao collo como qualquer *bébé*...

E' tempo, porém, de contar mais circumstanciadamente alguns pormenores da vida campestre na Russia, tal como a pude observar nos dias que passei em Koltsovo. Não tem pretensões a quadro completo as observações singelas que vão lêr-se. Apenas procuram dar a impressão, que em mim produziram na sua realidade palpitante usos e costumes tão diferentes dos nossos em geral, mas também ás vezes aqui e ali apresentando com os da nossa terra, não obstante a differença do scenario, singulares coincidencias que a ethnographia ainda hoje não sabe cabalmente explicar.

Como eu tivesse manifestado logo á minha chegada a Koltsovo desejos de presenciar qualquer funcção ou ajuntamento de *mujiks*, foi-me indicada essa mesma tarde como occasião opportuna para satisfazer a curiosidade, por isso que na *izbá* (1) de Victor Romanovitch, que os nossos leitores já conhecem do capitulo anterior, havia justamente ao que parece festa rija, para solemnizar o fim dos trabalhos, que os antigos companheiros de servidão lhe haviam prestado nas magras leiras. Na Russia, pelo menos n'esta região, ao que pude averiguar, todos são proprietarios — *mujiks* e *barines*. A differença é apenas de quantidade. Emquanto que o antigo senhor possui terras a perder de vista, extensas florestas e cabeças de gado a que não sabe a conta, o servo emancipado pela lei civil, mas cuja situação social não variou em face das inexoraveis leis economicas, apenas possui algumas *archines* (2) de mau terreno e a tradicional vacca, que ainda assim nem sempre é accessorio obrigado da sua minucula propriedade rural. Muito embora! é proprietario e carece do trabalho alheio, que

em circumstancias identicas pagará aos outros com o trabalho proprio. Mas para solemnizar o bom termo do amanho das *suas terras* e na falta de paga á dinheiro, o que não é permitido entre gente da mesma condicção, convida-os o amphitrião a um festim, em que se toca, se dança e se bebe aguardente á descripção — essa terrivel *vodka*, que á sua parte é responsavel por mais de metade das doencas e dos crimes que devastam a terra russa. Foi a uma festa d'estas que eu tive o ensejo de assistir. D'esta vez o amphitrião era Victor Romanovitch, que á sua qualidade de *mujik*-proprietario juntava



CAMPONEZA TRAZENDO LENHA

as de caçador emerito do districto e de guarda das florestas de Koltsovo.

A' sua espaçosa *izbá*, situada quasi no centro da aldeia, começaram a affluir os convidados. Eram camponezes de todas as edades e de ambos os sexos, entre os quaes podia vêr-se mais de um velho mal seguro nas pernas vacillantes ao lado de gente bastante nova. A maioria, porém, era constituida por homens e mulheres na força da vida. Havia também algumas crianças, muito cozidas ás mães, e diversos serviçaes pertencentes á casa de Dmitri Slaviansky. Logo que se acharam todos reunidos começou a funcção, cujo primeiro numero foi constituido por

(1) A cabana dos camponezes russos, em geral feita de madeira.

(2) Medida de extensão.

cantigas, cantadas alternadamente por um rapaz e uma rapariga — uma especie das nossas trovas ao desafio. O thema d'estas cantigas era em geral allusivo a assumptos de amor. Por vezes não era difficil descobrir entre ellas velhas reminiscencias de algum canto mythico, de alguma esquecida lenda pagã. Tambem se referiam a incidentes da vida campesina, como aos trabalhos das sementeiras, colheitas, etc. Tive curiosidade de copiar as mais characteristics e tel-as-hia aqui reproduzido, se porventura fosse possivel trasladal-as, conservando-lhes ainda que só approximadamente o sabor original. E' isto, porém, impossivel.

A lingua russa allia á riqueza de vocabulario tal malleabilidade de composição, que ha matizes de significado e cambientes de expressão, sobretudo no falar do povo, intraduziveis nos idiomas latinos ou germanicos, muito mais rigidos pelo longo exercicio da disciplina grammatical, a que os submeteram seculos ininterruptos de cultura. Os verbos principalmente, com a variedade infinita *d'aspectos* e outros modificativos que lhes transformam por imperceptiveis gradações a ideia principal, são o desespero dos traductores do Occidente, dos que nos tempos que vão correndo ainda teem em alguma conta a probidade litteraria, entendase.

Por isso e com grande magua minha não transcrevo aqui todas as canções de que tomei nota. E que encantadoras eram algumas d'ellas. Lembro-me, por exemplo, das que tinham por objecto celebrar a festa do *kupálo* (1), o nosso S. João, onde os protagonistas são como entre nós um João e uma Maria — *Iván do Márya* (2) — a banharem-se na relva orvalhada, junto ás margens do prateado ribeiro, na madrugada antes do

(1) A festa do solsticio de verão entre os russos.

(2) E' o nome tambem de uma flôr silvestre.

sol nascer; de umas consagradas ás noivas, que começavam assim:

*Não vás, minha alma,
Não vás, meu amor,
Colher fructos ao jardim;
Não apanhes as lindas borboletas,
Nem assustes os passarinhos,
.....;*

das que invocavam em sentidos ritornellos Lado e Lada, as divindades da primavera e do amor.

Havia-as ainda sobre outros temas, porque, aproveitando-se da occasião, e sobretudo estimulados pela presença de pessoas estranhas, os cantadores iam-se deixando arrastar pela inspiração do momento, ajudada de resto como era da praxe pelas competentes libações de *vodka*, e esgotavam em nossa honra o vasto repertorio das suas recordações poeticas. Era o que se póde chamar, guardadas as devidas proporções, um espectáculo de gala, uma função extraordinaria. E' o que explica, que estando nós no verão, e convindo portanto para o caso apenas motivos referentes aos trabalhos das sementeiras, figurassem no entanto todos os variados assumptos que constituem a suggestão poetica da musa popular, desde as historias tetricas em que a *Bába Yagá* é a protagonista, até ás mimosas endeixas em que se descreve a chegada da primavera e a curiosa cerimonia do «baptismo dos cucos» (*krechtchenie kukuchek*).

Não ha raça que possúa tão grande riqueza de cantos tradicionaes como a russa. Emquanto que nos outros povos europeus as recordações dos velhos tempos mythicos, principal fonte onde tem a remota origem toda a poesia popular, se acham obliteradas e esquecidas, na Russia esse manancial de inspiração conserva-se ainda hoje vivo e perenne.





A MISERICORDIA DE LISBOA
DE PAINEL ARVORADO, ESPERANDO OS FERETROS REAES NA ESCADARIA DA EGREJA DE S. VICENTE

A Bandeira da Misericordia

nos enterros reaes

A Confraria da Misericordia de Lisboa, primeira das Misericordias portuguezas, instituida em 1498 em Lisboa, pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II, e por iniciativa do seu confessor o frade valenciano Miguel Con-

treiras, da Ordem da Santissima Trindade, estatuiu no seu compromisso, entre varios encargos de piedade, o de enterrar nas suas tumbas ou esquifes os pobres e os justicados, assumindo igualmente o dever de conduzir á ultima jazida os cadaveres dos seus irmãos fallecidos, acompanhando-os a Confraria processionalmente, de bandeira arvorada na frente do funebre prestito.

Como em outras práticas, a Confraria

portugueza de Misericordia, fundada nos fins do seculo xv, imitava o exemplo notavel de obras pias, que lhe apontavam nos seus notaveis estatutos as venerandas Confrarias ou *Archi-confraternità della Misericordia* italianas, cujo inicio remonta ao seculo XIII, e das quaes uma das primarias obrigações era assistir aos supplicados no momento da execução e dar sepultura aos cadaveres dos executados, dos pobres e dos irmãos.

A Toscana foi, segundo se diz, a primeira patria destas Confrarias, de que se tornaram notaveis a de Florença, a de Roma e milhares das que se estabeleceram na Italia, na Espanha, em Portugal, e em todos os seus extensissimos dominios

Charles Hautefort, no seu curioso livro de viagens ácerca de Lisboa e Madrid, escripto

em 1814, cita com entusiasmo os relevantes e extraordinarios serviços da Misericordia de Florença, onde ainda hoje, reunidas as Confrarias na *Federazione*, conservam alguns dos antigos costumes e usanças. Eugène Muntz numa relação de viagem na Toscana em 1886



BANDEIRA
DA MISERICORDIA
(Face)

no *Tour du Monde*, descreve os irmãos d'aquella Misericordia, com sua capa e capuz, pedindo esmola para os pobres e encarcerados.

No desempenho da sua missão piedosa a Misericordia de Lisboa, logo que recebia aviso da morte de algum dos seus confrades, mandava sair tres moços do esquife, os quaes, de balandrau preto, como os irmãos dos Fies de Deus, com uma

cruz preta bordada no peito, corriam a cidade a dar aviso aos irmãos da Confraria para concorrerem ao sahimento. Levavam o aviso affixado n'uma cruz, que empunhavam no braço esquerdo, descançando-a em correias. Iam de chapéu armado de oleado preto, e tangiam com a mão direita uma campainha.

No enterro abria a marcha o homem de serviço, chamado *moço do azul*, em razão da capa ou balandrau azul que o revestia, tangendo a campainha, depois o irmão com a vara preta, e a bandeira da irmandade arvorada, com dois tocheiros aos lados, o capellão, os irmãos, a tumba levada por seis dentre elles e ladeada por seis tocheiros, e ao cabo outro moço do azul com a caixa, pedindo em voz alta esmola para as obras de misericordia.

Como os reis e principes sempre se honraram com o titulo de irmãos e protectores da piedosa Confraria, claro está que, segundo o compromisso o ordenava, a Irmandade occupava nos sahimentos regios um lugar proeminente. Em todos os cerimoniaes que se encontram dos enterros de pessoas da familia real se lê sempre, que á porta do templo onde os corpos vão ter ultima jazida, em Belem ou em São Vicente, os aguardaria a Confraria da Misericordia, com o Provedor e insignias (que são a maça de prata, a campainha e a bandeira) trazendo o andor ou esquife, forrado de brocado e galões de ouro, para nelle receberem o ataúde logo que o retirem do côche funerario, entregando-o os officiaes da casa aos cuidados da irmandade.

Esta, levantando o esquife aos hombros, o conduz até ao cruzeiro, collocando-o na eça.

Apesar de ter sido extinta a Confraria, pelo decreto de 11 de agosto de 1834, em que Joaquim Antonio de Aguiar, o eminente liberal, aniquilou de um rasgo de penna, a fórma essencial desta secular instituição, apesar de nunca mais ter sido reconstituída, ainda hoje, como ha pouco se viu, se mantem nos programmas do ceremonial dos enterros reaes o logar que tradicionalmente pertence á *Irmandade da Misericordia*.

Ainda nos funeraes do rei D. Carlos e de seu filho o principe Luiz Filippe, em 8 de fevereiro ultimo, os jornaes da capital noticiavam que a *Irmandade da Misericordia* aguardava os feretros na egreja de S. Vicente. No programma official publicado no *Diario do Governo* fala-se egualmente na extinta Irmandade como se tivesse ainda hoje existencia real a antiga Confraria.

Em obediencia a esta praxe tradicional, imposta pelo *Diario do Governo*, a Provedoria vê-se obrigada a organizar com o pessoal menor da casa uma supposta irmandade. Revestem-se aquelles empregados com as capas pretas, já muito velhas e usadas, dos antigos irmãos, e de bandeira alçada, com as insignias da vetusta Confraria, postam-se no primeiro degrau da escadaria da egreja de São Vicente, esperando os ataudes, que segundo a pragmatica lhes vão ser confiados.

Por muito tempo, depois de extinta a Confraria, os irmãos que persistiram após o celebre decreto de 11 de agosto de 1834, acudiram aos enterros dos confrades de que a Misericordia continuava a incumbir-se. Pouco a pouco fôram morrendo todos. Um dos ultimos foi o barbeiro Costa da rua de São Ro-

que, e o ultimo, segundo parece, foi o velho marquez de Ficalho. Ao primeiro fez a Misericordia o enterro, ficando o corpo depositado na egreja de São Roque, onde a collegiada, como era uso, o recebeu, rezando-lhe os responsos funebres.

Extinta a Confra-



BANDEIRA
DA MISERICORDIA
(Reverso)

ria e mortos os irmãos, desapareceu da capital o popular espectáculo das procissões da Misericordia, tão curiosas nos annaes da an-

tiga religiosidade portugueza.

Deixou de apparecer em publico a famosa *bandeira da Misericordia*, tão celebre a ponto de ganhar fóros de symbolo litterario, pelo privilegio que possuia de, abatendo so-

bre o condemnado, lhe dar immidade e salvamento.

As procissões e a exhibição publica das vestes e insignias destas Irmandades, vêem-se ainda hoje em muitas terras de paiz, por

de quando em quando. Julio Lourenço Pinto, no seu livro *O Algarve* descreve com algum exagero o aspecto extranho desta anachronica procissão, que sae á noite, á luz de vélas e de lanternas tristónhas.

A bandeira, tal como desde 1575 se ordenou que se pintasse, tem de um lado o quadro do descendimento da cruz, com a imagem da Senhora com o Christo nos braços, e da outra, que é a que vai para diante, a figura de Nossa Senhora, Mãe de Misericordia, de mãos juntas e levantadas, extendido o seu grande manto, cujas pontas são sustidas por anjos, e debaixo d'elle, acolhendo-se, de um lado, o pontifice, bispos, cardeaes e frades trinitarios, e da outra o rei, a rainha e muitas figuras de nobreza e povo. Entre os frades ha um que tem na orla do habito, as lettras *F. M. I.*; allude esta figura ao frade Miguel Contreiras, instituidor, significando aquellas lettras *Frei Miguel Instituidor*.

Ainda hoje existem dois paineis, que se conservam no Museu da Capella de São João Baptista, da igreja de São Roque, sabendo-se que o mais moderno foi pintado em 1784 pelo pintor Manuel Pereira Pegado. Um destes paineis colloca-se no templo de São Roque, no cruzeiro, nos dias 17 de novembro e 13 de dezembro, quando, segundo o compromisso, se rezam alli os officios por alma dos regios instituidores, a rainha

D. Leonor e el-rei D. Manuel.

Esta mesma bandeira, que figurou no prestito civico realizado em 1898, por occasião do Centenario da India, e nos sahimentos dos ultimos reis D. Fernando, D. Luiz I e D. Carlos I, era a que acompanhava á forca os padecentes. Lugubre e triste o prestito



FREI MIGUEL CONTREIRAS, O INSTITUIDOR DA MISERICORDIA
(Quadro de Carlos A. Leoni, na Bibliotheca Nacional)

onde as confrarias se conservam com o seu caracter essencial de associações religiosas.

No Algarve, em Faro por exemplo, na semana Santa, saem as procissões de endoenças e do enterro, indo os irmãos com seus balandraus com capuz a cobrir a cabeça e o rosto, e á frente uma matraca tangendo

que então sahia da Misericordia, levando organização igual á dos sahimentos funebres, conduzindo o capellão a imagem do Santo Christo de marfim, o *Christo dos pa-decentes*, como lhe chamavam, para o dar a beijar repetidas vezes ao condemnado.

Ia a irmandade, ia toda a collegiada até ao logar sinistro das execuções, que teve em Lisboa varios paradeiros, em Santa Barbara, em Santa Clara, na Ribeira e no Caes do Tojo.

Em 1842 viu-se pela ultima vez na capital este medonho espectáculo. Castilho, na *Revista Universal Lisbonense* (1842, pag. 350) descreveu-nos com as côres vivas da sua palheta, a scena lastimosa da execução do Mattos Lobo. Abriam a marcha a campai-nha da Misericordia, e as alcofas pedindo esmolos; depois a Confraria de painel arvo-rado, o crucifixo alto, o condemnado na cadeira conduzida por dois pares de força-dos que rojavam tristemente os seus grilhões; depois os *carrascos* de calça e sobrecasaca

preta, collarinhos der-rubados, cabeças des-cobertas e nas mãos as górras pretas, agaloadas de amarello, e por fim a justiça, a infantaria e a cavallaria.

Finda a execução era o corpo do justi-gado conduzido na tumba pelos moços da Misericordia aos seus an-tigos cemiterios privati-vos no cimo da Calçada de Sant'Anna e junto ao postigo da Graça, fóra das muralhas, a S. Vi-cente.



UM IRMÃO
DA MISERICORDIA DE LISBOA
EM 1827

E' tão rara e escassa a

(*Segundo o inglez Kinsey*)
nossa iconographia historica, que, bom serviço será por certo, reunir nestes artiguinhos sobre cousas nacionaes, as reproducções de algumas estampas ou desenhos antigos que os illucidem graphicamente. Nas gravuras que acompanham o presente artigo damos, além da representação photographica da bandeira mais antiga da Misericordia de Lisboa, e do retrato de Fr. Miguel Contreiras pintado em 1766 por Carlos Augusto Leoni, quadro existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, o aspecto de um irmão da Misericordia em 1827, segundo uma das nove estampas cloridas que acompanham o livro bastante raro do inglez Kinsey, intitulado — *Portugal illustrated, in a series of letters*, London 1829. Indicou-me este documento graphico o sr. Anibal Fernandes Thomaz, de cujo exemplar foi feita a reprodução da curiosa estampa.

Não existe a obra de Kinsey na Bibliotheca de Lisboa, mas ha um exemplar dela na bibliotheca da Universidade de Coimbra. O desenho do irmão da Misericordia no livro de Kinsey, terá o seu tanto de phanta-

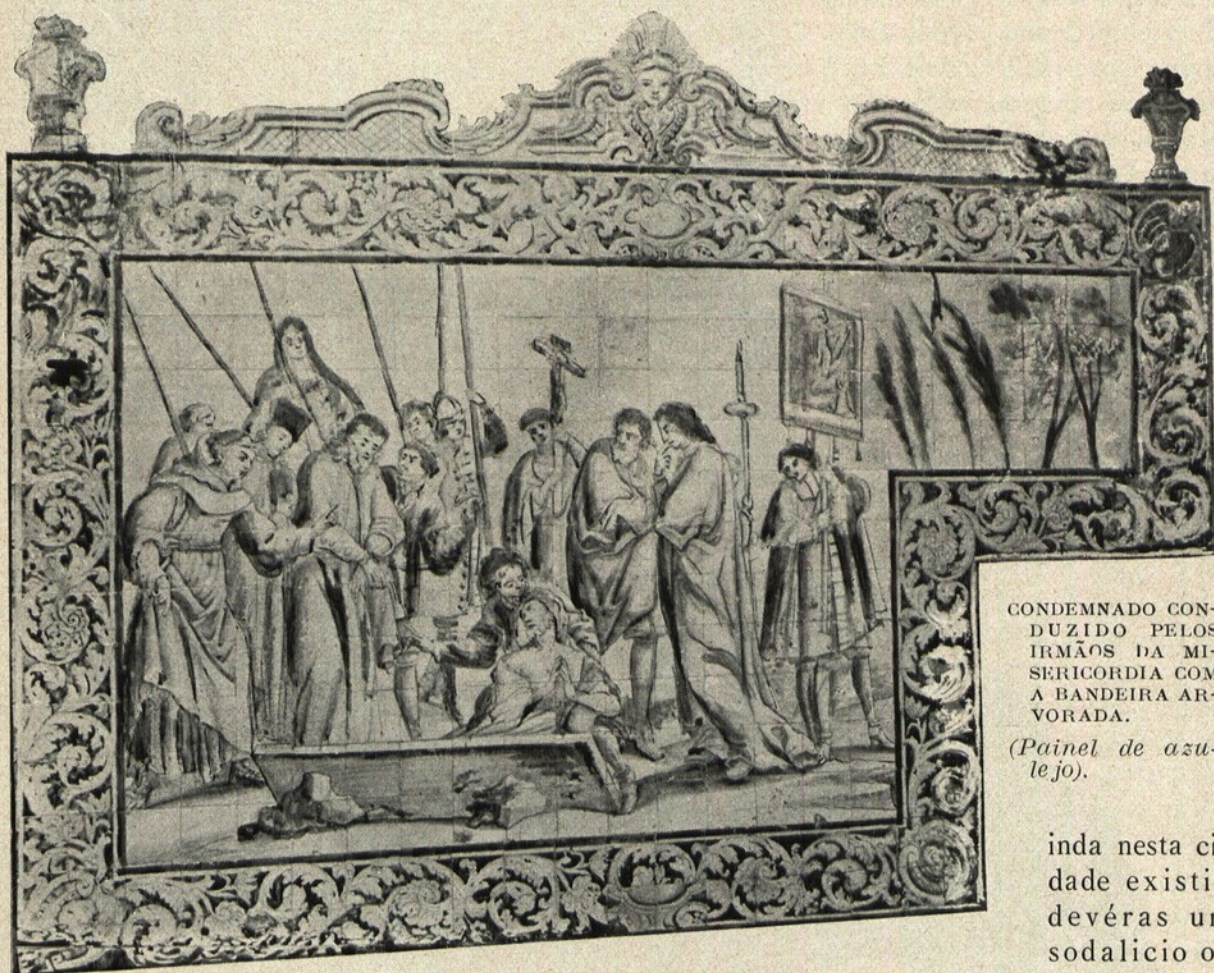


UM IRMÃO DA MISERICORDIA DE FARO
COM O CAPUZ E O PAINEL

sia, mas á falta de outros, aproveitámo-nos aqui.

Outra das nossas gravuras reproduz um interessante quadro em azulejos, da igreja de Santo Antonio do Estoril, representando a scena tradicional da vida do Santo, em que este, surgindo ante o prestito que levava seu pai á forca, evoca o assassinado da sepultura a declarar a falsidade da imputação do crime ao condemnado Martim de Bulhões. No quadro vêem-se as figuras re-

com o costumado desconhecimento asseveraram ser a Irmandade da Misericordia, de ha tanto tempo extincta, suscitou a attenção dos estrangeiros, como facto curioso de costumes tradicionaes portuguezes. Na culta Italia, no historico burgo da antiquissima Toscana, em Lucca, esta noticia despertou o vivo interesse do sr. conde Cesare Sardi, o presidente *della federazione delle Misericordie*, que logo se dirigiu em officio ao Provedor da Misericordia de Lisboa, indagando se



CONDEMNADO CONDUZIDO PELOS IRMÃOS DA MISERICORDIA COM A BANDEIRA ARVORADA.

(Painel de azulejo).

inda nesta cidade existia devéras um sodalicio ou comunidade

representativas dos irmãos da Misericordia com a respectiva bandeira, anachronismo singular, com que o pintor entendeu completar o quadro, na conformidade dos usos do seu tempo, sem attender á epocha dos acontecimentos que estava desenhando.

de Misericordia, envergando os irmãos as vestes negras, e exercendo obras de caridade, analogo portanto ás antigas confrarias da velha Italia medieval, hoje reunidas na federação de que o mesmo conde Cesare Sardi occupa a honrosa presidencia.

O apparecimento das vestes negras da extincta Irmandade da Misericordia de Lisboa, em São Vicente de Fóra, no enterro de D. Carlos, relatado nos jornaes, que,

Eis, como o exercicio anachronico e quasi direi illegal, de uma velha pratica que a tradição conservou na insciencia rotineira dos cerimoniaes publicos, veiu provocar o interesse historico de estrangeiros estudiosos. Felizmente a instituição perfeitamente nacional e tão benemerita das *Misericordias* teve entre nós os seus chronistas. O meu bom



UM ENTERRO FEITO PELOS IRMÃOS, A' SAHIDA DA EGREJA DA MISERICORDIA DE LUCCA

amigo sr. Costa Goodolphim, bem conhecido e auctorizado mestre de assumptos associativos no nosso paiz, compendiou no seu livro *As Misericordias*, publicado em 1898 na collecção do *Centenario da India*, a noticia de todas as instituições desta natureza que existem no reino, e o autor deste artigo, na sua obra *A Santa Casa da Misericordia de Lisboa*, que se publicou em 1902, historiou documentadamente a vida e os benemeritos serviços da antiga Confraria de caridade da capital portugueza.

Sciante pela elucidativa resposta, da existencia actual das

misericordias portuguezas, a commissão organizadora do Congresso das Misericordias da Toscana, que se realizou em Pisa de 26 a 28 de setembro, n'um impulso de exemplar confraternidade internacional, enderessou á Misericordia de Lisboa uma circular-convite para a sua grande *Festa Federal*.

N'aquelles dias sollemnes, dizia o convite, a cidade de Pisa, custodia das mais nobres tradições, orgulhar-se-ha de receber com carinhos hospitaleiros os representantes da generosa milicia da caridade, que alli vão reunir-se n'um congresso fes-

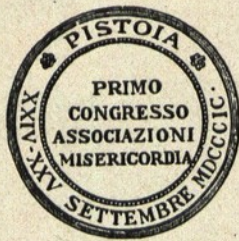


O CONDE CESARE SARDI

Presidente da Federação das Misericordias da Toscana

tivo para celebrar o 20.º anniversario da Federaçào.

D'esta maneira, as venerandas Misericor-



MEDALHA DO 1.º CONGRESSO
DAS MISERICORDIAS ITALIANAS EM PISTOIA

(Face e reverso)

dias da velha Italia, congregadas mais uma vez n'um Congresso, em que se affirmou a solidariedade e a vitalidade progressiva da instituição piedosa, enviando n'um fraternal amplexo á Misericordia de Lisboa, a mais antiga das Misericordias portuguezas, a circular convite e o programma da sua *Festa Federal*, procuraram enlaçar n'uma affectiva solemnidade todos os *fratelli* que, pela santa causa da humanidade, lidam em regiões e paizes diversos, formando corporações e institutos analogos, subordinados pela tradiçào histo-

rica aos mesmos fins da velha caridade christã, ou transformados pela evoluçào dos tempos e dos costumes em modernos agentes da beneficencia publica.

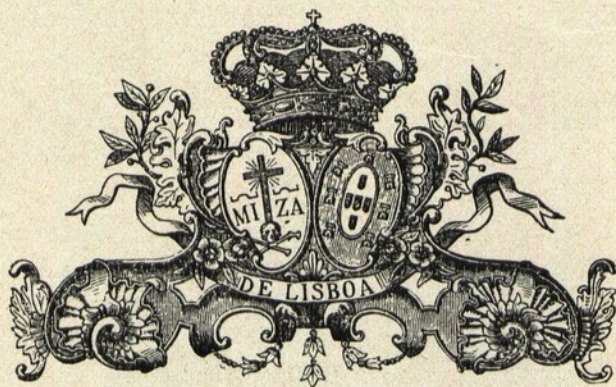
Tambem em 1908 as Misericordias do nosso paiz, por iniciativa da Misericordia do Porto, se reuniram fraternalmente, realizando o 1.º Congresso Portuguez de Beneficencia.

E' dever nosso, registrar, com patriotico agradecimento, esta singular distincçào que as Misericordias Italianas acabam de conferir á instituição similar portugueza, ligando mais uma vez as tradições dos dois povos irmãos pela raça e por todas as affinidades historicas e sociaes.



BRASÃO DE QUE USA A
FEDERAÇÃO DAS MISERICORDIAS ITALIANAS.

VICTOR RIBEIRO.



BRASÃO DA MISERICORDIA DE LISBOA

Os direitos da mulher japoneza



QUESTÃO feminista predomina hoje em todo o mundo. As mulheres estão universalmente reflectindo sobre as suas relações com a sociedade, e perguntam a si proprias se são postergados os seus direitos aos bens do mundo. A evolução de mulher na Europa foi notavelmente repentina e tomou-nos a todos de surpresa. Ignoramos aonde nos conduzirá, mas o seu alcance melhor se aprecia, estudando a situação da mulher em outras partes do mundo, onde ainda prevalece o antigo nível, acima do qual mal se elevavam d'antes nossas proprias mulheres.

Offerece pois um grande interesse a especie de relatório que sobre a situação da mulher japoneza, escreve um japonês illustre, Naomi Tamura, educado no estrangeiro e convertido ao christianismo. Foi essa critica publicada recentemente, por occasião do seu regresso á patria. Eis o que elle diz sobre o assumpto:

«No Japão, entre dez mulheres, nove obedecem aos maridos, não por vontade, mas por medo. Raras vezes os estrangeiros penetram n'um lar nipónico, e isto porque os meus compatriotas tem toda a cautela em não lhes mostrar o seu viver de familia.

CASAMENTOS POR AMOR

«Os casamentos de amor não existem no Japão. Ha sem duvida casos em que marido e mulher aprendem a amar-se depois do casamento; isto porém é simplesmente um



acaso. Quando sabemos de um homem que casou por amor, consideramos-o uma creatura abjecta e immoral; o pae e a mãe tem vergonha d'elle. A opinião colloca o amor da mulher n'um grau infimo da escala moral. E' lamentavel que não possamos entender a differença entre o amor e a paixão. Não nos é dado comprehender a doçura do amor conjugal.

«Mantemos quanto possivel a pureza do sangue. Antes de contrahir casamento, estudamos cautelosamente a genealogia da futura consorte. A mulher, que não poder dar provas de *sangue azul*, tem poucas probabilidades de conseguir um bom casamento. Assim como os judeus tem prosapia em traçar a sua linhagem desde Abraham, assim se gloria o japonês de ter na familia algum antepassado celebre. Esta é tambem a razão por que nós respeitamos nos nossos paes os individuos que preservaram e nos transmitiram a honra de todas as gerações prete-

ritas. O casamento torna-se pois para nós uma instituição indispensavel, por isso que o pae tem de transmittir e dar a seu filho o nome que não deve perecer. A este intuito do casamento se subordinam todas as outras considerações.

«Os rapazes teem a ambição de ser paes, e os paes tamanha ancia de ver os filhos casados que consomem a maior parte da vida nos esforços de attingir este fim. Aos dezoito annos é dever do filho mais velho tomar esposa e seguir o trafico ou a profissão do pae. Um pae que tem apenas uma filha trata de lhe arranjar marido a todo o transe; mas n'este caso a filha, em vez de acompanhar o marido, tral-o para casa do pae, com o proposito de perpetuar o apellido de familia da mulher.»

A MULHER JAPONESA NO LAR DOMESTICO

«Durante a mocidade, uma barreira social, forte como a muralha da China, separa os dois sexos. Até aos seis annos, ainda se permite que rapazes e raparigas vivam em commum, mas o rapaz é sempre o chefe. Nossas mães costumam ensinar ás filhas que ellas são inferiores aos rapazes. O rapaz chama a irmã pelo nome, mas esta, quando se dirige ao irmão, usa do tratamento de *Ani Sau* — o senhor irmão. Quando jantam juntos, o irmão occupa á meza o lugar de honra; de ordinario comtudo, pae e filho jantam juntos, servidos pela mãe e pela filha. Passados os dez annos, os dois sexos vivem apartados.

«A propria palavra *mulher* considera-se deshonorosa; applica-se este epitheto a um

homem nescio ou estúpido. A mulher não se occupa em negocios politicos; temol-a até por indigna de influencia dentro da sua propria casa. Com taes idéas, comprehende-se porque não podem existir amizades entre homens e mulheres. Em Tokyo, quando eu visito uma menina, os paes vigiam-me com a sollicitude de um policia. Portanto não lhe posso dar uma palavra. Ainda no caso de nos encontrarmos a sós, de que serviria isso? Terei eu que fazer todas as despezas de conversação, porque ás mulheres japonezas se ensina que devem guardar o silencio na presença do homem. Não que a japoneza seja menos faladora que a sua irmã de outras terras, mas em frente dos homens fica intimidada e muda. Não se pense que as japonezas são estupidas, o que ellas não teem é a pratica de vida social.»



NÃO EXISTE A LUA DE MEL

«Ha treze artigos de fé que uma mãe ensina á filha antes da cerimonia matrimonial. Incluem a humildade, a polidez, a obediencia ao marido, a amabilidade para com a sogra e a cunhada.

Para os recém-casados não ha lua de mel. O primeiro mez seguinte ao casamento está longe de ser, especialmente para a noiva, um periodo de bemaventurança conjugal. Nos primeiros dias mal troca uma palavra com o marido, respondendo apenas *sim* ou *não* ás perguntas que elle faz. No quinto dia, applica-se a trabalhos de costura para mostrar á sogra o seu adeantamento n'esta arte. Uma semana depois do casamento, visita os paes e com elles passa uns dois ou tres dias. Succede ás vezes ella não querer voltar para o marido, e n'este caso utilisam-se os serviços de um *nakodo* — amigo que

desempanha o papel de casamenteiro — para effectuar a reconciliação ou o divorcio.»

A VIDA CONJUGAL

«No Japão conhece-se n'um volver de olhos se uma mulher é casada ou solteira. Depois de casada, penteia-se de uma fôrma differente, chamada a *maruwaga*, que lhe dá mais dignidade. Põe de banda os vestuarios de menina para adoptar um kimono mais serio e côres mais discretas. Deve rapar as sobrancelhas, e antigamente até costumava pintar os dentes de negro. Attribuem alguns este costume á crença das japonezas de que os dentes negros e os olhos sem sobrancelhas as tornam mais bonitas; outros suppõem que a mulher deseja provar ao marido que lhe permanecerá fiel destruindo a propria belleza.

«Os juvenis casados não estabelecem casa á parte, mas vivem em casa dos paes do marido. E' uma origem de infelicidade para a noiva. As sogras mostram pouco affecto ás noras. Velam pelo seu procedimento quotidiano, e encontram-n'as sempre em falta. Dão-lhes ordens como se fossem creanças, sobre o modo de andar, de comer, de manejar os pausinhos de arroz, de fazer cumprimentos. A uma japoneza é mais difficil agradar á sogra que ao marido. A joven esposa está longe de passar a vida em ociosidade. Desde pela manhã cedo até altas horas da noite, emprega-se a cosinhar, a fazer limpezas, a cozer. Quando o marido sae ou entra, é ella que lhe prepara e lhe arruma o fato. A meza não trata senão das commodidades d'elle, e constantemente se esforça em lhe tornar o lar tão agradável quanto possível.

«O divorcio é facil. Bastam como motivos a desobediencia ao sogro ou á sogra, ou até a loquacidade ou o furto. Se um marido se aborrece da mulher, não precisa outra causa nem tribunal algum para decidir a questão. O divorcio depende tão sómente da vontade do marido. Não

tem mais nada a fazer senão pedir ao casamenteiro que informe os paes da consorte do seu desejo de se separar, e recambiar a mulher para casa do pae.»

MÃES E MATRONAS

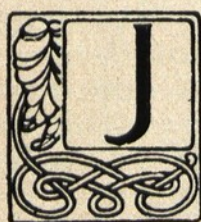
«Se a mulher é pouco estimada como consorte, prosegue o autorisado critico japonês, merece, como mãe, um grande apreço. Como a descendencia é a questão mais importante na familia, o maximo desejo de uma esposa japoneza é a maternidade. O nascimento de um rapaz melhora completamente a sua situação. O marido e a sogra tratam-n'a com o maior carinho, e, ainda que ambos lhe tenham odio, nunca mais, por amor da creança, reclamarão o divorcio.

«Mas, para a mulher japoneza, tempo vem em que ella se torna realmente livre. E quando chega aos cincoenta annos. Chamam-lhe então *go inkio sama* (*go*, particula honorifica; *inkio*, retirado da vida activa; *sama*, senhora). Toda a gente a trata com respeito. Pode ter tudo quanto deseja, e até lhe é licito ir ao templo buddhista ou ao teatro. A virtude predominante dos japonezes é o respeito pela velhice. O que uma japoneza deseja pois, sobretudo, é envelhecer, para se tornar uma *go inkio sama*.»



Considerações sobre a moderna sismologia

O invento d'um pára-tremoresdeterra — A previsão sismica?
Os abalos sismicos no mar



J á n'um numero dos *Serões* mostrámos que, apesar de ser Lisboa uma cidade propensa a abalos sismicos, pouco ou nenhum interesse nos offereciam as indicações regulamentares, sobre construcções para as regiões de grande sismicidade, elaboradas pela Italia, Japão, Philippinas. etc. Não nos devemos admirar d'isto; pois que estando estabelecida a tracção electrica, ha cerca de oito annos, prejudicando vitalmente os estudos do magnetismo terrestre, nada se fez até hoje em prol dos trabalhos magneticos! Circumstancia esta que bastamente tem contribuido para ensombrar o bom nome, que o paiz tinha conquistado lá fóra n'este ramo da physica, á custa de aturado e fecundo trabalho do fallecido almirante João Capello. Este facto só por si revela bem a pouca attenção que o paiz dedica á sciencia e áquelles que trabalharam pelo seu engrandecimento. Crêmos mesmo que, se não fosse a pouca importancia dada a estes serviços (caracteris-

tico peculiar do nosso espirito meridional), a companhia da tracção electrica não se teria desobrigado de supprir com a verba necessaria a fundação d'uma casa (pavilhão) e demais installações analogas áquellas que inutilizou.

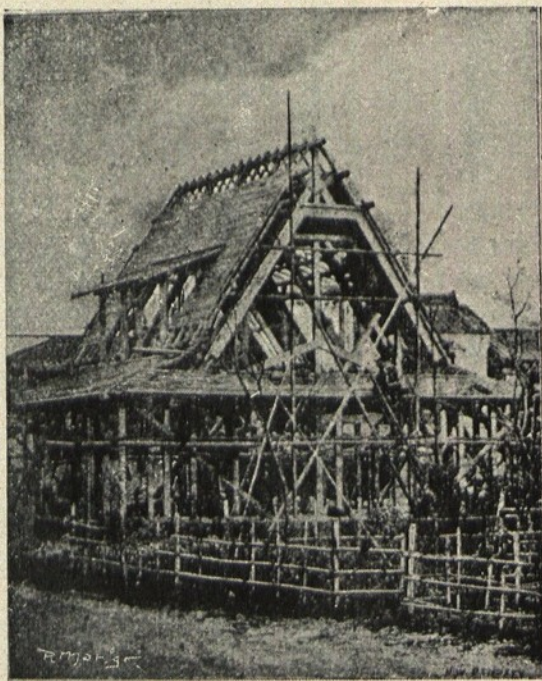
Porém, muitas vezes, estas microfaltas (para a maioria da gente) acarretam prejuizos gravissimos. Senão vejamos!

Em 21 de outubro de 1907, um violento tremor de terra assaltou o Turkestan russo, fazendo immensos destroços.

O seu epicentro (ponto na superficie terrestre que corresponde verticalmente ao centro do abalo) occorreu no Khanat de Hissar, onde deixou traços bem terriveis; as duas cidades Karatague e Kafiringane, distantes algumas dezenas de kilometros, foram por completo devastadas.

Na cidade de Karatague, que dista 200 a 300 kilometros do epicentro, a destruição foi total deixando ficar tudo em ruinas; rochedos enormes resvalaram do cimo das montanhas vindo despedaçar-se sobre o solo, abrindo-lhe amplas fendas.

Mas, tudo isto é



A MODERNA CONSTRUCÇÃO NO JAPÃO

nada relativamente á enormidade do cataclysmo! O verdadeiro paroxysmo, de que resultou o numero excessivo de 4:000 victimas, deve-se sobretudo aos edificios serem construidos de pedras ligadas com terra argilosa, de modo que todas as construcções, n'uma área de dez kilometros quadrados, ficaram integralmente arrasadas. Bello ensinamento para o nosso indifferentismo!

O sismogramma, que traduz o tremor de terra e de que apresentamos adeante um schema, foi registado no Instituto de Geographia physica da Universidade de Moscou, que lhe fica distante 4:800 kilometros. As oscillações duraram quarenta e quatro minutos.

Conforme o parecer do professor Leisten, director do observatorio geographico da mesma Universidade, os tremores de terra, no Turkestan, são frequentes, parecendo serem d'uma origem tectonica, isto é, proveniente da deslocação das camadas terrestres, occasionada por as montanhas não terem adquirido a devida estabilidade e não estarem bem equilibradas.

Embora a origem dos tremores de terra seja ainda mysteriosa, presume-se comtudo que elles tenham, como causa generica, os movimentos de deslocação que deformam a crusta terrestre.

Os phenomenos sismicos são attribuidos, pela maioria dos especialistas, a uma convulsão subita na consecução ininterrupta dos phenomenos da retractilidade interior e dos accidentes da tectonica exterior, que são a sua repercussão; sendo a rapidez e a amplitude da convulsão (testemunho eloquente da contínua contracção do nucleo da Terra) as causas promotoras d'estas catastrophes.

O desaccordo primordial está, entre os sismologistas, na intima connexidade ou desconnexidade dos tremores e vulcões.

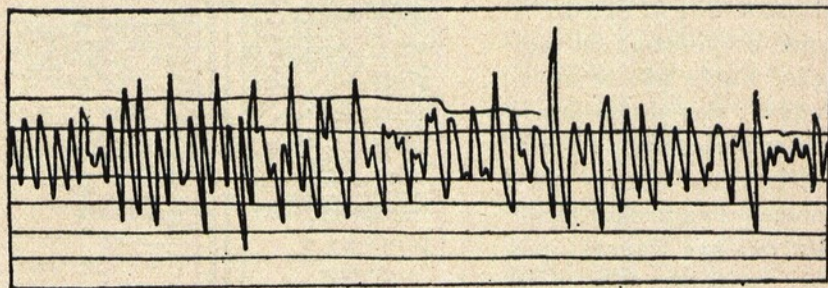
Meunier, Gerland, Séé e outros consideram os tremores de terra de origem vulcanica; De Launay acha que os tremores não tem intimidade alguma com os vulcões.

Todavia Hoermes, o illustre professor que dictou a nomenclatura mundial da sismolo-

gia, é de parecer que os tremores de terra podem ser: *vulcanicos*, isto é, eruptivos; de *submersão*, resultantes dos phenomenos da dissolução subterranea; e por fim *tectonicos*, provenientes da deslocação das camadas terrestres.

Mas á medida que o progresso vae fazendo com que os instrumentos nos forneçam dados cada vez mais rigorosos para a investigação dos phenomenos geophysicos, outros obstaculos surgem.

Assim, a extrema sensibilidade dos sismographos, revelando-nos observações de phenomenos longiquos, apresenta o ponderoso inconveniente — introduzindo a confusão — de que os aparelhos registem toda a sorte de movimentos, dos quaes alguns nada tem com os tremores de terra.



O SISMOGRAMMA DO TREMOR DE TERRA DE KARATAGUE EM 21 DE OUTUBRO DE 1907

E devido a essa extrema sensibilidade foi que o professor Rossi chamou ultimamente a atenção para a concordancia possivel entre os movimentos microsismicos e as variações da pressão atmospherica.

Elle notou que, em tres annos consecutivos, nunca depressão alguma barometrica tinha occorrido sem ser immediatamente precedida, acompanhada ou seguida por um movimento microsismico. O eminente professor italiano denominou estes effeitos *baro-sismicos*. Mais tarde o emerito sismologista japonês, o professor Omori, classificou estes movimentos microsismicos *d'oscillações pulsatorias* por ellas se afigurarem ao bater do pulso.

*
*

O que vale, porém é que a indiferença, relativa aos estudos de que nos fizemos echo, não ultrapassa muito as fronteiras, porquanto, ha pouco, na Italia tentavam ob-

ter palliativos para attenuar os effeitos destruidores de tão perigosos desastres, e na França acabava de ser presente na Academia das sciencias de Paris pelo sr. Wolf um trabalho sobre a *previsão dos movimentos sismicos* do dr. Nodon.

N'aquella ordem d'idéas foi levantada a questão, já abordada em 1896, dos inventos d'um antivulcão e d'um pára-tremoresde-terra.

Estes inventos derivaram naturalmente da maxima de Fontenelle que dizia: «Que a melhor maneira de explicar a Natureza seria, podendo ser, contra-fazel-a, dando logar a produzir os mesmos effeitos ás causas que se fossem conhecendo e que estivessem em acção. Então não se adivinhava; mas ver-se-ia pelos proprios olhos e ficar-se-ia certo que os phenomenos naturaes tinham as mesmas causas que os artificiaes ou pelo menos causas não remotas».

Com effeito, assim como o illustre physico Franklin inventou o pára-raios, subjugando o raio atmospherico, assim o abbade Bertholon queria construir o *pára-tremoresde terra* para dominar o raio subterreauo.

O pára-tremoresde-terra consistia no estabelecimento de poços, nas regiões assoladas pelos phenomenos sismicos, de grande profundidade até attingirem a camada d'agua, onde, segundo o inventor, se armazenam os estampidos subterreanos.

Os diversos canaes, em que se ramificava o conductor central, além de terminarem na camada d'agua, eram tambem atravessados por uma haste metallica, bem como este conductor, de modo a conduzir para o exterior o raio subterraneo.

Eis, em poucas palavras, o invento do

abbade Bertholon que, não obstante a unanime approvação de diversos sabios, teve de ser abandonado pelo seu enorme custo, pois nenhum governo teria a coragem de aggravar o seu orçamento com tão dispendiosa verba.

Como, em 1898, Levin tivesse a idéa de crear vulcões artificiaes, nas proximidades da agua, com o fim de estabelecer valvulas de descarga para reprimir os vulcões naturaes; este lembrou-se de conjugar o seu invento com o do abbade Bertholon, lançando á publicidade, em 1896, um outro, producto dos dois acima mencionados.

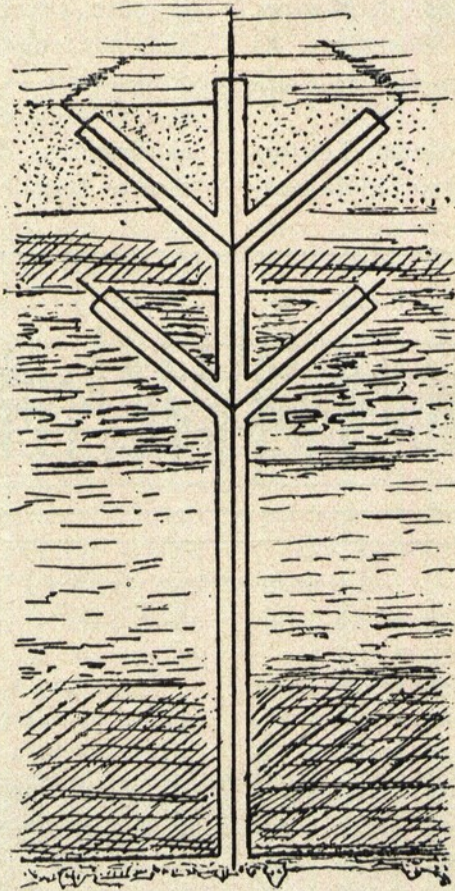
N'este caso, ao poço central do abbade Bertholon era adicionado na parte superior tantos canaes quantos existiam na parte inferior, servindo para assim dividir a energia electrica, de sorte a conduzil-a á superficie do solo, diminuindo os perigos que podia occasionar o raio.

Installado nos locaes, onde ha vulcões, elle tinha por fim diminuir a potencia com que as lavas veem impulsioadas.

O principio para a previsão dos movimentos sismicos, estudado pelo dr. Nodon consiste:

Em dispor um electrometro, perfeitamente isolado e carregado com um potencial positivo invariavel, n'uma caixa de Faraday ligada com a terra. A tomada exterior do potencial é feita n'um cylindro de papel parafinado. O aparelho póde estar disposto n'uma casa fechada.

Se as cargas, no solo e no ar, variam, a agulha do electrometro accusará essas variações por movimentos oscillatorios mais ou menos rapidos; sendo a amplitude da oscillação proporcional ás variações da carga local.



SCHEMA DO PARA-TREMORESDE TERRA DO ABBADE BERTHOLON

O auctor admitte: que as oscillações são rapidas e de grande amplitude, havendo perturbações sismicas; e que será a amplitude tanto mais pronunciada quanto mais proximo estiver o abalo. Por este processo, elle fez a previsão com bastante rigor dos tremores de terra occorridos em 17 de junho (Gibraltar) 15 de agosto e 13 de dezembro de 1907 (França).

O auctor conclue mais que, se possuísse registadores baseados no seu principio, era provavel que pudesse tirar conclusões interessantes dos resultados obtidos.

* * *

Os abalos sismicos não são exclusivos apenas da terra firme; o mar tambem está sujeito a abalos conforme revelaram os notaveis estudos do dr. Emil Rudolph que os pode apreciar, após perseverante trabalho.

Para exemplificar, basta recorrer ao phenomeno oceanographico, mas d'origem sismologica, presencado, ha cerca de dois annos, na bahia de Cascaes; phenomeno que, sendo naturalmente frequente, é pouco conhecido entre nós por não ser vulgar manifestar-se com tão grande violencia.

Todavia, uma das maiores summidades sobre oceanographia, o eminente professor Thoulet, fez notar, em carta dirigida á redacção do *Yacht* (se não nos enganamos), o facto apontado, acompanhando-o de ligeiras considerações, em virtude da narrativa dos acontecimentos feita pelos srs. Glandaz e Hérubel que *de visu* observaram o phenomeno, quando embarcados no yacht *Andrée*, fundeado na mesma bahia.

O illustre sabio viu n'este facto uma nova confirmação da hypothese, ha annos, formulada relativamente á causa provavel d'este

phenomeno, o qual, segundo a opinião do mesmo professor, é devido á enorme actividade vulcanica d'uma gigantesca cratera de fórma alongada, com 3:509 metros na sua maior profundidade e situada ao NO da ilha de S. Miguel (archipelago dos Açores).

Esta excavação, cuja parede oriental desenrola-se abruptamente até á fundura de 1:913 metros, dista da ponta da Ferraria (onde existe o pharol do mesmo nome) cerca de oito milhas e foi reconhecida pelo emi-

nente oceanographo, o principe de Monaco, na campanha scientifica realizada a bordo do yacht *Hirondelle* e por isso denominado *Fosse de l'Hirondelle*.

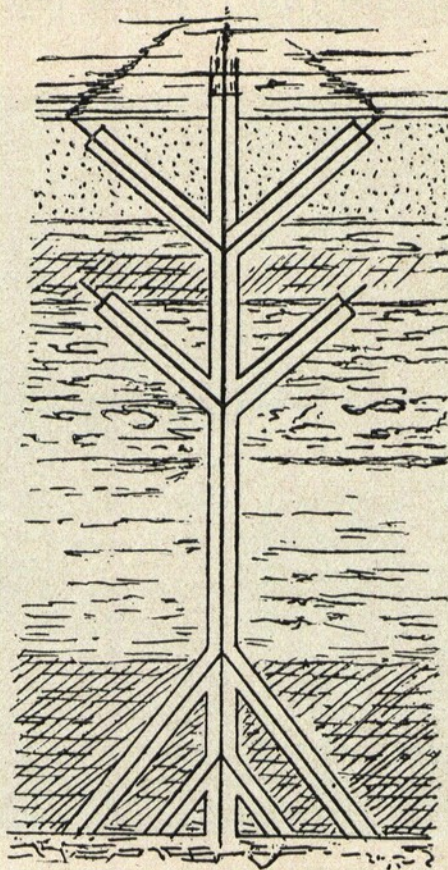
Compulsando a carta bathymetrica dos Açores, que gentilmente nos offereceu Sua Alteza o principe de Monaco, denota-se que essa região fica delimitada pelos paralelos 37° 43' e 38° 29' Norte e pelos meridianos 25° 52' e 26° 52' Oeste de Greenwich.

No extremo SO. d'esta cratera, cuja grandeza é pouco inferior á do lago Léman, junto á cidade de Genebra (Suissa), surgiu em 1811 a ilha Sabrina, nome que lhe foi dado pelo commandante da fragata ingleza Sabine que, assistindo á sua apparição,

tomou immediatamente posse do territorio, em nome da Inglaterra. Quatro mezes mais tarde a ilha submergiu-se.

Este caso não é unico; pois o mesmo succedeu com a ilha Julia proximo da Sicilia.

Ora, o professor Thoulet considera esta cratera, como productora de abalos sismicos que se propagam em ondas circulares até á costa occidental da Europa, onde o phenomeno é conhecido, na costa de França que vae de Ouessant até á foz do Loire, pelo nome de *raz-de-marée* (onda sismica). Já a costa, que se lhe segue para o Sul até



SCHEMA DO MODERNO
PARA-TREMORSEDETERRA

Bayonna, fica abrigada d'esta onda, pela saliencia que apresenta o cabo Finisterra.

Effectivamente, a linha que une a Fosse de l'Hirondelle com o cabo Finisterra attinge a costa franceza entre as embocaduras dos rios Loire e Gironde; ao contrario, as costas de Oeste de Hespanha e de Portugal são batidas em cheio.

Ha mesmo opiniões affirmando que o terremoto de Lisboa, em 1755, teve origem identica.

Outros factos confirmam ainda a hypotese suggerida pelo illustre professor Thou-

tremor de terra de Simoda, no Japão, em 1854, levou apenas 12 horas a percorrer a enorme distancia que separa S. Francisco de S. Diégo (California), o que representa uma velocidade de seiscentos e sessenta kilometros por hora. A onda, com uma altura de 0^m,50, tinha o comprimento de 210 milhas, isto é, cerca de tresentos e oitenta e nove kilometros, offerecendo o aspecto de duas vagas que se seguiam com um intervalo de trinta e cinco minutos.

No terremoto occorrido em Lisboa no anno de 1690, o mar recuou proximamente



O CAES DE DESEMBARQUE DA BAHIA DE CASCAES

let. Assim, nas campanhas oceanographicas executadas a bordo do yacht *Princesse Alice* foram recolhidas por vezes amostras de agua, accusando uma temperatura mais elevada do que a normal, e obtidas no percurso (já indicado) da onda sismica, emanada da cratera Fosse de l'Hirondelle.

Esta circumstancia prova á evidencia que o movimento ondulatorio do mar nem sempre pôde ser attribuido ao vento; mas, como acabámos de ver, pôde tambem ser provocado pelos abalos sismicos, ou tremores de terra.

A velocidade da vaga sismica é extraordinaria; a ondulação sismica, motivada pelo

de 15 kilometros, voltando no curto espaço de tres horas.

Os phenomenos sismicos submarinos, comquanto tenham numerosos pontos de contacto com os sub-aereos, tem-n'os igualmente com os phenomenos das marés, correntes, vagas, natureza dos sedimentos etc; desempenhando por isso um papel importantissimo no estudo da oceanographia.

As ondulações sismicas, que agitam continuamente o globo, quer se prendam ou não com as causas vulcanicas, manifestam-se, no entanto, sobre as aguas e sobre as costas do littoral por phenomenos que, se algumas vezes passam despercebidos, outras vezes

são demasiadamente notaveis pelos destroços que occasionam. N'este caso, está o que vai succedendo com a povoação de Espinho, oito milhas ao Sul da foz do rio Douro.

Não é para extranhar tambem que estes phenomenos sejam difficilmente presentidos, por isso que no mar não é facil apreciar: a correlação das diversas phases do abalo, a duração do movimento sismico, a sua expansão e, mesmo, a sua velocidade de propagação, etc. Os recentes estudos geodynamicos, no mar, levados a cabo pelo professor de Strasburgo, dr. Emilio Rudolph, o

tuado proximo e ao SO. da costa de Portugal.

Entre nós, a sismologia, como muitas outras sciencias, marca ainda passo, não merecendo o desvelo que lhe dispensam os paizes como a Italia, Japão, Hespanha Mexico, Austria, etc.

E' certo que esta sciencia data de pouco mais de meio seculo, porquanto só desde essa epocha ella principiou a ser tratada sob um aspecto verdadeiramente scientifico, e bem assim a ser expoliada de toda e qualquer especie de mystificação.



A BAHIA DE CASCAES

qual se tem devotado d'uma maneira digna de menção, teem sido traduzidos nas importantissimas descobertas das regiões oceanicas de maior actividade sismica.

Uma das regiões apontadas, como de excepcional frequencia, é a situada no Oceano Atlantico Norte, proximo dos Açores, porquanto este archipelago parece assentar sobre um extenso planalto submarino, para além do qual se cavam as regiões abyssaes do Atlantico. Mesmo, entre o archipelago dos Açores e as costas de Portugal devem existir outros epicentros como se depreheende, do terremoto de 1755, que assolou Lisboa, o qual nos mostrou ter o seu epicentro si-

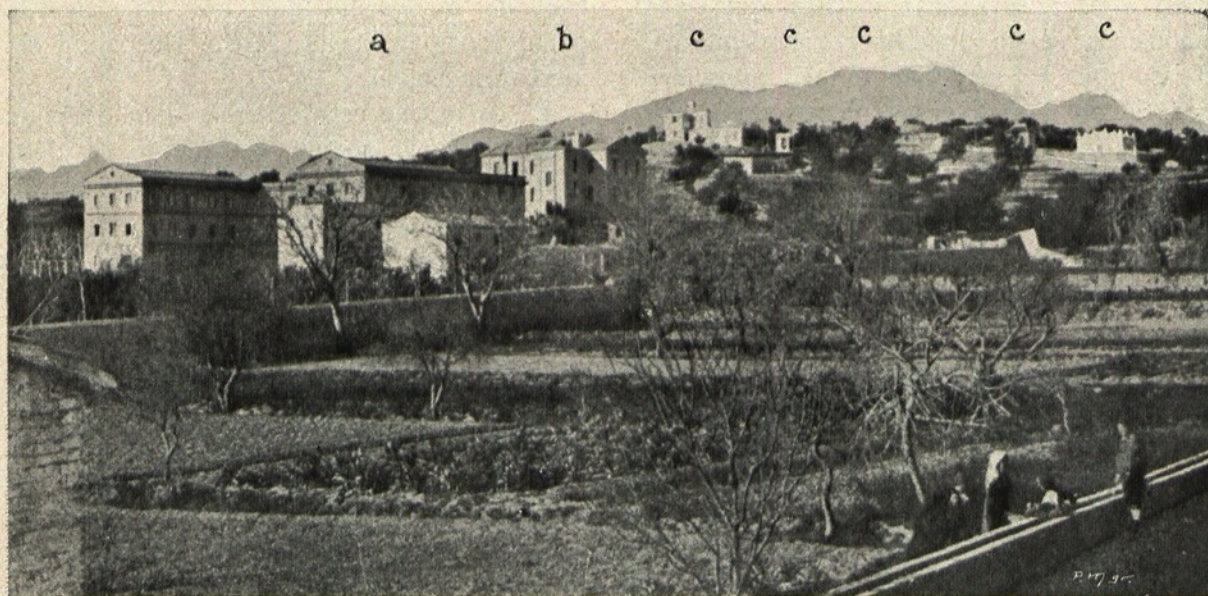
Ainda mais, antigamente o conhecimento da sismologia reduzia-se apenas a relatar, com mais ou menos veracidade, os effeitos diversos dos movimentos e oscillações do solo e a perpetuar a memoria dos desastres motivados por taes cataclysmos.

Porém, ao presente, a sismologia tomou uma nova phase, derivada naturalmente da applicação dos instrumentos que registam estes phenomenos.

No avanço d'esta sciencia cooperou proficientemente o illustre physico suiso Forel que, tendo em vista a analyse conscienciosa da observação dos phenomenos sismicos, não duvidou para o seu bom exito em patentear

a conveniencia de se attender mui especialmente ao systema a applicar nas construções dos observatorios e postos. Um dos

do professor Grablowitz que consta de dois pendulos horizontaes osciliando em direcções perpendiculares.



O OBSERVATORIO DO EBRO (HESPAÑA)

ultimos pavilhões sismicos, modelar, construido na Europa, é talvez o do observatorio do Ebro para a installação de dois aparelhos microsismicos registadores que são: o microsismographo do professor Vi-

Em Portugal, pena é dizel-o, pouquissimo ou nada se tem feito; todavia, lançando a vista sobre a carta das regiões sismicas, deprehende-se que o littoral da nossa costa, na parte que vae da foz do Tejo ao rio Gua-



OS DIVERSOS PAVILHÕES DO OBSERVATORIO DO EBRO (O PAVILHÃO SISMICO TEM O N.º 2)

centini que regista sobre o papel as tres componentes do movimento, duas horizontaes e uma vertical; e o microsismographo

diana, a par de ser visitado frequentemente pelas vagas sismicas, é tambem uma região de notavel actividade sismica e que, segundo

o illustre geologo, o sr. Choffat, foi a área mais affectada em 1755.

Egualmente, n'outros tremores de terra se tem ido buscar, com maior ou menor fundamento, a sua origem no oceano e ao SO. da costa de Portugal; porém, o que está averiguado, é que existe n'estas paragens marítimas uma estrutura notavelmente affectada, indício de vicissitudes geologicas, as quaes

devem ser attribuidas aos movimentos sísmicos em questão.

Contraprova, effectivamente, o que acabámos de dizer, o banco (conforme a nomenclatura oceanographica internacional) Goringen de 30 metros de profundidade, situado a 130 milhas e a OSO. do cabo de S. Vicente, e que fica entre dois abysmos de 500 metros.

A. RAMOS DA COSTA.



ANNO NOVO!

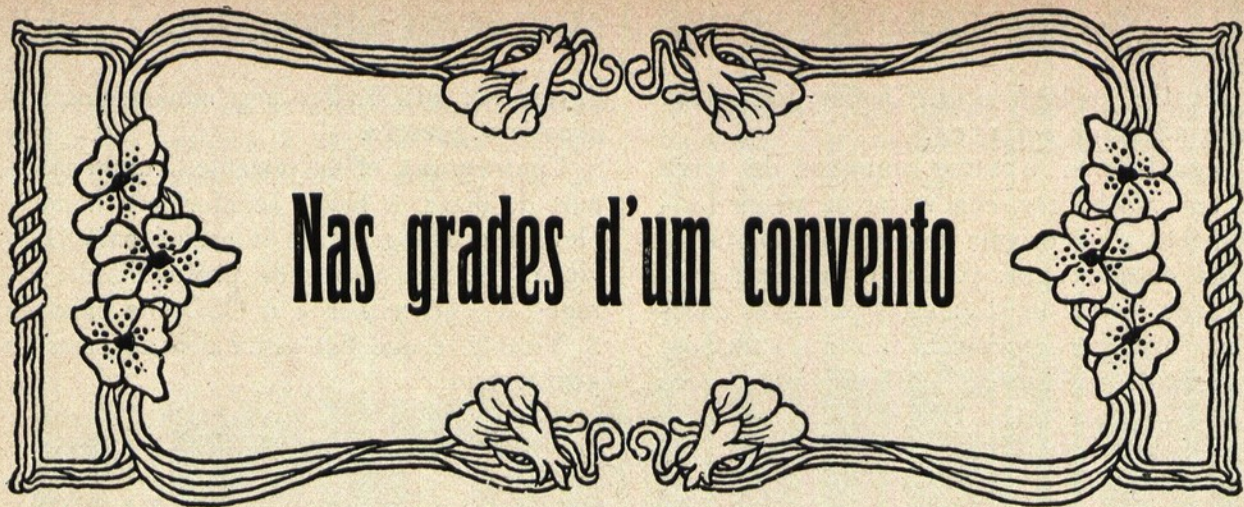
Morre um anno. Depois um outro vem,
Que nos parece ser bem mais fagueiro.
Todo cheio d'esp'ranças, prasenteiro,
Feliz como o sorrir de nossa mãe.

Cresce o anno, e por fim morre tambem ;
Mas como o anterior foi traiçoeiro,
E a gente não se lembra do primeiro
Que passou, e que fica muito além.

E os annos caminhando atraz da esp'rança,
Assim vamos andando lentamente,
A sonhar, sempre um sonho de criança.

Por fim a Morte vem. E de repente,
Tudo acabou! E só se alcança
A paz da sepultura... eternamente!

RICARDO DE SOUZA



Nas grades d'um convento



UANDO eu era pequena, morei alguns annos n'uma casa em Alcantara que ficava situada mesmo em frente do convento do Sacramento, onde n'esse tempo havia freiras professas, que praticavam cuidadosamente o rigor da clausura.

Entre ellas e minha casa estabeleceram-se relações tão estreitas quanto os habitos monacaes permittiam: minha mãe fazia a expensas suas celebrar o mez de Maria e outras festas e devoções na capella; em troca, lá em casa recebiam-se lindos corações de setim para pregar alfinetes, santos encaixilhados em vidro, com graciosos arrebiques, rosarios de *lagrimas da Virgem*, preciosa marmellada, e outras prendas freiraticas muito do meu gosto e que deslumbavam cubiçosamente os meus olhos de creança. Todos os dias, depois da missa, minha mãe e tias paravam na portaria e informavam-se da saude das freiras. Mettiam-me na roda, e passavam-me ao outro lado; eu olhava, mas não

sahia de onde me tinham posto. A freira tinha previamente encoberto o rosto com o véo negro para que lh'o não visse, e dizia-me a rir:

— D'ahi não se póde sahir. E' prohibida a entrada cá dentro, seja a quem fôr. Mas a roda não é convento.

Depois fingia medir a distancia que da minha cabeça ia á prateleira superior da roda, e dizia-me:

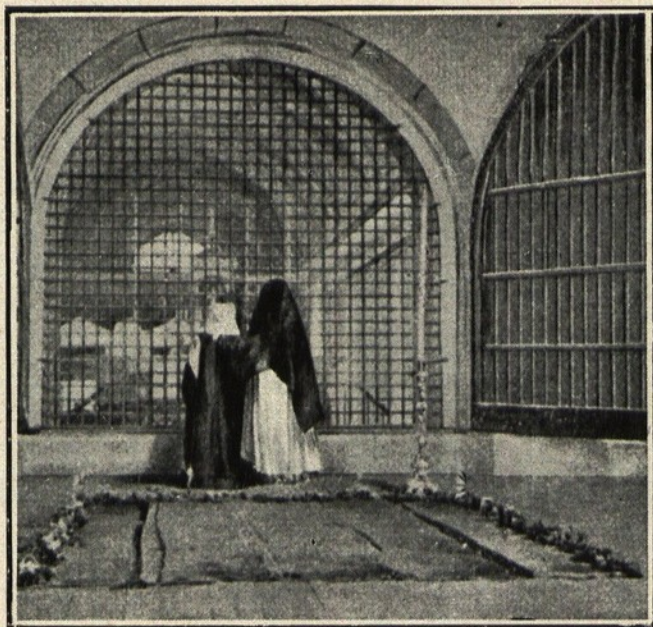
— Mais dois dedos de altura e acabarse-ha este divertimento.

Ao domingo iamos ao parlatorio depois da missa das onze, onde a conversa se prolongava animadamente com a prioieza e a vigaria, depois das poucas freiras e bastantes recolhidas se ausentarem. Uma de minhas tias, irmã de meu avô, já bastante adiantada em

annos, morria-se por palestrar com a prioieza, e eu por ouvir as suas conversas, sempre cheias de imprevisito interesse que me pareciam graciosissimos e phantasticos contos. D'entre ellas houve uma que deixou no meu espirito infantil perduravel impressão.

E' a que vou narrar.

Era n'uma aspera manhã de novembro em que a chuva fustigava



...ONDE A CONVERSA SE PROLONGAVA COM A PRIOIEZA E A VIGARIA

as janellas, e o vento assobiando pelos largos corredores me fazia sentir não sei que vaga tristeza. Foi preciso vestirmo-nos mais cedo que a hora, e esperar uma aberta para atravessarmos a rua e podermos assistir á missa regimental do 7 de infantaria, que tinha o seu quartel na *Cova da Moira* e era, ao tempo, commandado pelo sympathico e garboso coronel Luiz Wadington, que escolhia a igreja do Sacramento para dar ás pobres reclusas a satisfação de mais uma missa e o prazer de ouvir musicas profanas.

Findo o acto, e depois de ver desfilar o regimento, festa que eu nunca perdia, corri ao parlatorio a juntar-me aos meus. Minha mãe e minha tia Henriqueta despediam-se quando eu cheguei, mas minha tia Emilia dizia-lhes com o seu engraçado accento minhoto:

— Ide, ide, que eu ainda me fico por aqui a tagarellar um pouco!

Eu sentei-me e fiquei tambem.

— Pois não esperava hoje o gosto de as ver, nem mesmo que o regimento viesse á missa. Sempre está um tempo!... dizia a prioreza.

— Se está! retorquiu minha tia, sorvendo uma farta pitada e offerecendo a caixa á prioreza atravez da grade, a qual, pela expressão da mão, parecia deliciar-se de a colher.

Digo da mão, visto o rosto estar encoberto pelo usual véo negro.

— Mas no dia de hoje, continuou minha tia, não faltava eu, ainda que cahissem raios e coriscos.

— Alguma data triste?

— Triste, não... Saudosa por certo... E' sempre saudoso o passado.

— Ah! murmurou a freira, fui talvez indiscreta...

— De modo algum. Eu lhe conto. Em 30 de novembro de 1832, sahi eu de Vianna com minha mãe e irmãs vestidas de lavadeiras, propondo-nos a atravessarmos as linhas do exercito miguelista que então cercava o Porto, e n'esta cidade juntarmo-nos a meu pae, que combatia nas fileiras liberaes. A empreza não era isenta de difficuldades. Algumas vencemos, mas quando á custa de muitas fadigas e trabalhos estavamos a ponto de conseguir o nosso intento, quiz Deus que cahissemos em poder dos inimigos, que nos conduziram presas para Lisboa, d'onde fô-

mos mandadas internar no convento de Chellas. Depois de innumeradas contrariedades, fomos permittida a sahida do convento e a entrada no Porto, devido aos bons officios e valimento de alguns realistas de Valença e Monsão, amigos velhos da familia. Maus tempos, boa Madre, maus tempos! Em que irmãos se matavam, e paes e filhos chegavam a odiar-se.

— Deus do céu! exclamou a freira, pondo as mãos n'um gesto piedoso, quando me contam coisas do mundo, minha amiga, parece-me que estou ouvindo historias; quer crêr?

— Quero, respondeu minha tia n'um tom zombeteiro, mas custa-me...

A prioreza, longe de se melindrar, riu com o riso alegre e despreoccupado que lhe era peculiar e retorquiu-lhe:

— Eu lhe explico. Quando meu pae morreu, tinha eu apenas quatro annos de idade e minha mãe, buscando na religião consolações e allivio ao seu profundo desgosto, entrou commigo para esta casa. Aos quatro annos para aqui entrei — e a voz tremeu-lhe ao repeti-lo — e estava determinado por Quem tudo póde que nunca mais devia d'aqui sahir...

Ficou um momento silenciosa na attitude de quem sonha acordada. Depois continuou:

— Não conservo da cidade senão uma ideia muito apagada e imperfeita, e tudo quanto se passa para lá dos muros do meu convento parece-me historia ou sonho. Concebe agora porquê?

— Perdôe-me que lhe diga, minha santa madre, mas o procedimento de sua mãe foi indesculpavel. Restos ainda do absolutismo intolerante e intoleravel.

— Que melhor poderia ella fazer do que consagrar-me ao Senhor?

Minha tia olhou-a com um mixto de piedade e malicia, e depois perguntou-lhe abruptamente:

— Que idade tem, Madre Prioreza?

— Sou muito nova, tornou a outra sorrindo, conto apenas... noventa e um annos.

— *Ora pois!* — era o estribilho predilecto de minha tia — na sua e na *minha idade* já se póde dizer e perguntar tudo.

Esta referencia a si era attenção humilde para com o sitio em que estava; fóra d'isso nunca admittiu que lhe fallassem na idade.

— *Ora pois*, continuou sorrindo, nunca o

vulto d'um homem lhe passou diante dos olhos, em sonhos pelo menos? Nunca sentiu o desejo de amar e ser amada?

Fez-se um silencio de segundos em que a freira pareceu reflectir. Depois, erguendo a cabeça com ar resolutivo e com voz firme e fresca a contrastar com a idade, affirmou:

— Sim, creio que sim.

Apesar de ser creança presenti, não sei porquê, que ella corava debaixo do véo.

— Agora sou eu que offereço...

Uma pitada, senhora D. Emilia!

— Não se rejeita. *Ora pois:* vamos a ouvir.

E gostosamente accommodou-se melhor na cadeira. A prioriza pelo contrario pôz-se de pé e começou animadamente:

«— Faz hoje, 30 de novembro de 1883, 76 annos que entraram os francezes em Lisboa. O panico que avassalava a cidade era duplamente sentido nos conventos. A fuga da familia real para o Brazil, o pavor que as façanhas dos exercitos de Napoleão inspiravam, a escassez de noticias, as phrases ambiguas do nosso capellão, tudo concorria para nos manter o espirito n'um terror só comparavel ao do peccador incorrigivel que espera as penas do inferno. N'esse dia havia acabado a missa conventual e dirigimo-nos ao refeitório, quando fortes pancadas soaram á porta do convento. Soror Thereza — Deus a tenha em gloria — foi a espreitar e, soltando um grito, cahiu desmaiada no chão. Correram em seu auxilio. Eu, que a esse tempo não tinha ainda professado, nem mesmo noviça era, pois pela minha turbulencia tinham-me, quasi como um castigo, demorado esse feliz acto, corri ás grades. D'esta vez ninguem me estranhou a curiosidade.

«— Os francezes! São os francezes! exclamei eu aterrada.

«N'este meio tempo, como ninguem tivesse respondido, as coronhadas na porta repetiam-se e recrudesciam de violencia. As imprecações succediam-se.

«Então a prioriza, uma senhora cheia de animo e bondade, mandou-nos todas para o côro e, sósinha, desceu á portaria, que abriu de par em par.

«Segundo mais tarde ella contava, rindo, lançou para traz o véo para *aterrar os francezes com a sua velhice e fealdade*. E com tanta dignidade, tão affavelmente se lhes dirigiu, com modo tão urbano e confiado que elles, que em muitos conventos fizeram grandes

estragos e desacatos, aqui limitaram-se a pedir que lhes abole-tassem as tropas.

— E' que a verdadeira coragem impõe-se sempre, observou minha tia.

«— Tambem creio, confirmou a prioriza. Fizemos-lhes a vontade; cederam-se-lhes as casas do pateo e a do capellão, não sem pequena difficuldade, mas causaram graves transtornos ao convento, porque queriam ser bem alimentados e nós tinhamos pouco.

«Dias depois, a 13, hastearam elles a bandeira tricolor no castello de S. Jorge, e todos os portuguezes, até nós, pobres encarceradas, nos sentimos revoltar.

«A prioriza, que entrara para o convento já mulher, e sabia muito do mundo,

apesar de ser vulgarmente calada e discreta, não podia nem sabia dominar a sua indignação.

«— Já não ha portuguezes, dizia elia desolada, e n'uma raiva de que ninguem a suporia capaz. Eu não queria senão vestir calças e ter uma espingarda... Eu lhes diria o que era feito de Junot. Um corpo sem cabeça de que serve? Pois já não ha um portuguez que sacrifique a vida á patria?

«Eu não a comprehendia bem e creio que



... PELA PRIMEIRA E UNICA VEZ NA MINHA VIDA VI TÃO JUNTO DE MIM UM HOMEM NOVO E FORMOSO.

as outras também a não entendiam melhor, quando ella se esquecia por instantes, do que logo se arrependia chorando, da caridade christã para se exaltar em furores patrióticos. Uma tarde, depois do serviço do côro, soror Thereza veio chamar-me e pedir-me para ir com ella ao locutorio falar ao irmão. Nenhuma das sorores, occupadas nos seus trabalhos, podia n'aquelle momento interrompê-los. Pasmei de que a deixassem ir ao locutorio fóra de horas, e disse-lh'ó:

«— E' que meu irmão vae partir. Tramam-se grandes e gloriosas cousas a respeito da patria. Os verdadeiros portuguezes estão todos decididos a vencer ou morrer.

«Aqui hesitou, mas afinal concluiu:

«— A madre Prioriza é curiosa das cousas do mundo e pediu-me para saber de meu irmão se ainda podíamos ter uma esperanza de fugir ao dominio francez.

«Entrámos no locutorio e pela primeira e unica vez na minha vida vi tão junto de mim um homem novo e formoso. Estava garbosamente vestido á época; os cabellos, ondeados e negros, cahiam-lhe em graciosos anneis; a tez era morena e os olhos negros e vivos, brilhavam como raios de sol.»

A voz da velha freira alterou-se, como se a lembrança da commoção, sentida 76 annos antes, lhe fizesse ainda vibrar vivamente o coração.

«— Nunca mais esqueci a melodia da sua voz. Tornei-me intima de Thereza e lia com ella as poucas e raras cartas que o irmão lhe escrevia. A ultima conservo-a ainda como triste recordação. Dizia assim pouco mais ou menos:

«Irmã querida.

«Não sei se esta carta te chegará ás mãos. Espero em Deus que sim, bem que não tenha esperanza de te escrever mais nenhuma.

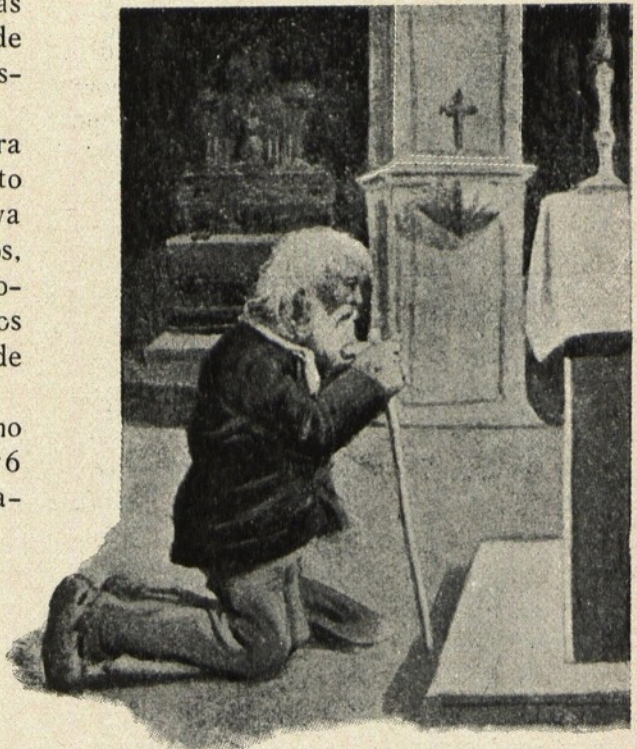
«Coimbra acordou emfim!

«Aprisionámos um destacamento francez de 100 homens, e o vice-reitor com Freire de Andrade formaram um directorio militar. Os lentes e nós organisámos um batalhão e fabricámos munições no laboratorio da Universidade; como a coragem nos não falta, tenho fé que havemos de vencer. Vim n'um destacamento do batalhão academico á Figueira. Surprehendemos os francezes, des-

armámo-los e conseguimos hastear no forte a bandeira das quinas. Fui gravemente ferido no assalto. E' provavel que não escape, se fôr forçoso amputarem-me a perna; mas não te entristeças com isso: tu, que vives de Deus e só para Deus, comprehenderás, como ninguem, este adormecer para acordar n'um mundo melhor. Não se obtem vida senão á custa de vidas, e crê-me, os que morrem não são para lamentar; os que cahem vencidos em poder do inimigo, esses sim. Se vires Margarida consola-a.

«— Era a sua noiva, disse-me chorando a irmã.

«Senti uma dôr aguda a esta revelação como se os pensamentos d'aquelle homem,



...UM POBRE ESFARRAPADO QUE EU NOTARA NA CAPELLA...

que mal me tinha visto, me devessem todos pertencer, e no meu imperdoavel egoismo preferi que elle morresse a vê-lo casado com essa Margarida que desde logo senti antipathica.

«Depois terminava dizendo-lhe que rezasse por elle e que encarregaria alguém de lhe enviar a noticia da sua morte, se chama-lo aprobeisse a Deus.

«Passaram dias de angustia e de dôr para a pobre Thereza e... não sei se para mim. Volvidos trez mezes, quando já não espera-

vamos saber nada, um pobre esfarrapado bateu á portaria e instou para fallar com soror Thereza, no que a prioriza consentiu. Era um antigo creado de Vasco que a toda a parte o seguia, e que era portador do seu testamento e de umas pequenas lembranças.

«Guardei e conservo ainda uma miniatura d'elle em marfim, que a irmã, vendo o meu desgosto, me offereceu. Não tenho escrupulo d'isso. Eu ainda não era freira, nem mesmo noviça; elle nem sequer notara se eu era bonita ou feia...

«Margarida, a noiva do infeliz Vasco, recolheu-se aqui: fui depois a sua melhor amiga. A senhora D. Emilia conheceu-a. Era n'esta casa soror Maria do Céu, que se enterrou o mez passado.»

E, tirando o lenço do bolso, limpou sem pejo as lagrimas.

— E' triste a sua historia, querida madre, e afinal... não passa d'um prefacio, commentou minha tia com um suspiro, não isento d'um certo desapontamento.

— Antes assim, tornou já sorridente a prioriza, Deus é o melhor dos esposos.

— Por certo, respondeu minha tia sem convicção.

E n'outro tom ajuntou:

— Sabe, minha cara prioriza, que supponho que se, em vez da sua velha antecessora, descesse á portaria, os francezes não se atemorizariam como succedeu com ella?

— E' possível, tornou a prioriza alegremente. Fui bonita. Dizia-me isso a manga do meu vestido preto, posta por traz d'uma vidraça: porque aqui nunca houve espelhos. Apesar de velha parece-me que ainda não sou uma ruina repugnante.

E, atirando para traz o véo, deixou-nos vêr um sympathico rosto apergaminhado, d'uma alvura de marfim, onde faiscavam dois olhos pretos, petulantes e vivos, aos quaes os annos não haviam conseguido amortecer o brilho. E, voltando-se para mim com um gracioso sorriso, perguntou-me:

— Então, Conchinha, sou feia?

— Oh! não, respondi eu encantada por ter conseguido vêr-lhe o rosto.

Ella baixou o véo depois de dizer com subtil malicia pondo um dedo nos labios:

— Mas não se diz que viu a cara á madre prioriza. As minhas meninas, que orçam já pelos sessenta, morreriam de escrupulo, e achariam que eu tinha commettido um

peccado indigno de perdão. Coitadas! A maior parte d'ellas são bem pobres de espirito.

— Nunca lhe pesou a clausura? perguntou ainda minha tia.

— Uma só vez... quando D. Miguel sahio de Portugal. A minha familia era muito realista e resolveu emigrar. Isso custou-me, mas depois habituei-me. Hoje, oiço com delicias as descripções que me fazem lá de fóra, guardo com apreço photographias de sitios lindos, mas, se me abrissem as portas do convento, succedia-me o mesmo que ao meu canario quando, por esquecimento, lhe deixo a porta aberta; aproxima-se, estranha, espreita, mas não sae.

N'isto soaram as tres badaladas das Ave Marias.

— Já meio dia!

Rezámos e separámo-nos. Quando iamos a sahir a prioriza chamou:

— O' senhora D. Emilia, sabe o que nós parecemos quando sômos velhos?

— Creanças? perguntou-lhe minha tia com um sorriso forçado.

A ideia da velhice perturbava-a sempre.

— Não, relogios de repetição. Quando não fallamos com os outros, é a nós que contamos sempre, como novas, as mesmas historias.

— E' que o coração tem sempre quinze annos... respondeu-lhe tristemente minha tia.

E sahimos. Já na rua a tia Emilia monologava:

— Que tristeza este decorrer da existencia nos conventos! Não se vive, vegeta-se. Ah! abençoados liberaes, nunca as mãos lhes dôam.

— Porquê, tia? indaguei curiosa.

— Por extinguiem os conventos.

— Então a tia, tão religiosa?...

— Ora pois, isso que tem? E' que tu, pequena, não sabes quantas mulheres eram coagidas a professar. As ordens religiosas e os conventos não são maus, mas é preciso que o povo seja regido por um grande espirito de liberdade e que se não permittam violencias. Esta prioriza que tu ali vês, é uma santa creatura, ingenua e bóa; atravesou a vida sem a conhecer, e de mim para mim estou que ella não teria vocação para freira.

— Porquê?

— Parece-me. Olha, sabes? os conventos

são bons para gente velha. Ser prioriza aos 60 annos seria o ideal de todas as mulheres.

— Então a tia Emilia queria ser prioriza ?

— Eu ?!!

— Pois a tia não disse que seria o ideal de todas as pessoas com mais de 60 annos ?

— Que atrevimento ! Quem te disse que eu tinha 60 annos ?

— A tia não é mais velha do que o avô ?

Ella, vivamente contrariada, respondeu-me sentenciosa :

— *Ora pois*, menina, fique sabendo que uma mulher nunca tem senão a idade que o seu espelho lhe dá.

— Então que idade lhe dá o seu espelho ?

— Inconveniente !

E, como já tinhamos entrado em casa, dirigiu-se ao seu quarto sem me dar outra resposta.

Eu, intrigada, entrei no escriptorio do avô e, sem mesmo reparar n'elle, parei de frente do espelho e quedei-me a olhar-me em silencio, cuidadosamente.

— Que estás tu a vêr que nem me fallas ? perguntou com curiosidade meu avô.

— Estou a vêr se o espelho me diz a idade que tenho.

O avô soltou uma gargalhada.

— Quem te disse isso ?

— Foi a tia Emilia.

E reproduzi a conversa. Meu avô escutou-me sorrindo. Por fim perguntou-me :

— Que idade julgas tu que tem tua tia ?

— Eu sei lá !... setenta e muitos annos...

— Nem tanto. Fez sessenta e cinco. E queres saber quantos o espelho lhe dá ? cincoenta e dois ! Minha neta, quando fôres velha não te guies pelo espelho ; é um grande mentiroso e torna as mulheres ridiculas. Olha todos os dias para a certidão do baptismo... Não ha nada como precisar datas.

E com um involuntario suspiro ajuntou tristemente :

— Se assim não fôsse, nunca, em nosso proprio conceito, seriamos velhos.

E, como sempre, meu avô tinha razão.

MARIA O'NEILL.



Super Flumina Babylonis

Nas margens desses rios nos sentámos,
Rios que dentro em Babylonia vão
Correndo para o mar, e ali chorámos
Lembranças de Sião.

Nos ramos lá do salgueiral frondoso,
Que lhe reveste as marginaes escarpas,
No silencio do luto religioso,
Suspendemos as harpas . . .

Mas aquelles que a nós ali nos tinham
Arrastado captivos, com baldões,
Interrogando, quantas vezes vinham
A pedir-nos canções.

Diziam-nos então: — cantae os hymnos;
Com que louvaes a Deus em oração!
Cantae-nos esses canticos divinos
Da arrasada Sião!

Quem é, porém, quem é que se deleita
Em cantar ao Senhor em terra alheia?
Esqueça-me eu, Sião, da mão direita,
Se te perco da ideia!

No Cairo — 1887 — 8 de fevereiro.

A minha lingua como a pedra, fique
Nas minhas fauces fria e sem falar,
Quando do pensamento eu abdique,
De sempre te lembrar!

Quando Jerusalem, sagrado monte,
Cidade do Senhor, te não tiver
Como unico principio, unica fonte,
Do meu maior prazer!

Recorda-te, Senhor, dos Idomeus,
D'aquelles que diziam: — «Há de ver-se
Arrazarem, Sião, os muros teus
Até ao alicerce!»

Babylonia! ai das gerações futuras!
Bemdito do mortal que te fizer
Passar as dolorosas amarguras,
Que nos fazes soffrer!

Bemdito aquelle que, dos braços
Das mães arrebatando os teus filhinhos,
Os rebenstar, fazendo-os em pedaços
Nas pedras dos caminhos!

Coelho de Carvalho.



Recordações de então

Aos illustres aficionados, Ex.^{mos} Srs. Arthur Telles e Segismundo Costa, meus presados amigos e Mestres.

I



ARCOU sem duvida uma época aurea do toureio em Portugal, essa em que a primeira praça do paiz se erguia no alto do Campo de Sant'Anna, no mesmo sitio onde agora se encontra levantado o bello e sumptuoso edificio que é a escola medica de Lisboa.

Construida de madeira e de pedra e cal, foi, apesar de toda a sua simplicidade, a *terra mater* das nossas glorias tauromachicas, começando pelo grande amator, o nobre e fidalgo conde de Vimioso, que deixou o seu nome esculpido em letras de ouro

nas paginas da historia da lide de rezes bravas em Portugal, e continuando n'esses grandes artistas que se tornaram conhecidos de todo o mundo aficionado, pela execução impecavel e brilhantismo do seu trabalho — João dos Santos Sedvem, Manuel Mourisca Junior e José Joaquim Peixinho (pae).

E' indiscutivel que a tauromachia tem progredido sempre, mas só em Hespanha.

Em Portugal pôde dizer-se que avançou, simplesmente enquanto existiu a praça do Campo de Sant'Anna — a pequena arena que foi pisada por todas as grandes glorias da época.

O nosso toureio a cavallo teve sempre a mais digna e briosa representação n'aquelle redondel, sendo classificado até por estrangeiros como o toureio por excellencia. Então

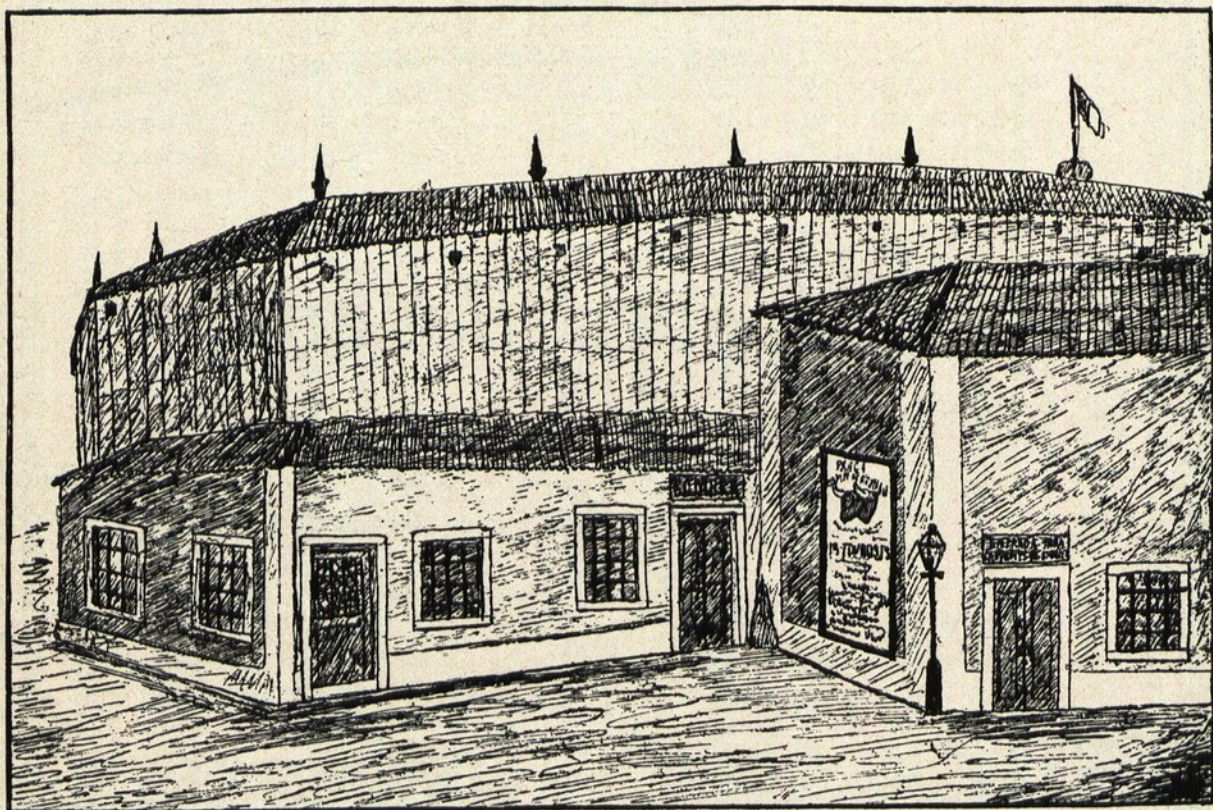
fazia-se arte, e só o que era pura arte se applaudia.

O toureio a pé era também cultivado por um núcleo de excellentes e festejados artistas, a quem os matadores de mais renome que n'essa época nos visitavam, não tinham duvida de enaltecer seus meritos.

A velha praça foi pois, um campo de lidimas glorias de toureiros portuguezes, jazendo entretanto quasi no esquecimento o pouco que se sabe da sua historia e os feitos da gente do seu tempo.

blico dados positivos. E quando esses elementos escasseiam a investigadores intelligentes como Pinto de Carvalho (*Tinop*), o trabalhador infatigavel que a cada momento nos apresenta novos resultados da sua paciente investigação, não deve admirar que nós não sejamos mais felizes.

Por signal que já n'este mesmo Magazine, n'um artigo sobre as *Esperas de toiros*, publicado em julho de 1908, tendo que citar por mais de uma vez o illustre escriptor, confusamente lhe errámos o nome, mas com



VISTA EXTERIOR DA PRAÇA

E porque nem uma nem outra se devem esquecer, vamos, em pequenos artigos, tentar fazer reviver o que é quasi ou totalmente desconhecido da maioria dos aficionados de hoje, desde os costumes até aos meritos de cada um dos principaes artistas de então.

* * *

Como já dissemos, é quasi desconhecida a origem da velha praça do Campo de Sant'Anna, e isso talvez, porque aos curiosos falham os elementos para trazerem a pu-

certeza a nossa lacuna não precisava de ser rectificada conhecido como é Pinto de Carvalho pela apresentação de tantas curiosidades de outras éras.

Não temos a vaidade de querer fazer a historia completa d'aquelle circo, mas simplesmente reunir subsidios que poderão ser aproveitados, se alguém um dia a fizer. E bem o merece a arena por onde passaram as maiores summidades artisticas tanto de Portugal como de Hespanha, e onde os mais illustres fidalgos da Lusitania deixaram assignalados os seus nomes como toureiros eximios.

O apparecimento, por exemplo, da praça do Campo de Sant'Anna, foi dado a conhecer ha muitos annos, n'uma revista litteraria, pelo sr. conde de Sabugosa. Entretanto, de poucos aficionados é conhecido o artigo onde o illustre homem de letras conta como appareceu o referido circo.

Um dia que o infante D. Miguel, então aclamado rei, determinou dar uma tourada em beneficio d'uma obra de caridade, soube que o empresario da velha praça do Salitre, D. Miguel Serrate, levantava difficuldades e regateava o preço do aluguer.

Mandou o rei chamar o seu amigo João dos Santos Sedvem, cavalleiro celebre, e encarregou-o de dirigir a obra de construcção immediata de uma nova praça, sem olhar a despesas, e fez publicar um decreto que dava á Real Casa Pia o privilegio da receita d'aquella e d'outras praças n'algumas leguas em redor.

D'esta fórma, D. José Serrate perdeu a partida, nascendo assim a praça do Campo de Sant'Anna, segundo o sr. conde de Sabugosa.

As despesas para o levantamento da praça, na importancia de trinta e oito contos de réis, foram custeadas pela Real Casa Pia, dos quaes, vinte e dois existiam em cofre de premios não recebidos das loterias que n'esse tempo fazia.

Era então administrador da Casa Pia, Antonio Joaquim dos Santos, que muito trabalhou tambem para a rapida construcção da praça, e para o desenvolvimento d'aquelle estabelecimento de caridade.

Como é sabido, D. Miguel foi um fanatico pelas touradas, e o seu nome está fortemente ligado, e por varias maneiras, ao popular espectáculo.

A historica praça de Salvaterra de Magos, a Quinta Velha, á Bemposta, e a Quinta de Queluz, foram em muitas occasiões theatro das façanhas taurinas do arrojado principe. Então picavam-se os touros em pontas, e D. Miguel, que era excellente cavalleiro, de rojão em punho, dava provas de rara pericia e de extraordinario denodo. Por vezes os lances eram tão arriscados, que a assistencia, tendo á frente a nobreza, algumas vezes julgou chegada a ultima hora do destemido cavalleiro.

As esperas de touros — segundo Eduardo de Noronha, na sua *Historia das Toiradas* — tambem mereciam a D. Miguel particular afeição.

N'esses dias, vestindo um traje de campino, montando um magnifico cavallo ajacizado á antiga portugueza, de comprido pampilho na mão direita, acompanhado pela nobreza e pelo povo, lá seguia pela estrada

N.º 17.

O AVIZADOR LISBONENSE.

1857.

ULTIMA CORRIDA DE TOUROS NOCTURNA.

Que espectáculo de grande prazer!
 Quem de noite não vio correr Touros
 A corrida d'hoje não deve perder!!

PRAÇA DO CAMPO DE SANT'ANNA.

EMPRESARIO — FRANCISCO RODRIGUES ALEÓRIA

SEXTA FEIRA 19 DE JUNHO DE 1857.

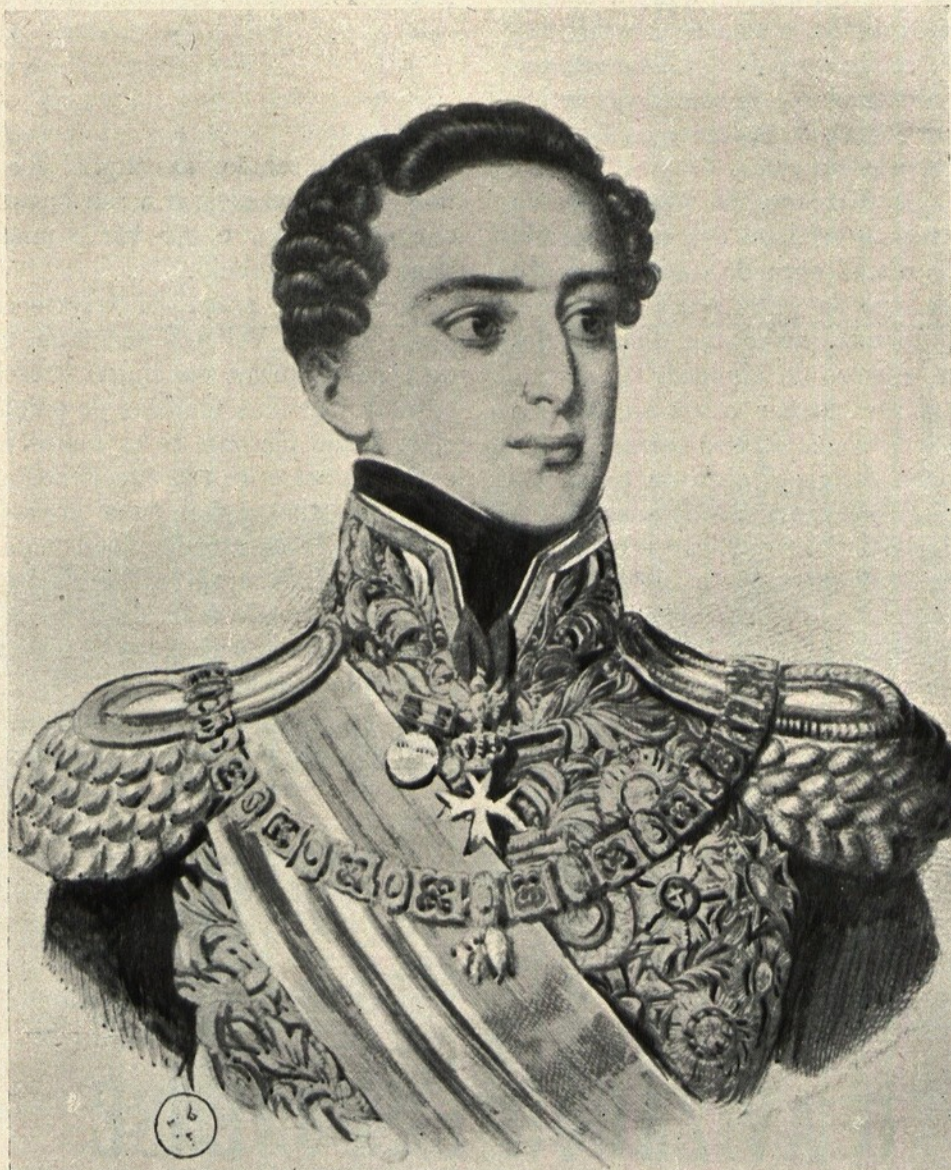
CABEÇALHO DE UMA FOLHA VOLANTE

do Lumiar fóra, ora á cabeça ora na cauda dos touros.

Das Marnotas até ao Campo Grande não

recebido na cidade no meio de um ensurdecido estrealhar de bombas.

D. Miguel, que era o principal instigador



Sua Alteza o Serenissimo Senhor
INFANTE DOM MIGUEL
*Regente dos Reinos de Portugal e Algarves e nelles Lugar
 Tenente de Sua Magestade Fidelissima*

COPIA DE UMA GRAVURA EXISTENTE NA BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

havia tempo nem para tomar folego. Era depois de um pequeno descanso alli, que o gado seguia com mais rapidez ainda, sendo

da tropelia, estava então nas suas sete quintas, como é uso dizer-se, vendo tresmalhar-se o gado. Seguia um ou dois touros, mas

PRAÇA DO CAMPO DE SANT'ANNA

14 DE JULHO DE 1858

CORRIDA DE TOUROS

EXECUTADA PELOS SEGUINTE CURIOSOS:

Cavalleiros

Conde de Vimioso, e D. João de Menezes

Neto

Antonio Gallacho

Andarilhos

D. Joaquim de Mello Gilvã, e D Luiz de Sousa Barreto.

Bandarilheiros

Francisco Manuel Fragoso

José Augusto Fragoso

Manuel Estanislau Fragoso

O Conde da Vedigueira

Miguel Carlos de Sousa

Frederico Augusto Pereira Nunes

Moços de forcados

Luiz Pereira Forjaz

João de Azevedo Fragoso

D. Manuel Telles da Gama

Roberto Augusto Schiappa

José dos Santos Pereira d'Almeida

Antonio Tavares Barreto

Antonio Eleuterio Dias da Silva Thomé

M. T da Silva

D. Bernardo da Costa.

Abogão

Frederico Ferreira Pinto Basto.

Moços do curro

Antonio de Mello Corrêa

José Augusto Galacho

Reinaldo Ferreira Pinto Basto

Luiz Malheiros de Vasconcellos

José Ferreira da Fonseca

Augusto de Vasconcellos

João José Trigueiros de Athaide.

Carecas

D Fernando de Almeida e Vasconcellos, e N. N

Guarda portão

Adrianno Ferreri.

LISBOA — Typographia Progresso.

PROGRAMMA EM SETIM

em vez de procurar reunil-os, mais os acossava, obrigando-os a percorrer quantas ruas e travessas tinha na vontade, até que por fim os deixava entrar na praça.

As judiarias de D. Miguel, porém, no respeitante a touros, não ficaram por aqui. São ellas bastante conhecidas.

Os touros eram o prazer mais dilecto de D. Miguel, affirma o distincto escriptor. As



CONDE DE VIMIOSO

corridas em Salvaterra davam brado, pelos nobres que n'ellas tomavam parte, e pelo gado que se lidava. A galhardia do infante não conhecia rival. A cavallo ou a pé, de rojão ou de farpa em punho, com a capa ou batendo as palmas ás rézes que ninguem se atrevia a desafiar, estava realmente no seu elemento — o desprêso pela vida.

D. Miguel foi, pois, na extensão da palavra, um principe toureiro.

Seguindo os nossos apontamentos, vamos copiar o annuncio que appareceu em Lisboa sobre a primeira corrida que se realisou na praça do Campo de Sant'Anna, no dia 3 de julho do anno de 1831, copia que damos na integra e com a orthographia do original, por nos parecer curiosa.

E' do teor seguinte:

Nova e Real Praça do Campo de Santa Anna

Sua Magestade Fidelissima Real Nosso Senhor, sempre Animado da mais exemplar Beneficencia e Magnanima Piedade, para com o Estabelecimento da Real Casa Pia, Procurando os recursos para a manutenção de tantos Orphãos, sem amparo, ali recolhidos com Paternal carinho; tendo já concedido a Beneficencia do mesmo Real Estabelecimento os interesses que produzirem as corridas de Touros, que se fizessem n'esta Capital; para mais augmentar tão necessarios auxilios, Houve por bem conceder a Graça de se construir Nova Praça no sitio do Campo de Santa Anna, aonde privativamente se farão taes espectaculos, Promovendo com Real

Grandeza o accrescentamento dos Subsídios destinados a sustentação de tantos Innocentes, que seriam victimas do abandono, se não achassem n'este piedoso asylo o mais carinhoso amparo, educação e sustento.

Tendo-se finalmente concluido com segurança, decencia, e commodidades necessarias (sem que o Publico seja incommodado pelos Touros, como em outras Praças) a dita Real Praça, para cujo fim a Administração da Real Casa Pia, com desvelladas

fadigas, nada omittiu para a sua completa execução, será patente aos habitantes d'esta Nossa Capital

DOMINGO 3 DE JULHO, APRESENTANDO-SE
A PRIMEIRA

CORRIDA DE TOUROS

com huma pompa superior a quanto se tem visto em semelhantes Espectaculos.

Por justos e lisongeiros motivos não se pode determinar a hora do Espectaculo, o qual será annunciado subindo aos ares huma estrondosa girandola de fogo, e immediatamente serão desenhadas com decencia e aparato as usuaes formalidades, entrando na Praça dois destemidos Cavalleiros

José Ferreira Grillo

E

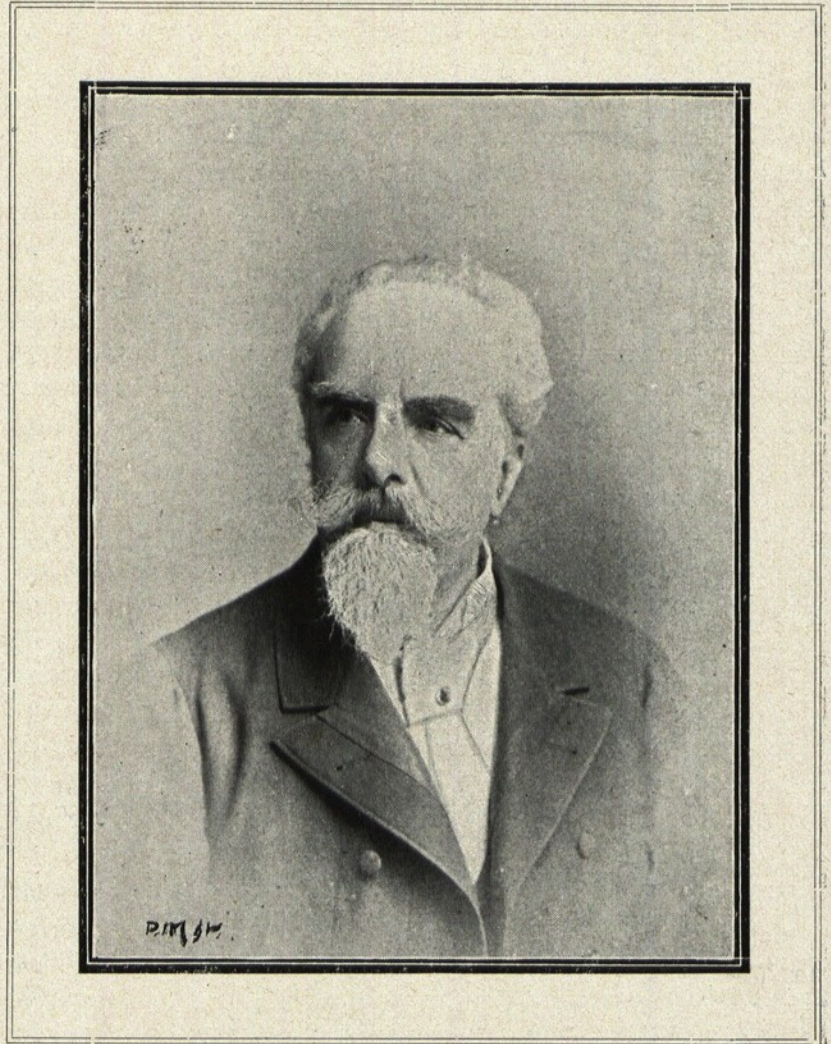
Antonio Maximo de Amorim Velloso

circulados de hum numeroso acompanhamento de habeis Capinhas Portuguezes, Hespanhoes e Matadores de Espada, e Homens de Forcado, os mais valentes que se conhecem nas Campinas de Riba-Tejo, todos ricamente vestidos, que farão o mais brilhante, luzido e apparatuso Cortejo, garbosamente farão as Cortezias do estilo, e findas que seirão, retirar-se-hão da Praça, para se dar começo á mais renhida e valente lucha.

A Magnanimidade de Sua Magestade para em tudo auxiliar os justos fins a que se dirige este Espectaculo, concedeo com Generosidade Grande 16 Bravissimos e Formosos Touros, para serem corridos n'esta Tarde, Mandando-os escolher das suas Reaes Manadas, os melhores que se achassem, os quaes tem causado pavorosa admiracão ás pessoas que por curiosidade os tem ido ver ás Pastagens das Marmotas, aonde se acharão, e não causarão menor admira-

ção ao Publico pela sua corpulencia e bravura.

A Administração, para que o desempenho do Espectaculo corresponda ao grande Objecto a que he destinado, tem-se esmerado em não poupar despezas e sacrificios, a bem de seu completo desempenho, além de dois Cavalleiros, escripturou dez Capinhas (entrando os Matadores d'Espada) e dez Ho-



D. JOÃO DE MENEZES

mens de Forcado, sendo os Capinhas Portuguezes — Antonio Roberto — Joaquim Ferreira Grillo — Joaquim Emygdio Roquete — e Antonio Bacharel; — os Hespanhoes — Carlos José Rodrigues — Romão Maria Tornazeiro — Francisco José Rodrigues — e José Maria Mendonça, que sendo Portuguez e em outro tempo alumno da R. C. P. passou á Hespanha, onde exerceo, e se aperfeioou muito n'esta Arte tão difficil e ariscada, adquirindo grande fama, e os ga-

bos dos Hespanhoes, primeiros avaliadores do merito dos Artistas d'este genero; serão Matadores d'Espada os bem conhecidos Sebastião Garcia, e Pedro José Rodrigues.

O combate será delineado pela maneira seguinte:

2 Bois de Morte, toureados a rojão pelos dois Cavalleiros;

1 para ser farpeado por dois Capinhas;
1 para farpearem outros dois ditos;

1 para ser farpeado pelo segundo COXO RAFAEL ABRANTES MACHADO que prometteu ostentar a galharda valentia com que o doutou a Natureza, e espera da sua boa fortuna não desmerecer os laureis com que a fama tem ornado a sua gloria, e tem boa esperança de não ficar mal de huma empreza que o vae distinguir nos annaes dos celebres Toureadores passados e futuros; mas se por fatalidade da sorte fôr o primeiro a estreiar a Praça com algum trambulhão, como já costumado a taes incidentes, então se enpuzilará de tal maneira que braço a braço disputará com o seu contrario a desatenção, e o agarrará á unha; pois n'isto é que não cede a primazia, e sem esperar que o gabem, elle proprio se tem em grande conta, pois não quer deixar o seu merecimento por mãos alheias. Seguir-se-ha:

1 para ser farpeado de cavallo por João Ferreira Grillo;

2 para serem farpeados por dois capinhas cada um;

1 para farpear de cavallo o cavalleiro Antonio Maximo;

2 para serem farpeados por dois capinhas cada um;

1 para ser farpeado por QUATRO FIGURÕES que não são brancos, oriundos da Cafria, montados ou mettidos em Cavallinhos de Pasta, que com denodado esforço, compromettem-se a tomar todos os duellos, acompanhados dos seus Socios, vindos da Costa da Guiné, e a ser-lhe possivel tambem o agarrarão á unha, e tambem como cães de fila o seguraram com os dentes, não fazendo uzo das cabeçadas; porque como são duros de cabeça, marradas por marradas não cedem a qualquer touro, por bravo e feroz, que seja;

2 para serem bandarilhados por dois capinhas cada um;

2 ultimos de morte toureados a rojão pelos dois cavalleiros.

Com estes e com os primeiros haverão as formalidades do estilo, dos duellos que manda a arte, garrochas de fogo sendo necessarias, e cães de filla havendo quem os queira deitar.

A belleza e comodidade espaçosa da Praça, a pompa do espectaculo, a mais magnifica que se tem visto, devem attrair a concorrência do publico, para proteger e augmentar os recursos da Real Casa Pia, mas ainda o deve estimular o Real e Edificante Exemplo com que o Melhor dos Soberanos, se interessa em auxiliar com Real Beneficencia, o abrigo de tantos innocentes de tudo abandonados, que gratos ao seu Bemfeitor que reverenceão como Amante Pai, levantão ao Ceo as tenras e debeis mãos, supplicando ao TODO PODEROZO derrame sobre o seu Rei os ineffaveis dons da Sua Omnipotencia assim como a todos os Portuguezes que concorrem com piedosa Caridade para a sua sustentação e bem estar.

A musica do Regimento de Infantaria n.º 4, estará incessantemente tocando durante o Espectaculo.

PREÇOS:—Camarotes de 1.^a ordem de duas varas 6 r 400.

Ditos de vara e meia 4 r 800.

Ditos de huma vara 3 r 200.

Camarotes de 2.^a ordem de duas varas 5 r 600.

Ditos de vara e meia 4 r 200.

Ditos de huma vara 2 r 800.

Lugares de Sombra 480.

Ditos para menores de 6 até 14 annos 240.

Ditos de Sol 240.

Ditos para menores de 6 até 14 annos 120.

Adverte-se que não haverá embollação publica, para que se não cancem os Bois, e que se tomarão serias providencias para que reine de tarde no Espectaculo a maior quietação e socego; pois por justas razões se previne o Publico a conservar a decencia e o decoro do Divertimento.

Adverte-se que os Bilhetes para a entrada tanto de Sombra como de Sol, se acham á venda na dita Praça no Domingo 3 de julho das 9 horas em diante.

Lisboa, na typographia de Bulhões. Anno de 1831.—Com licença.

Termina aqui o interessante e curiosissimo annuncio.

Os oito homens de forcado foram expres-

samente contractados no Ribatejo para tomar parte na corrida.

Escusado será dizer que el-rei D. Miguel assistiu, cheio de contentamento, acompanhado da infanta D. Maria da Assumpção.

Em summa, foi um dia e uma noite de grande regosijo em Lisboa, o da inauguração da praça de touros do Campo de Sant'Anna, um dia quasi que de festa nacional, abundando os arcos de triumpho, as luminarias e o fogo de artificio!

A arte tauromachica tem sido em todos os tempos cultivada por nobreza e povo, sendo ainda hoje o espectáculo em que o enthusiasmo mais se evidenciava. Em outras éras, lidar touros era mesmo um privilegio da alta nobreza.

Assim, pois, ao passo que vamos reunindo dados para a historia da praça do Campo de Sant'Anna, iremos dando tambem retratos dos fidalgos que alli mais se distinguiram, juntamente com os dos artistas que egualmente por aquella arena assinalaram a sua passagem, além de desenhos

ineditos, como a vista exterior da praça, que acompanha esta parte, a tão falada porta do cavalleiro, que serve de *en-tête* ao nosso artigo, e onde o rapazio dava sempre a nota saliente em cada tarde de corrida, copias de alguns programmas e bilhetes raros, etc.

Da serie de retratos, é dever nosso, depois do de el-rei o senhor D. Miguel, o principe portuguez mais toureiro que a Historia nos apresenta, inserir o do conde de Vimioso, o amator distinctissimo, o mestre inexcédível, a figura, n'uma palavra, que mais se notabilizou na arte que engrandeceu o nome venerando do nobre marquez de Marialva.

D. Francisco de Paula Portugal e Castro, 13.^o conde de Vimioso, nasceu em julho de 1817. Seguiu a carreira militar, na qual conquistou o posto de tenente de cavallaria.

Toureu pela primeira vez em 1837, em umas corridas de novillos, no pátio do seu palacio, no Campo Grande. Em seguida verificaram-se na praça do Campo de Sant'Anna varias corridas de amadores, entrando n'ellas como cavalleiro o conde de Vimioso, que se fez admirar e applaudir entusiasticamente em companhia de D. José Maria de Mendonça, tambem official de cavallaria.

O conde de Vimioso adquiriu pelos seus meritos a reputação de primeiro cavalleiro, não só entre os amadores como tambem entre os artistas, que lhe reconheciam superioridade.

Toureaava sempre com inexcédível fortuna, devido incontestavelmente aos seus excepcionaes conhecimentos da equitação e das rézes, e foi quem primeiro executou a sorte de *cara a cara*, que actualmente tão poucas vezes se vê levar a effeito. Depois do conde de Vimioso, tem sido D. Luiz do Rego e Victorino Froes os que mais frequentemente a

tem praticado, o primeiro no Campo de Sant'Anna e o segundo no Campo Pequeno.

Apesar da sua muita dextreza, n'uma corrida realisada em Evora, a que assistiram muitos portuguezes e hespanhoes, sahiu o touro com tal rapidez que não lhe valeu recurso algum, e sendo colhido foi derrubado conjunctamente com o cavallo, que ficou muito contundido. O conde de Vimioso, usando então dos seus admiraveis recursos, sahiu da sélla, montou outro cavallo em selim razo, e collocou no touro que o havia desfeitado, oito ferros com incomparavel galhardia. A ovação foi delirante.

Observava constantemente este seu preceito: «O trabalho do toureiro a cavallo



FREDERICO PEREIRA NUNES

consiste essencialmente em que o cavalleiro, pela sua dextreza e arte, zomba do poder do animal, sem que elle ou o seu cavallo recebam o mais ligeiro contacto, o que constitue sempre desaire.»

Ao facto dos segredos mais reconditos da arte de equitação, preparava habilmente os seus cavallos para o toureio, arte em que arrebatava o publico sempre que se prestava a lidar, a maioria das vezes a favor de institutos de caridade.

*

D. João de Menezes foi um dos companheiros de glórias do conde de Vimioso.

Tendo andado na campanha da Maria da Fonte, como ajudante do conde de Mello, não quiz D. João, que então contava apenas uns vinte annos, continuar no serviço do exercito, quando o marechal Saldanha fez a revolução de 1851, que poz termo entre nós á era dos pronunciamentos.

Elegante e bonito rapaz, dedicou-se a todos os *sports* que estavam então em moda entre a mocidade portugueza, e em todos se distinguiu. Como cavalleiro tauromachico

fez D. João de Menezes ampla colheita de applausos e... de corações. Quantas luvas brancas não rebentaram deixando ver a pelle rosada de mãos pequeninas, no dia em que elle montando um ginete fogoso, que guiava apenas com um cordão de seda, enfeitou de ferros numerosos os touros bravissimos que lhe destinaram!

D. João de Menezes não desmentiu essa gloriosa tradição do seu antepassado Marquez de Marialva. Hoje está avançado em annos — velho é que não! — mas não ha muito tempo que o vimos n'uma tourada do Campo Pequeno, com o olhar brilhante todas as vezes que os artistas mostravam comprehender a arte de que elle fôra eximio cultor nas *touradas de fidalgos*, ainda hoje

memoradas por aquelles que lograram assistir a tão bellos espectaculos.

*

D'entre os bandarilheiros amadores, Frederico Nunes foi dos que mais se salientou na época do conde de Vimioso, alcançando muitas tardes de triumpho ao lado d'aquelle grandioso vulto da tauromachia portugueza. Devia ter nascido ahi pelo anno de 1823, pouco mais ou menos, segundo as informações que conseguimos obter.

Debutando como forcado, e apresentando-se depois a tourear a cavallo, nem uma nem outra especialidade o captivaram, sendo o toureio de pé a sua unica aspiração.

Quando conseguiu ver realisados os seus sonhos, entrando n'uma corrida como bandarilheiro, foi então que julgou ter campo aberto á vocação que o minava.

Acompanhando muitas vezes, como já dissemos, o conde de Vimioso, com elle alcançou bastas tardes de gloria, mencionando-se de preferencia a de 14 de julho de 1858, no Campo de Sant'Anna, em que toureou rézes de Roquette, colhendo applausos



ANTONIO ROBERTO

que attingiram a loucura.

Tambem na Figueira da Foz, em agosto do mesmo anno, teve uma tarde felicissima, sendo as honras da tarde para o conde de Vimioso como cavalleiro e para Frederico Nunes como bandarilheiro.

Em 1859, apreciava-o o jornal *O Portuguez* como um bandarilheiro completo, firme, agil e de sangue frio, condições essenciaes que se exigem no artista.

Frederico Nunes bandarilhava com precisão, passava de muleta e de capote, e sahia aos quites com muita vista e acerto, sendo um bom auxiliar para os cavalleiros.

Foi colhido por varias vezes, algumas de gravidade, como n'uma corrida effectuada na Merceana e organisada pelo Marquez de

Castello Melhor, em que um touro que se desembolou o feriu muito mal. N'esta corrida tomaram parte o conde de Vimioso, Victor Moreira, D. José de Mello e Castro, João Pedro da Herra e Antonio Roberto, que tambem soffreram colhidas n'essa tarde. Frederico Nunes foi deitado em um carro até á Quinta do Campo, d'onde sahiu só depois de completamente restabelecido.

*

Antonio Roberto da Fonseca nasceu no anno de 1801 na cidade de Angra do Heroismo (ilha Terceira), mas logo de tenra idade foi viver para Salvaterra de Magos, com seus paes, d'onde elles eram naturaes.

Sendo considerado como o primeiro artista de pé do seu tempo, foi um dos bandarilheiros que inauguraram a praça do Campo de Sant'Anna em 1831.

Foi educado e guiado na arriscada arte por esse distincto grupo de artistas de Salvaterra, de que faziam parte Manuel Faria, Antonio Cordeiro, Francisco Faria, José Ferreira Grillo e Antonio Faria, e teve por companheiros da mesma época José Vicente Tinoco, Antonio Mello e Joaquim Emygdio, que tambem receberam as primeiras lições dos mesmos mestres de Antonio Roberto.

A primeira vez que toureou em Lisboa, foi na praça do Salitre. Ahi foi sempre muito apreciado pelo publico, assim como depois no Campo de Sant'Anna.

Antonio Roberto toureou por muito tempo em companhia de seus irmãos Antão e Luiz, e mais tarde com seus filhos João Roberto, Vicente Roberto e Roberto da Fonseca, aos

quaes guiou com os seus auctorisados conselhos.

Em 1849, como lhe comesçassem a faltar as faculdades, deliberou dedicar-se ao toureiro a cavallo, sem que por isso deixasse, entretanto, de trabalhar ainda uma ou outra vez como bandarilheiro.

Dez annos depois, porém, Antonio Roberto retirava-se por completo da arena, continuando os seus filhos a honrar o seu nome laureado.

* * *

Era nosso desejo sêrmos mais minuciosos n'este trabalho, mas impede-nos a indole da publicação, que tem que abranger mil assumptos e especialidades.

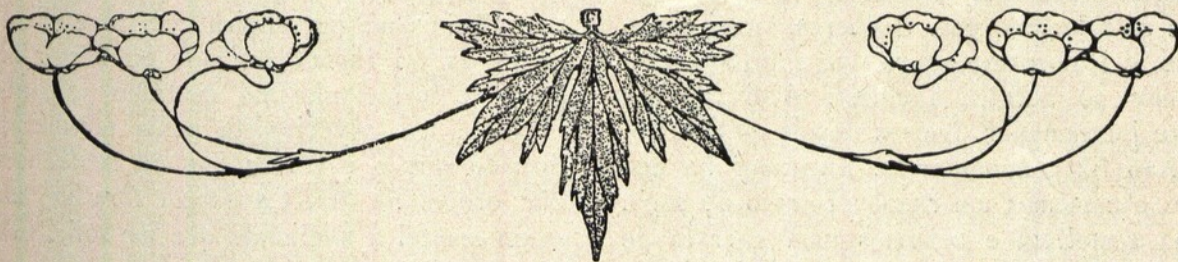
Entretanto, resumidos como teem que ser todos os pontos que tencionamos tratar, procuraremos desenvolvê-los quanto possivel, de fôrma a esclarecer e elucidar o moderno aficionado.

A parte mais difficil e importante para darmos aqui o nosso modesto trabalho — a illustração —, foi entretanto a que se nos tornou mais facil, devido á boa amisade e coadjuvação do nosso particular amigo, sr. Segismundo Costa, que nos franqueou a sua importante collecção de retratos, programmas, bilhetes, etc., donde estamos reproduzindo as gravuras.

Muitas outras velharias, além das que apresentaremos, por ahi andam dispersas e esquecidas. Vae da parte dos seus possuidores proporcionar-nos a divulgação, como fez aquelle illustre aficionado, a quem, aproveitando o ensejo, expressamos o nosso sincero agradecimento.

CARLOS ABREU.

(Continúa)





Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

XVIII

O EXPRESSO DE VIENNA

O comboio especial marchou rapidamente e chegamos a Bruges trinta e cinco minutos depois. Mr. Cavanagh que sahira da cidade secretamente, entrou ali sem nenhum disfarce. A faina fôra trabalhosa, os malvados que se tinham apanhado fizeram com que os outros debandassem. O nosso salão entrou na plataforma principal e apeámo-nos immediatamente. Vi no relógio da estação que eram quasi nove horas, e lembrei-me, como Mr. Cavanagh se lembrou, que ainda não tinhamos jantado.

— Coma quando não tenha que pensar, Ingersoll — disse, elle — é uma maxima que vale muito dinheiro. Nunca confie num raciocinio depois de jantar, especialmente no que se relaciona com mulheres. Comi pouco hoje, e lembro-me agora que sinto appetite. Vamos ao bufete; a comida d'ali não nos deve incomodar. Iremos depois ao theatro.

Não fiz commentarios. Entrámos no bufete e comemos um razoavel prato de sopa, uma costelletta e bebemos uma garrafa de um excellente Bordéos branco. A facilidade de Mr. Cavanagh em se desfazer da resteva das circumstancias sempre me surpreendeu, mas nunca tanto como n'esta occasião em

Bruges. Não proferiu uma palavra do que fizera e das suas consequencias. Parecia um viajante que acabava de gosar uma distracção e que se encontrava um tanto fatigado por esse goso. Se nada colhi da sua conversa é que Mr. Cavanagh planeava uma breve viagem a Hespanha, e desejava que eu o acompanhasse.

— Talvez se divertisse mais, Ingersoll — disse — se fosse até a plataforma de além e tomasse o expresso da noite para Vienna. Ha um, lembro-me, que parte de Bruxellas ás nove e meia da noite. Se pudessemos ir n'elle mostrar-lhe-hia a razão porque Vienna é a mais linda cidade da Europa, embora os seus compatriotas a achem estacionaria. Mas devo ir a Madrid sem perda de tempo; é inadiavel.

Declarei-lhe que o acompanharia de melhor vontade não importava para que destino. Nunca me persuadira que fosse susceptivel da tal espontaneidade em servir alguem e principalmente sentindo tamanho orgulho. Um psicologista podia ter-me affirmado que o revólver que eu desfechava por ordem de Mr. Cavanagh fôra um assenso mental á fidelidade que me solicitava. Sem barulho, mas com convicção, compenetrei-me que era um grande homem que, com razão ou sem ella acreditava que tinha a desempenhar uma missão monumental na

causa da humanidade e na liberdade dos povos. A sua rara intrepidez conquistou a minha dedicação como nada até ahí o fizera.

— Sempre desejei visitar a Hespanha, Mr. Cavanagh — foi a minha resposta.

— Não me admiro, Ingersoll. Vamos ali com a curiosidade que se apodera dos visitantes ante o catafalco de um bispo morto. A Hespanha pertence ao passado — a mitra, o solidéo, a estola estão ali, mas o cadaver do arcepreste foi enterrado. Mostrar-lhe-hia immensas coisas em Hespanha se tivesse vagar. Talvez tenhamos tempo quando acabarmos o que ha a fazer no tribunal. No entanto ámanham estaremos muito occupados, pois é necessario relatar tudo quanto houve em Bruges... não esquecendo mesmo a sua fascinadora Paulina. Ha de escrever a historia do seu crime como eu lh'a dictar, bem como todas estas occorrencias. Mas não falarei n'isto esta noite, para quê deante de um bom copo de vinho?

Calou-se com um gesto sacudido e accendeu um charuto. Eu via através da janella do bufete que o expresso de Vienna estava para partir e que principiara a barafunda do bota-fora. No meio do badalar das campainhas e alaridos das vozes os empregados com galões de ouro exhortavam os circunstantes ou a entrarem ou a retirarem-se. Nessè momento penetrou na estação uma enorme locomotiva de dez rodas; jorrou uma phantastica labareda de luz vermelha e o clarão da fornalha enrubesceu as caras dos homens.

Quando foi dado o signal da partida, o expresso não seguiu immediatamente, mas recuou até a extremidade da plataforma afim de engatar á cauda uma carruagem quasi as escuras. Este decrepito vehiculo — uma carruagem de terceira classe, com toscos assentos de madeira, estava fracamente allumiado por velhos candieiros de petroleo e não tinha as portinholas corridas. Por mero acaso relanceei a vista pelos passageiros — dois policias e a minha juvenil presa do Palacio da Justiça! Se visse minha irman no meio d'aquelles homens talvez o choque não fosse tão forte nem a scena mais commovedora.

Partia então para a Russia a creança cujos olhos melancolicos tinham appellado para mim n'essa manhan, a creança que estreitara durante um momento nos meus braços decla-

rando-lhe levianamente que a amava. Era enviada para esses monstros de Baku — Santo Deus! Para quê! O sangue galopava-me nas veias a este pensamento. Nem por um instante antevira tal realidade, á mercê desses homens, sem um amigo em todo o mundo! A este pensamento tudo escureceu — estação, povo, as luzes oscillantes, a casa onde comia. Partia para que fosse açoutada... ou talvez peor... pela policia de Baku... e ainda essa manhan tagarelara commigo ácerca de amor com os meus *bonbons* de chocolate na mão!

Mr. Cavanagh bateu-me no hombro e eu virei-me para elle rapidamente. O comboio sahira da estação, substituíra-o o silencio da noite. Mas eu só vi os olhos do canadiano fitando-me, só ouvi as suas palavras vibrantes:

— Meu Deus, Ingersoll — segredou-me, — não acredita então que seja criminoso!

Não lhe respondi. Permaneceu durante um segundo irresoluto, encarando-me. Depois, com o gesto mais bondoso que se pode imaginar, disse-me:

— Pensarei n'isso, Ingersoll, lembrar-me-hei do caso. Agora vamos, temos muito que fazer.

XIX

NA PRAÇA DE TOUROS

Chegámos a Madrid tres dias depois de episodio de Bruges e fomos para uma casa particular na velha *calle* de Alcalá. Não sabia quaes eram os negocios que levavam Mr. Cavanagh a Hespanha, e não tinha curiosidade em os saber. Esta vida de constantes mudanças harmonisavam-se admiravelmente com o meu genio. Não me incomodava nada residir em Hespanha ou em S. Petersburgo, na Europa ou na America. Acostumara-me a viver com uma pessoa que se incumbira de uma grande missão — não calculava até onde me conduziria, mas o desenlace seria certamente grandioso.

Esperava-nos na capital de Hespanha o dr. James. Viera, informaram-me, de Waterbeach, sem duvida com noticias da senhora que eu descobrira ali. Fossem quaes fossem essas noticias satisfizeram o meu chefe, que aproveitou o primeiro ensejo para me communicar que o dr. James era um

homem dignissimo, mesmo quando não fosse um operador de extrema habilidade como não era.

— E' uma creatura singular, Ingersoll, e deve gostar d'elle. Penso que sabe de medicina o usual... bem pouco mais. Ha de falar-lhe muito do que viu e fez n'uma pequena cidade da India que tem um nome impossivel. Foi ferido ali, não me lembro em que sitio. A mulher soffreu tal desgosto que morreu. Ature-o com um pouco de paciencia, porque o ha de distrahir.

— Um pouco de paciencia. Mr. Cavanagh...

— Sim, por causa da historia da mulher que conta a cada momento. Trouxe-me excellentes noticias de Waterbeach, estou-lhe grato. Já reparou Ingersoll, que é uma esplendida coisa receber-mos boas novas dos nossos amigos. Lembre-se d'isto quando estiver velho e gasto. Arranje boas novas... melhor ainda, procure alguém que lh'as traga.

Fomos interrompidos n'esse momento pelo regresso do dr. James, homem gordo, bem conservado, com abundante cabello ruivo, redondas bochechas e um enorme e profissional collete. As suas mãos, observei, eram sapudas e molles; as suas unhas bem tratadas, mas compridas. Vestia umas calças talhadas á moda antiga e uma luzidia sobrecasaca preta. Quando falava, as palavras sahiam-lhe como uma torrente, e, mesmo nos seus periodos de silencio, a sua eloquencia ainda parecia tagarelar.

— Um amigo seu, Cavanagh? sêl-o-ha tambem meu, sem duvida. Deixe-me vel-o bem, mancebo — é tal qual Maurice Kirkpatrick a quem deram um tiro em Shaikawati Nunca ousei dizer nada a minha pobre mulher ácerca d'isso — o choque mata-a-hia como veiu a succeder. Tenho muito gosto em o conhecer... vamos esta tarde todos á tourada... principiemos por nos deixar de ceremonias.

Apertou-me a mão durante mais de um minuto, em quante eu me voltava para Mr. Cavanagh.

— Nunca vi uma tourada — declarei.

O medico retorquiu logo:

— Pois vae ver uma agora, meu amigo. Quando eu estava em Shaikawati, o joven Ned Forrester, dos lanceiros, desmaiou quando eu lhe pedi para guardar a perna que lhe

tinhamos amputado. Nunca vi coisa assim... uma tão linda perna! Ganhou a *Victoria Cross* depois por salvar metade de John Morland, do *Manchesters*. Pobre John, uma bala de artilharia cortou-o em dois — não podia fazer mais, mas o peor é que Ned salvou a parte que não prestava; era impossivel restituir a vida ás pernas de John. Nunca me atreveria a contar semelhante coisa a minha pobre mulher... o choque têl-a-hia matado como veiu a succeder.

— Devia ser uma senhora muito nervosa — aventurei-me a observar.

A observação fel-o delirar.

— Nervosa, meu caro senhor — quando eu servia em Shaikawati ia quinze vezes durante o dia ao ministerio da guerra e cinco vezes de noite. Já é ser dedicada! Participaram-lhe que eu fôra ferido, e a noticia matou-a. Pobre senhora. Eu cheguei a Inglaterra tres mezes depois, com tanta saude como sinto hoje.

— Não foi então ferido, doutor James!

Fitou-me aterrorisado.

— Não fui ferido! Tinha uma bala no «lobulus quadratus» e uma cutilada que roçou pela veia cava inferior. Não fui ferido!

Afortunadamente Mr. Cavanagh salvou-me da saraivada de censuras iminentes sobre a minha cabeça por causa de tão delicado assumpto, e fomos almoçar. Apenas terminou a refeição e tomámos café, veiu a carragem para nos transportar para a praça de touros. Era a primeira tourada a que assistia. O facto, é que a despeito dos meus prejuizos de inglez, sentia-me ancioso por gosar esse espectáculo. Ninguem pode escrever com justiça ácerca das outras nações sem saber o que ha de verdade n'ellas... e não ha nada mais difficil para um estrangeiro que conhece toda a verdade a proposito de uma tourada hespanhola. Subi para a carruagem com tal ou qual impaciencia, com Mr. Cavanagh e com o loquaz medico.

Lembro-me que era um dia ardentissimo de julho e embora a capota da carruagem nos protegesse do sol, nunca senti tão insupportavel calor. O espectáculo que apresentava a *calle* de Alcalá tornara-se indescrível. O ajuntamento era espantoso naquella rua favorita do publico. Quantos meios de transporte podem acudir á memoria, desde as antigas caleças guiadas pelas creaturas mais

estapafurdias até os mais modernos automoveis conduzindo fidalgos, tudo era aproveitado para ir á tourada, E que gritaria, que alarido fazia a irrequieta multidão! As côres vivas do amarello, do vermelho, contrastavam com as gradações do terreno e com o branco das casas. A figurou-se-me que tinhamos sido colhidos por uma impetuosa corrente humana, irreprimivel, de faces morenas, que esquecera tudo, excepto a sua sêde de sangue.

— Maravilhosa scena, Ingersoll — commentou Mr. Cavanagh — depois de novecentos annos de christianismo! Mas recorde-se, no fundo do coração de todos os celtas existe o mesmo desejo. Se a civilização arreda estes sentimentos é pela força bruta e não pela convicção. Os hespanhoes ao menos são honestos. Não blasonam de adeantados e não cortam vinte mil cabeças para servir de pedestal ao progresso. Julgue-os á luz dos factos... não com os seus olhos de inglez.

— E' exactamente o que eu ia a dizer — concordou o dr. James. — Em Shaikavati costumavam cortar a cabeça ás pessoas para as livrar da febre. No fundo teem razão... diabolicamente razão. Olhe para aquelle patife a bater na rapariga com um chicote. Procede logicamente, e ao domingo vae á missa. Como o devemos ajuizar? Em Inglaterra pespegávamos-lhe um cascudo... em Hespanha lembramo-nos que usa navalha e que não temos antisepticos á mão. Sejamos cosmopolitas e discretos.

Estas palavras chamaram a minha attenção e vi um hespanhol todo cheio de si que batia n'uma rapariga com um chicote. Ninguem interveiu, nem se importou com o incidente. A pintalgada multidão caminhava açodadamente como se os momentos fossem preciosos. Confundiam-se na mais pronunciada democracia de immoderada ancia os ricos com os pobres, os militares com os civis, os sacerdotes com os magistrados. Tudo isto se atropelava e reflua. Erguiam-se nuvens offuscantes de poeira rosada e o sol brilhava tão insupportavelmente que parecia querer rebuscar as mais ruins paixões dos homens e inflammal-as. Pareceu-me quasi um milagre que tanta gente chegasse á praça, e quando nós tres nos sentámos, sãos e salvos, nos nossos logares, afigurou-se-me que escapara a uma medonha debandada e que

batera com a porta na cara de um exercito perseguidor.

A praça de touros pertence á municipalidade, e não possui, informaram-me, o esplendor das suas congêneres do sul, especialmente das de Sevilha e Granada. Conhecendo apenas esta não posso emittir a minha opinião. A pista é enorme, e os sectores e camarotes, dispostos á maneira dos circos inglezes, devem accommodar cêrca de quatorze mil pessoas. Os nossos logares ficavam proximo do camarote real, e os bilhetes declaravam que gosariamos o espectáculo á sombra tanto quanto o edificio o permittisse. O aspecto da praça era magnifico e francamente confesso que o brilhantismo do conjunto me surpreendeu e deliciou. A época da mantilha passara e o antigo e pittoresco traje não se ostentava no vasto ambito. Observei um verdadeiro formigueiro de activos espectadores que pareciam ter sido arrancados aos albuns artisticos de ha um seculo. Tudo isto se accumulava nas bancadas, ao passo que em cima, nos camarotes, se viam as mais nobres mulheres de Hespanha, vestidas como Vienna e Paris as ensinara a vestir e acompanhadas por cavalleiros de baixa estatura trajados de azul e prata, que não se cansavam de lhes dizer que ellas eram o sol da terra. Se accrescentar que pullulavam sacerdotes e até frades entre os espectadores, e que precisamente ás duas horas só o camarote real se encontrava vazio, terá o leitor uma pallida idéa do quadro que se desenrolava ante os meus olhos n'aquelle intoleravel dia em Madrid.

— O rei virá? — perguntou-me o dr. James quando se assentou e percorreu a praça com o binóculo.

Retorqui-lhe que não sabia e voltei-me para Mr. Cavanagh para ouvir a sua opinião.

— Esperam o rei, Mr. Cavanagh?

— Esperam-n'o, Ingersoll, mas não vem. E' o marquez de Mercia quem presidirá ao espectáculo.

— Mas eu sei que o rei está em Madrid — insistiu o medico.

Pelo rosto de Mr. Cavanagh passou um sorriso e limitou-se a encolher os hombros. Para mim bastou-me olhar-lhe para a cara. Conheci que fôra elle quem evitara que o rei viesse.

— Repare para o camarote da auctoridade quando entrar o marquez — segre-

dou-me Mr. Cavanagh — ha de ver uma dama vestida de branco com uma pluma côr de rosa no chapéo de palha. Lá em baixo, em qualquer parte, um homem ha de fazer-lhe um signal. Informe-me se os vir, Ingersoll — mas não ha de ser por ora.

A turba por este tempo impacientava-se, tagarelava, motejava, ria, gritava mesmo.

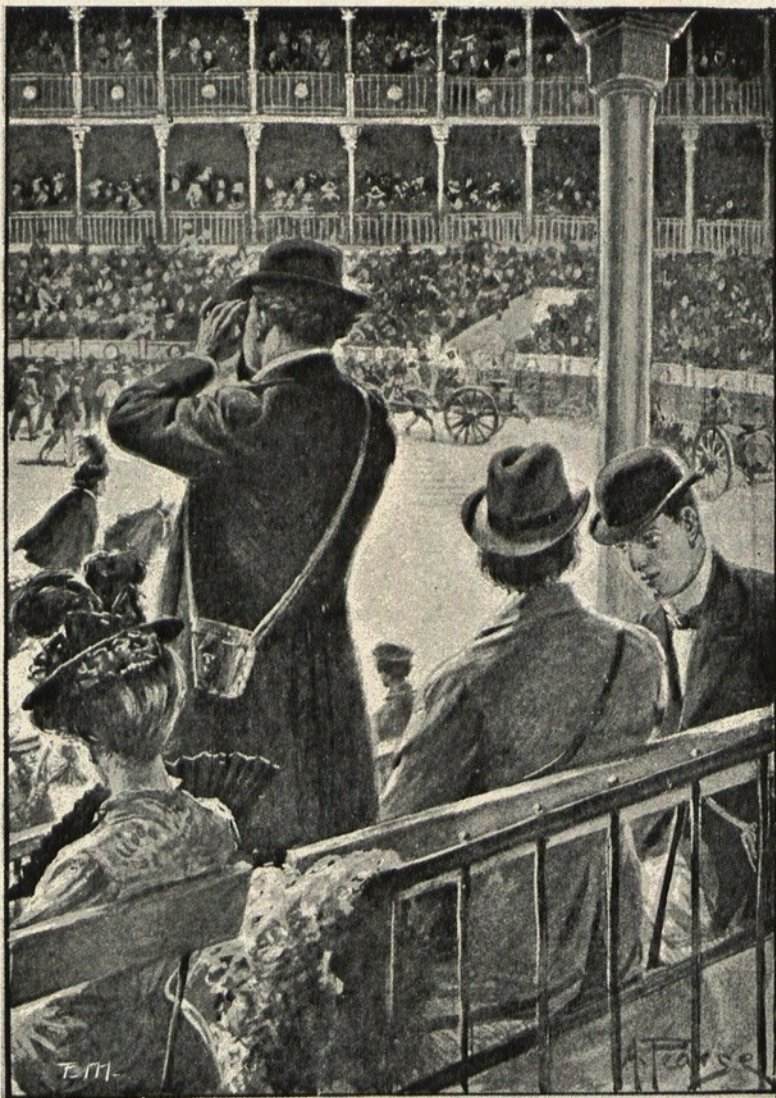
Debaixo d'aquelle sol formidavel os ladrões e vadios de Madrid cantavam canções obscenas, ou trocavam doestos roufenhos com os seus camaradas que andavam pela arena. N'este momento um clarim fez ouvir os seus sons estriidentes e o marquez de Mercia, acompanhado por um sequito de officiaes de uniformes brilhantes e de mulheres sorridentes, entrou no camarote, e logo fez signal aos aguazis para despejarem a praça. Se o

leitor já viu a policia de Londres tentando socegar a turba na rotunda de Piccadilly n'uma noite de tumultos, ou os porteiros expulsando com asperesa da gelada Serpentina os frequentadores do parque quando são horas de fechar, pode fazer idéa d'essa operação a que os hespanhoes chamam *despejo*. Gritos, pragas, blasphemias, movimentos de cavallos, tudo isso se ouve e observa n'aquelle instante. Apenas a pista foi evacuada logo uma força de cavallaria pre-

cedeu o desfile da *cuadrilla*, uma das coisas mais curiosas que se podem contemplar.

O que immediatamente me attrahiu a vista foram os *picadores* montados nos seus tristes rocinantes, andando a passo vagaroso, e mostrando as suas extravagantes jaquetas de seda de côres estapafurdias. Nas *varas* havia flammulas que voejavam quando os

cavalleiros corriam; traziam as pernas protegidas por polainas de couro e ferro, como se fossem jogar a bola na America; as pilecas que montavam não valiam mais de tres libras cada uma, e mesmo assim era um preço elevadissimo. Cedo desviei a vista dos escanzelados garranos pois existiam muitas outras coisas dignas de exame; os *chulos* (1), que contribuiam não pouco para a gloria do espectáculo, exigiam a sua parte da nossa



— O REI VIRA ?

atenção. Estes sujeitos usavam capas vistosas e meias de seda como as dos nossos avós quando o *Figaro* as apresentou na Opera. Atiravam com as capas para a cabeça do touro quando viam os *picadores* em circumstancias criticas. Atrás caminhavam

(1) Traduzimos o mais litteralmente possivel este modo phantastico de Max Pamberton descrever uma corrida de touros em Hespanha.

os bandarilheiros com as suas damninhas farpas que cravariam em occasião propicia. O ultimo de todos era a fina flor de Hespanha, o *matador*. O idolo do povo marchava altivo á frente das parselhas de mulas e dentro em pouco ou se transformaria n'um heroe ou seria um esquecido martyr.

As mulas trotaram ao som de campainhas para fora da arena, e o presidente logo atirou com a chave para dentro do chapéo de um dos aguazis. A seguir um clarim tocou vibrantemente e a numerosa assistencia assentou-se como n'um banquete anciosamente esperado. Em baixo no amphitheatro fôra corrida uma porta na trincheira e patenteou-se uma abertura escura. Os campeões d'este tragico e cruel divertimento distribuiam-se pela arena como os jogadores de uma partida de cricket — os *picadores* perto da barreira á espera do touro, os *chulos* atrás aguardando a sua vez. Então, n'um rapido instante, tudo emmudeceu e surgiu na pista um touro de Jamara, com uma bella cabeça enfeitada por duas esplendidas hastes. O soberbo animal, desconfiado, perplexo, meio cego pela claridade, estacou olhando para os seus contendores.

Talvez lhe chamassemos em Inglaterra um touro pequeno, mas a força da sua cachaceira e membros não se lhe podia negar. Não sei de que meios se serviram para o obrigar a entrar na arena, mas estava ahí presentemente, dando alguns passos, parando de novo como se examinasse quanto o cercava. Das bancadas sahiram gritos atroadores, uma pateada infernal, assobios estridentes. A turba exigia que a funcção principiasse, que o touro começasse a sua tarefa. Quando o bicho se dispôz a acometter foi immediatamente picado com a vara. Na verdade, investiu tão rapidamente contra o *picador* mais proximo que o ataque e a defesa se effectuaram quasi antes de eu poder dar por tal.

Um bravo e célere arranco, o relampejar da vara illuminada por um raio de sol, o cavallo destramente manejado sob a acção potente da redea, um estrépito das hastes contra a trincheira, e ali ficou o touro, raspando a areia inquieto. O *picador* trotou n'esse momento e cumprimentou a multidão. Desde então os meus olhos não se desfitaram do quadro e nada me escapou. O touro furioso com o ferimento, atira-se á douda

sobre o segundo cavalleiro que se collocara mesmo por baixo de nós. Vi a vara cravar-se como d'antes, mas n'um lampejo, homem, touro e cavallo rolaram todos pelo terreno formando um só grupo. Retumbou no mesmo instante um brado unico de deleite que deve ter atravessado a cidade de lado a lado.

O homem cahira no chão, mas o desventurado cavallo jazia entre elle e as hastes ameaçadoras. Foi medonho, asseguro-o, o que se seguiu, quando o touro furioso dilacerou o desprotegido corpo do gemebundo animal. As armas enterraram-se e tornaram a enterrar-se no seu despedaçado flanco, e a cada marrada a carne gottejante era de novo mais rasgada. Os que uma vez ouviram os gemidos de um cavallo na agonia sabem que não ha queixume mais plangente n'este mundo, mas os hespanhoes pareciam ouvir a mais deleitosa harmonia. Tudo se levantou dominado por uma grande excitação. Mulheres e creanças estenderam o pescoço para não perder nada do sangrento espectáculo. Todo o revoltado horror que eu experimentava era para elles um sentimento digno de mofa. Pois não tinham pago o seu dinheiro para gosar tal espectáculo?

Os *chulos* occupavam-se agora do cavallo moribundo. O touro precipitou-se atrás de um d'elles, de cabeça baixa, narinas dilatadas, com a areia a espadanar em volta das patas, com os olhos vermelhos de furia. O pobre diabo corria como um gamo para a barreira, mas parecia impossivel que a conseguisse alcançar. A mais pequena passada em falso, um instante de incerteza e a fera escreveria o seu epitaphio em letras de sangue. O touro perseguia-o tão de perto que a marrada, que o deveria ter furado, roçou-lhe pelo fato quando saltava a trincheira. O escapar-se são e salvo desapontou a valer a concorrência. Conhecia-se isso na evidente frieza dos applausos.

— Salvou-se por um triz:

— E' verdade — disse eu para o dr. James — foi uma linda carreira. O homem corre como uma lebre. Se o touro se anticipa um segundo ficava feito em postas. Não creio que os nossos profissionaes do jogo da bola sejam mais lesto. Começam a fatigar-me estas correrias que podem terminar por uma tragedia. Se o homem apparecesse por ahí valia que se lhe desse

algum dinheiro. Arriscou-se a mais que os cavalleiros.

— Meu caro amigo, ainda não viu o melhor. Repare para aquelles sugeitos com bandarilhas. Creio que vão ornamentar o boi com esses adornos.

Fixei de novo os meus olhos na arena e vi ali, com todo o garbo, os bandarilheiros que se preparavam para espicaçar o boi com as farpas. O touro parara por baixo de camarote presidencial; os flancos latejavam; a espuma gottejava da lingua pendente; a cabeça tomara uma attitude de singular magestade e graça. Pelo que lhe dizia respeito não duvido que ficaria muito contente se voltasse para os campinas de Jamara e deixasse esses selvagens como tinham vindo. Mas a sua morte fôra préviamente ordenada; nada o podia salvar; não havia supplica que despertasse a piedade de um embotado Cesar, e os hespanhoes eram peores que Cesar na sua sêde de sangue.

O magestoso animal permittiu que os seus ageis competidores se approximassem d'elle. Bravos até o prodigio, velozes como um raio, giravam como milhafres em redor da prêsa, que os observava como um leão pode observar um chacal. Manteve-se durante um instante como o arbitro da vida e da morte. Se se demorassem um segundo, se tivessem o minimo descuido, a sua perda era certa. A tensão de todos os nervos era medonha. O touro, duvidoso e perplexo, baixou porfim a cabeça para acommetter. Os bandarilheiros aproveitaram esse rapido instante. De um e outro lado, medindo as distancias com notavel pericia, cravaram-lhe as farpas na ampla cachaceira. As bandarilhas oscillaram, penetraram ainda mais nas carnes e augmentaram a sua agonia. Mas os capinhas redopiavam ageis e perseguiram-no por toda a parte. Não se descreve a furia do animal dilacerado, espumando, encabritando-se para sacudir os farpões de aço da pelle e libertar-se das suas intoleráveis picadas.

Approximava-se o ultimo acto d'esta triste comedia de matadouro. O *espada*, o theatral magarefe de trajes vistosos, o homem a quem a Hespanha admirava acima de todos os seus heroes, dispunha-se a matar o touro e tornava-se necessario evacuar de novo a arena e a recommençar o espectáculo. Nesse dia, o primeiro d'esses monstruosos

gladiadores, era um rapaz chamado Gregorio do Prado, em tempos um vulgar pastor das montanhas de Granada, e então uma arrogante imagem de vaidade, de insolencia e de ostentosa coragem, coberto de lentejoulas como um arlequim de circo. Armou-se de uma espada e approximou-se do touro com demasiada lentidão no parecer da assistencia, e não tardou que silvassem os assobios e que estrondeasse a pateada. Gregorio precavia-se, resolução que o despopularizava. Tive umas certas esperanças que o touro se salvasse — vans esperanças como não tardei em verificar!

O toureiro incommodava-se com a impaciencia dos espectadores, e resentia-se d'isso. Os seus movimentos tornaram-se indecisos. Lançou um rapido olhar de desdem para as bancadas repletas de gente. Em seguida avançou um pouco mais e parou a cêrca de uma jarda do desventurado touro, ao qual ficava pouco terreno para acommetter. Neste momento supremo o alarido tornou-se ensurdecido; cascas de laranja, garrafas vacias, até pedras, foram atiradas para a arena, como manifestação do mais absoluto desprezo. A pateada retumbava sem cessar. No entretanto o touro permanecia immovel. Se tivesse investido, a Hespanha contaria n'essa tarde menos um *matador*.

Comprehendera desde o principio deste deprimente espectáculo que um dos cuidados do *espada* era estudar o carater do seu adversario — se é nobre ou velhaco, um espartalhão que não se preste ao jogo, ou um actor honesto que estende submisso o cachão á ponta da espada. Gregorio, encolerizado com o desdem da populaça, não examinou o contendor como a sua experiencia lhe aconselhava e cedeu ás imposições dos espectadores dementados. Deveria ter esperado um instante mais — aguardar a acommettida da fera — que não estava completamente estonteada e era astuta, que havia de se esquivar, fugir com o corpo, n'uma palavra que não se encontrava em estado de *entrar a matar*. A ira dominava Gregorio, obrigou-o a precipitar-se, tirou-lhe toda a serenidade, fez com que se esquecesse que a sua vida estava por um fio, apontou a estocada com pouca firmeza ao sitio vulneravel, ao unico ponto que poderia determinar a morte instantanea.

Tudo se passou com a rapidez de um re-

lampago. Vi o faiscar da espada, a attitude dramatica do *matador*, o seu corpo levemente inclinado para trás, com o braço esquerdo estendido como um esgrimista, com a perna direita um tudo nada recuada. Na frente d'este estacionava o boi com a cabeça curva e o pescoço um quasi nada torcido para um lado — e assim permaneceram durante um instante. A lamina, porém, bateu n'um osso e resaltou com força. A fera colheu Gregorio e furou-o com uma das hastes.

Que fizeram os espectadores quando tal succedeu? Ouviram-se palavras de piedade, de afflicção, de horror? Nada que se parecesse com isso. Principiaram a rugir como feras em tórno de um cadaver. Cada vez o touro enterrava mais as pontas no convulsionado corpo, e a cada sacudidela d'essa feroz cabeça, espesinhando, trucidando, dilacerando aquelles restos humanos, havia malvados que applaudiam, homens bem parecidos que assobiavam o morto, alguns até que bradavam: «Viva o touro!» Não cessou nem por um momento o alarido em quanto o cadaver do toureiro permaneceu na arena. A sede de sangue tivera muito por onde se satisfazer e o que se seguiu depois pode bem classificar-se uma especie de hymno de louvor. Vi creanças com o sorriso estampado nas faces, velhas de passado escabroso ber-

rando como possessas, mãos ossudas batendo palmas com deleite. Ouvi um grande susurro quando transportaram Gregorio para fora e o retinir das campainhas das mulas que trotavam pela arena adeante. Então, e só então, cahi em mim e ouvi o dr. James dizer-me:

— Está satisfeito, Mr. Ingersoll?

— Completamente satisfeito.

— Não acha conveniente participal-o ao nosso amigo?

Olhei para Mr. Cavanagh e a expressão do seu rosto surpreendeu-me. Não levantara ainda os olhos d'onde cahira Gregorio. Os musculos das suas mãos contrahiam-se e o seu rosto estava terrivelmente pallido. Quando lhe toquei no hombro, fitou-me como um homem que acorda em sobresalto.

— Que temos, Ingersoll?

— Vamo-nos embora, Mr. Cavanagh.

— Deseja retirar-se, Ingersoll?

Não sei o que senti e respondi-lhe com toda a franqueza:

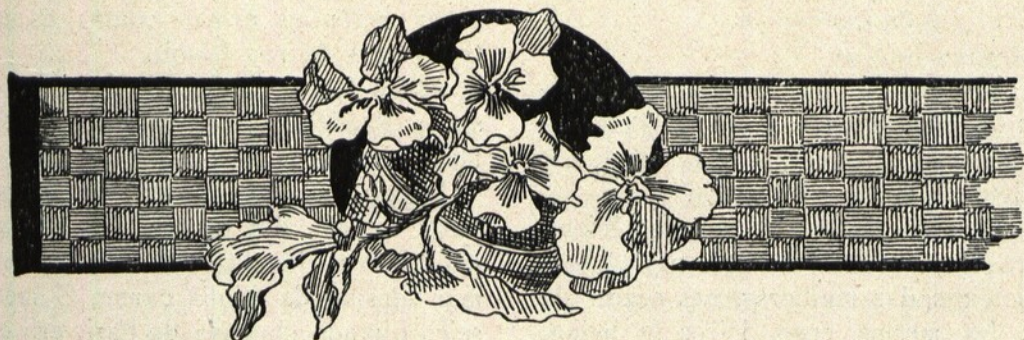
— E' o melhor.

Mr. Cavanagh ergueu-se immediatamente. Ia jurar que cambaleava um pouco quando nos levantámos dos nossos logares, e creio que na realidade não me enganei.

O derramamento de sangue impressionara-o, e as minhas palavras tinham-n'o envergonhado.

(Continúa.)

Traducção do inglez de EDUARDO DE NORONHA.





ARCO DO TRIUMPHO DA ESTRELLA

Paris ao espelho portuguez

*Dizia minha avó... — A phantasia do loiro.
— Snobismo e má lingua. — Illusões desfeitas.*

Ouvi a minha avó de cabelos de prata que:

Portugal é um ovo
Hespanha uma eira,
França uma geira.

Esta chorographia comparada tão infallível como o mapa-mundi de Marco Pólo fazia-me penar. Portugal podia ser engulido em omelete na eira ou na geira.

Pela sua côr fulva no atlas e dos luizes, a França era um mar de sol, nas landes, nas cabeleiras das mulheres, nas searas da Alsacia. Na mesma eram loiros os beijos, os espadachins e a sua estrella d'alva menos remota.

Este doirado infinito era alumiado por Paris como por um lampeão de furta-côres. Havia ali a sanha vermelha dos revolucionarios, dos philosophos e artistas, subindo

diariamente a escada de Jacob para picar a escopro pedestaes velhos. Os seus gavroches eram bocadinhos de estrellas caídos á lama, e na galera doida do cabelo das parisienses quem quizesse podia navegar.

Mas era preciso muito dinheiro para se não sentir a vertigem de tombar ao Sena, saber jogar as armas contra os alçapões traçoeiros da rua Rivoli.

Assim tinham insinuado á minha phantasia o Baedeker e os romances passados a fasciculos de porta em porta.

Depois, os hombros das suas cortezãs, pelas tampas das caixas, nos chromos, nos phosphoros, levantavam calidas ondas no mar sensual da minha carne. O meu camiseiro quando chegava de Paris era esperado na gare por uma philarmonica que mugia o hymno da carta, as gazetas davam as boas vindas e os mostruarios novos embasbacavam mais Lisboa que o Papuss.

O dr. Martelo apresentava-se á sociedade como residente em Paris. E a sociedade cur-

vava-se, abria respeitosa as alas ás botas que se haviam enlameado na lama chic dos boulevards.

Em côro maldiziamos da capital, das nossas mundanas, d'este céu de caloteiros; dos olhos de mosca morta das alfacinhas. Salvavamos apenas as humbreiras do Chiado, a nossa cosinha succulenta e a fita glauca de postal illustrado do Tejo. E ante o loiro cognac, na lusitana algazarra do café, a nossa nostalgia loira fumegava.

Eramos assim todos, adoptando servilmente a phrase irreverente do Eça de que Lisboa era Paris vertido para calão. Poucos logares communs lisboetas respeitavamos, entre as maravilhas do orbe, além da imponderabilidade do conselheiro Accacio, da Avenida, do cavallo de D. José e da sisudez das nossas damas. A má lingua aqui tocava a tangente do dogma.

E quando a policia quebrava os queixos alfacinhas, os garotos rabiscavam porcarias na cal nova, os lojistas punham o balcão na rua, nós lastimosamente commentavamos:

— Lá fóra não se vê isto!

Ai! o vento esfeiteador da verdade derribou a caranguejola dos meus conceitos. E' que elles tinham petrificado há muitos annos como os macacos.

As tres cidades. — O sol de Lisboa. — A capa castelhana. — Paris á primeira vista. — Rebocos electricos. — A nau dos argonautas e os autobus. — Cocheiros. — O sans-gêne francez.

Largámos de Lisboa n'uma manhã de sol coado no diaphano filtro d'um céu azul.

Na Baixa a vida arrastava-se molemente; cortavam-na como pedradas os pregões dos garotos: *Seculo! Mundo!*

Pelas sacadas altas do Rooio nespereiras desmaiavam após o parto laborioso d'uns tisticos carços. D. Pedro, espetado entre as nuvens, n'um gesto largo, agitava as cauteias.

Da Praça da Figueira vinha uma algazarra de enxame; o alarme dos electricos latia raivosamente nas peugadas d'um burro pacato de collareja, d'uma carroça farfalhuda d'hortaliça. Na esquina que espreita a Avenida, um poeta baudeleriano, de botas cadavericas, namorava o sol. E a dois passos, um burguês fazia amotinar uma tribu de gallegos, por via d'uma mala que guardava uma camisa.

Fomos assistir a um pôr do sol em Madrid, ás Puertas del Sol.

O mundo medieval estendia-se ali n'aquella praça bizarro e ardido, como em lenço de cigana as peripecias d'uma toirada. Pelos terraços, nos limiares, nos passeios, a *muchedumbre* castelhana de

padres, militares, fidalgos, horizontaes, toireiros, rugia n'uma grande ebulição parada. Nos ares, nem o fumo d'uma chaminé, a pulsação d'um volante, d'um martelo.

O cocheiro, depois de fabricar o meu honrado duro em moeda falsa, poz-se a questiona-lo, erguido ao alto, para a rosa do sol:

— *Tu no eres bueno? tu no eres bueno?*

Intervindo, um policia, sentenciou que de verdade aquelle duro não era bom. O autentico tinha-se abysmado lepidamente em algibeira madrilená.

Masquei n'uma *fonda* um chocolate que



TORRE EIFFEL

me avariou o estomago para toda a vida, d'uma densidade que sustentava a pino a colher e um mastro de cocagne. Depois agarrei do meu sacco e deitei a fugir. Deitei a fugir d'aquella terra lindamente selvagem, d'olhos cansados de ver talins, hostias e estoques.

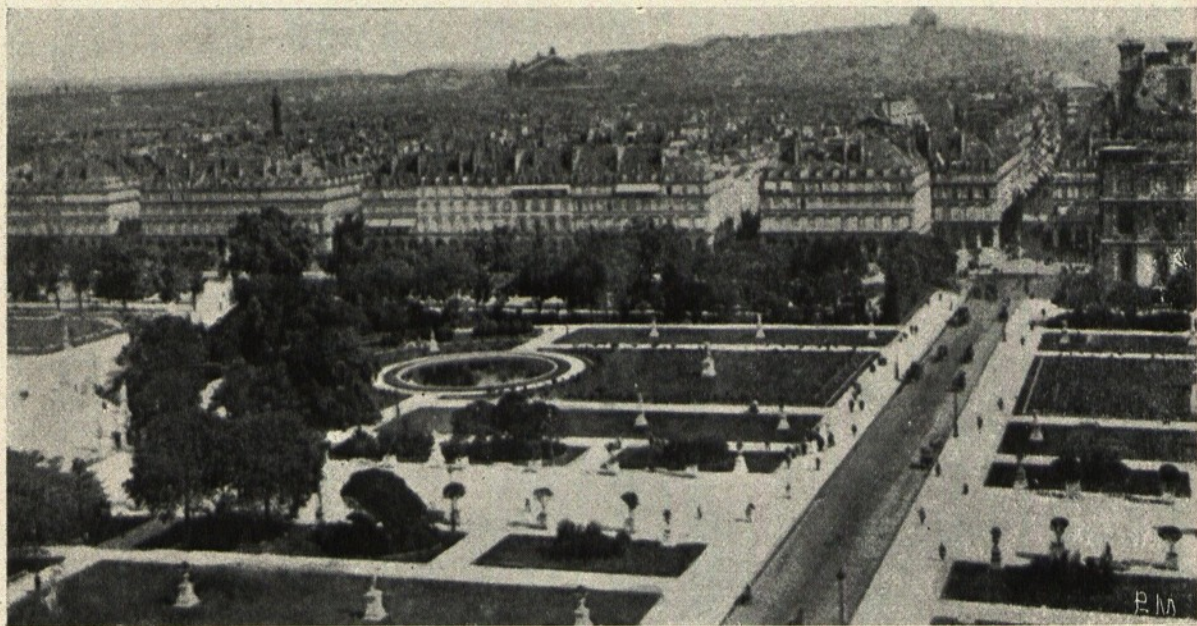
O trem foi baldear-me ao Quai d'Orsay, iluminado duma luz intensa, d'um suór amarello d'astro.

No *trottoir* rolante a minha mala pinchou o espaço; e sem um olhar o giz alfandegario riscou confiadamente o salvo-conducto.

Um fiacre cauchuado arrastou-me surda, sensualmente, por calçadas de madeira, atra-

nos carros cellulares do Limoeiro. Uma fumegava, outra ia ao tiro barbaro de tres parellas guedelhudas. Comprehendi por dedução que eram os autobus e omnibus, uma viação disforme, mantida talvez pelo capricho do horrivel. Ao pé, os electricos lisboetas, todos catitas e envernizados, podiam dizer-se umas cocotes.

No Bairro Latino notei que a humanidade lunatica é cosmopolita como a lua. Estudantes de focinho afiado deixavam aos cabelos a liberdade loira das gabelas de trigo. Mas pelas esquinas não vi os ociosos cantados nas novelas, expostos em edição elzevir no Chiado. Como sistole e diastole bem



JARDIM DAS TULHERIAS

vez de Paris. Os arruamentos obedeciam todos á geometria rigorosa da linha recta.

Dentro do xadrez immenso os olhos depressa sentiram a sede das curvas. A luz electrica inundava tudo, convertia as paredes em rampas de incendios. Averiguei depois que ao contrario dos outros povos, que exploram as sombras, os francezes servem-se d'ella como d'um reboco, a mão d'oleo que vem rejuvenescer as tintas velhas. Sobre diluvios de luz, de marmores e de bronzes é que elles levantam a babel prodigiosa dos seus monumentos e parques.

A certa altura, duas coisas saíram a tomar o passo do fiacre, enormes e rugidoras quaes monstros prehistoricos. Ia gente dentro como na caravela dos argonautas, ou

combinadas, duas ondas crusavam-se no boulevard, subiam, desciam, mas apressadamente, sem o portuguesissimo braço dado e os piparotes na pança.

Sob o toldo vasto dos cafés a alegria vertia-se como n'uma kermesse. O *sans-gêne* resaltava de tudo, dos labios que galhofavam, dos pares embalados familiarmente na ondulação da vaga. Na boca d'uma mulher o sorriso nascia para illuminar a todos. Fanhosamente, sem a gralhada cristalina dos garotos de Lisboa, os *camelots* pregoavam: *La Presse*.

O meu cocheiro levou todo o caminho n'uma ladainha pegada. Uma mundana, um chapéu de espavento, um collega que conduzia melhor sota, tudo passava pela faca da

sua philosophia mor-dente. E' este — parece — o tique mais saliente do cocheiro de Paris. Mas não são tão ladrões como em Madrid, nem tão calaceiros como em Lisboa, embora o gado não seja menos etico, nem valha menos um soneto de Tolentino.

Do meu quarto, muito proximo d'uma estrella, olhei sobre Paris. Parecia uma cratera resfolegante, abrindo para o céu plumbeo a umbela doirada de seu incendiado halito.

Nos intermundios uma lua hotentote agonisava.



NOTRE DAME

Paris visto de imperial. — Cá e lá más fadas ha. — Sapateiros. — O apache e o fadista. — A mominette e a ginginha. — Pratos portuguezes salgados. — Um official de marinha maître d'hotel.

Josine veio arrancar-me ao portuguesissimo segundo somno nas barbas do meio-dia. E, como um casal excentrico de lords, partimos a percorrer Paris, investindo contra a Halle e farçolando no boulevard.

Ella trajava um *trotteur* alegre com travesso chapéu á pampa; confiado no meu junco de malaca armei-me d'um olhar filaucioso.

Grimpámos a imperial alta d'um autobus, no meio d'uma tromba de vehiculos que ganiam, assobiavam, rangiam os dentes. As ruas iam alagadas d'um movimento tempestuoso. Ali, do alto, tinha-se a impressão de que Paris todo preparava o exodo, se baralhava em azafama de feira ou catastrophe.

De branco bastão erguido, um policeman regulava o passo das encruzilhadas. Alternativamente, o seu gesto soberbo abria e fechava os boqueirões das ruas, repletos de

gente como açudes. Semelhante ás notas graves d'um concerto, o pó-pó das se-reias não despejava. Nos asfaltos a maré humana corria inexaurivelmente.

Diante do *Printemps* apontei a Josine, scandalizado, a venda ao balcão no meio da rua. Josine sorriu, disse-me que em Paris a primeira esthetica era a do dinheiro, e indicou-me as *Galleries la Fayette* e a *Samaritaine*, alagando o passeio, mettendo-se impudicamente á cara do publico.

Tive um baque de desillusão e consolo; não era só em Lisboa que se mercanciava na rua, á anti-

ga, com os mesteiraes á beira dos templos.

As vitrines estendiam-se boulevards fóra como muralhas de cristal. Lá dentro estava armada a isca sabia dos esplendores, capaz de harpoar um franciscano. Compreendese assim porque tres quartas partes das parisienses tombem na vidairada. Por toda a parte o luxo as assedia tam incessantemente como um D. João.

N'uma sapataria a minha vaidade indigena chamejou. Em artigos de sola e coiro Lisboa levava a palma. Saudosamente fiquei a pensar na botina chinesa que apparece no *Primo Bazilio*. E os meus olhos arripiaram-se ante o sapato mal amanhado de Josine.

No *Maxime*, arribadoiro das elegancias, almoçámos. E enquanto mastigava religiosa, protocolarmente, notei que a gorgeta ficava muito áquem da gorgeta snob do Tavares.

Depois bem comidos e bebidos, atravessámos o Sena, apertado em talas de pedra como fita em roldana. Em baixo, uns monstrosinhos, uns tamancos a vapor, desfilavam estridentemente.

Na Halle vi o *homem forte* e o *apache*.

O apache tinha cara como os outros homens e nem usava as melenas nem as calças á boca de sino dos fadistas, o que me espantou.

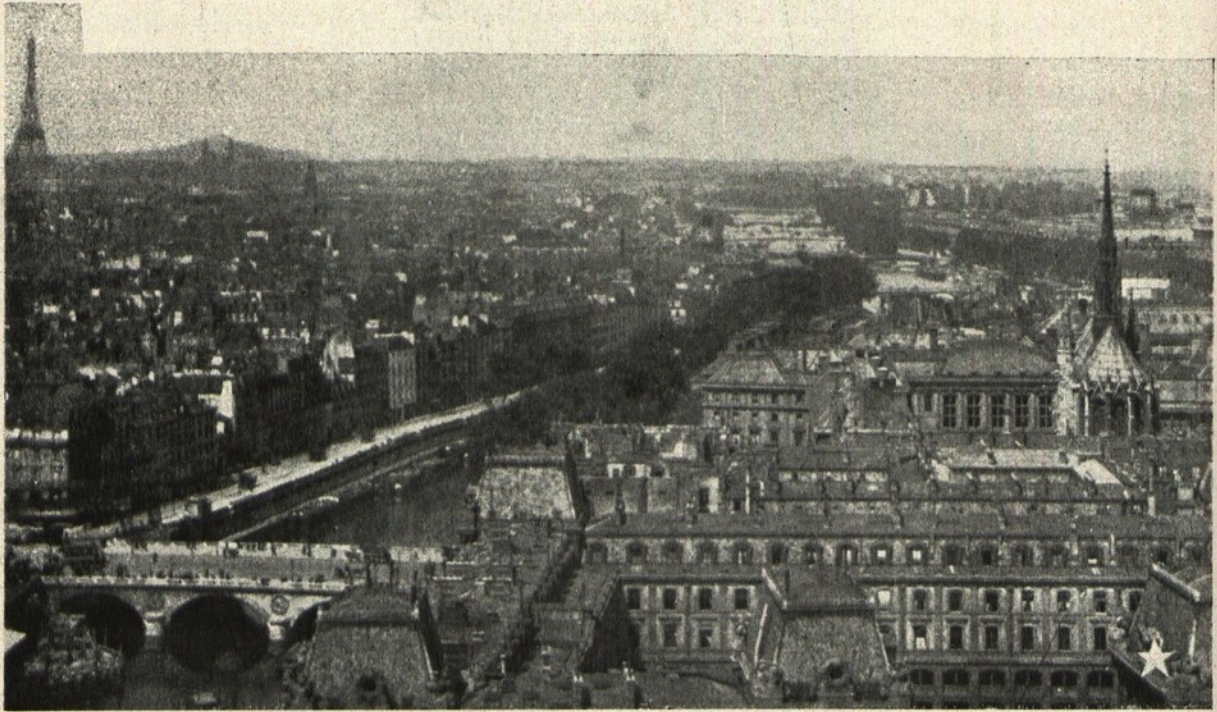
Ali ia havendo ocasião de provar as minhas mãos beiroas em cara de estanho. Josine, o pomo da discordia, atalhou, advertindo que uma bofetada custava irremissivelmente 100 fr.

E puxando-me pelo braço, levou-me a tomar n'um botequim proximo a *moinette* dos piteireiros.

Um gentilhomem de guardanapo ao hombro deambulava na sala. Indagámos do criado. Era um official de marinha; filho do dono do restaurant, nas horas vagas policiava o serviço.

Abri muito os olhos maravilhados. E o meu cerebro, vibrando com a rapidez das esferas no ether, ia a proclamar a razão por que os francezes eram derrotados no mar. Mas Josine tapou-me a boca com a sua reflexão subtil:

— Ali tens uma amostra do utilitarismo



BAIRROS DO SENA

Ante os *panneaux* patuscos arrotei aos versos e á ginginha da rua de Santo Antão:

É mais facil com uma mão
Dez estrellas agarrar.

.....

A beberagem verde passou-me nos gorgomilos como um archote em lavaredas; mas entesei-me, e dei estalos de goso com lingua babosa.

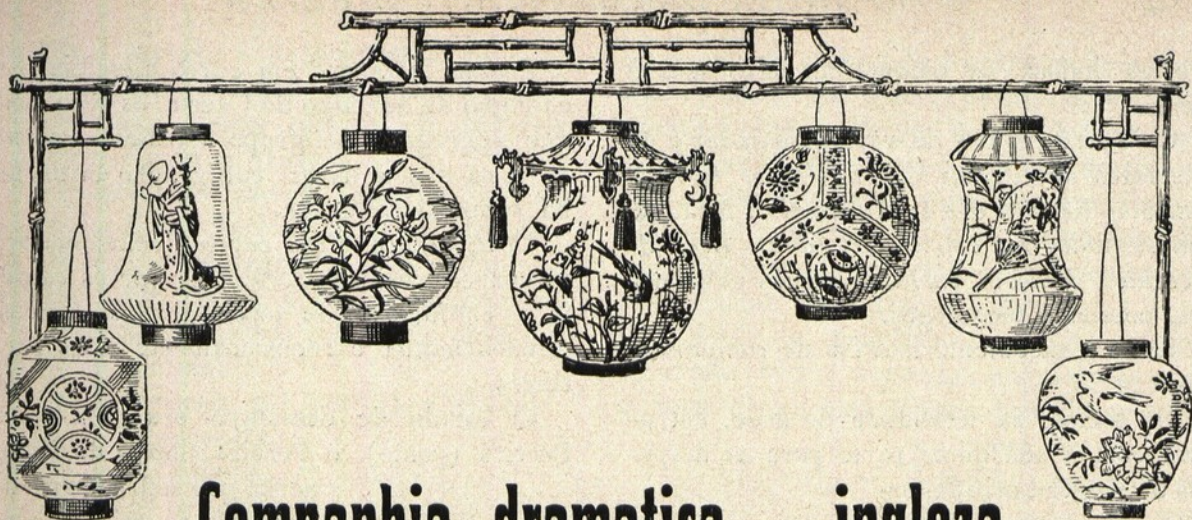
Ao jantar cahimos na resaca d'um *Bouillon*. Por patriotismo pedi *Hachis portugais*, e *Gigól à la portugaise*, marcados quaes acepipes longinquos com um preço taludo. De paladar portuguez afinal só me souberam a salgado.

(*Continua.*)

parisiense. Hoje, o espirito gaulez tilinta como uma bolsa de contrabandista. Paris é a caixa das almas do universo. Por dinheiro o francez desce a todos os misteres, a todas as porcarias, fura, rasteja, vai levar a mulher aos braços do americano ou do conde russo. O que quer é dinheiro com que mais tarde se possa enfronhar n'um *chateau* de provincia, dando filhos á burguezia republicana e aos votos do Senado. Ahi tens porque a França é em oiro o paiz mais rico do mundo.

Calámo-nos. O official da marinha sacarrollhava uma cerveja. Josine, dentro do espirito da raça, brincava com o diamante do meu berloque d'oiro.

AQUILINO RIBEIRO.



Companhia dramatica... ingleza

A ALFREDO CARVALHO



VERÃO de 1889! Dezenove annos já passados!

O verão foi sempre o terror dos actores.

Terminada a epocha normal dos theatros, o espectro do verão, apparece-

lhes terrivel, medonho, fatal!

E note-se que n'aquelle tempo os contractos eram de nove mezes, sendo portanto o verão de tres. Hoje, o verão, é de cinco mezes, e os contractos, de sete!

Não se pode dizer que caminemos na razão directa das *massas*, mas sim, na inversa do quadrado das distancias... dos contractos!

A formiga trabalha afadigadamente de verão para *armazenar* os seus comestiveis para o inverno. Nós, os actores, ao contrario, trabalhamos sete mezes, para *empenhar* nos outros cinco de pódre *calmaria* theatral. E sabendo-se que o final dos nossos contractos é em maio, mez de pagamento da renda da casa, e o começo dos mesmos em novembro, segue-se que o segundo semestre da renda, é pago antes de se receber o primeiro ordenado, que só nos apparece no dia 1 de dezembro, data em que para os *lusitanos* chegou o dia da *restauração*.

Tinha eu terminado a minha epocha de inverno no theatro de D. Maria, empreza

Rosas & Brazão, quando o Alfredo Carvalho, que n'esse anno tinha creado com um successo louco, o Lucas do *Tim-Tim*, me apparece convidando-me para fazer parte de uma *companhia ingleza*!...

Desvendemos este segredo de *argot* theatral.

Em geral, é considerado attributo do *inglez*, a riqueza. Ora as companhias de provincia são quasi sempre formadas com difficuldades e luctas monetarias. Ou cada socio entra com a sua parte, que regula no maximo, por dois ou tres mil réis, ou um dos collegas adianta uns dinheiros indispensaveis para os transportes para a primeira localidade, na esperanza alegre de que a primeira recita cubra as despezas e o *bando* lá marcha confiante na sua sorte.

Como se vê, não se náda em riqueza, bem pelo contrario, e, por consequencia, o qualificativo *ingleza*, é por antonomia, o symbolo de *pobresa*.

Eis a origem do titulo — *companhia ingleza* — que pertence a Alfredo Carvalho.

A *companhia ingleza* de que ora se trata, sob a direcção d'aquelle estimado actor, compunha-se dos seguintes artistas: Laura Godinho, Encarnação Reis, Luiza d'Oliveira, Claudina Martins, pelo que toca á parte feminina, e de Caetano Reis, Pereira d'Almeida, Alfredo Santos, Carlos Santos, João Pereira (ponto), o director, e o signatario

d'estas linhas, no tocante ao sexo feio e forte.

O repertorio era de variado paladar e de bastantes aperitivos: *Os engeitados*, *Grande Galeoto*, *Receita dos Lacedemonios*, *Medicos*, *Diioso fado*, *Ao calçar das luvas*, *Roca de Hercules*, *Maldita carta*, e varias cançonetas, poesias e monologos.

Bello e succulento *archivo de companhia ingleza!*

Os socios, na totalidade de onze, entraram com a sua quota parte para as despesas de viagem, orçadas em vinte e quatro mil réis, quantia préviamente calculada, para nos conduzir a Santiago do Cacem, formosa e hospitaleira villa do Meio-dia da Extremadura e inicio da nossa excursão.

A viagem de Lisboa até ali, era por *étapes*, como agora se diz.

No vapor das sete da manhã, de Lisboa ao Barreiro, d'aqui ao Poceirão em comboio, do Poceirão a Alcaccer do Sal em diligencia, atravessava-se o Sado em lancha, tomava-se um carro alemtejano do lado de Grandola que nos conduzia até esta villa; aqui, tinhamos uma demora de duas horas, para descanso do gado e alimento do estomago na venda do Frade e chegava-se depois a Santiago do Cacem, pelas dez horas da noite do *proprio dia da partida*. Isto ha dezenove annos!

Hoje, o progresso indigena modificou sensivelmente esta fatigante viagem e no Poceirão ha uma carreira de automoveis que nos leva a Santiago do Cacem com a velocidade do... *relampago!* Parte-se do Poceirão ás nove da manhã e chega-se áquella villa no *dia seguinte* ás quatro da madrugada, depois de se terem passado tres ou quatro horas na estrada, á espera que se concerte um *pneu* furado ou uma camara d'ar rebentada.

Oh! abençoado progresso!

Emfim, lá vamos em carro alemtejano a caminho de Santiago do Cacem, os doze, pois que aggregado ao grupo artistico ia o pae de uma das actrizes, calligrapho distincto, ha annos já fallecido.

Doze *almas*, n'um carro alemtejano, aos solavancos, estrada fóra, pois que os *corpos* já se confundiam de amarfanhados, doridos, pisados mutua e reciprocamente pelos parceiros.

O estado de desespero era tal, que o Pereira (ponto), o Pereira (loiro) do Gymnasio, que soffria de rheumatismo, a meio da viagem dizia: — «Se encontrarem por ahi as minhas pernas, dêem-m'as para cá!»

Aportámos a Santiago, hospedámo-nos no Hotel Rocha, á entrada da villa, e eis-nos no Theatro Harmonia, desenvolvendo a nossa *actividade artistica*, ensaiando, representando, fazendo cartazes á mão, pregando-os nas esquinas, etc.

Os cartazes eram feitos a pincel de penna de pato e com tinta de escrever, em folhas de papel de côr de dez réis cada folha, e alta noite o Pereira d'Almeida, o Alfredo Santos e eu, iamnos collocar-os nas paredes. — «Tres, para collarem cartazes?!» — «Sim, senhor!» — O Pereira d'Almeida levava o cartaz, o Alfredo Santos a escada, e eu a lata da massa e a brocha. Oh! a divisão do trabalho é um dos grandes principios de economia politica!

Uma nota n'este instante se me apresenta e não devo deixar de a referir. O pae da actriz, que ia em villegiatura, abriu na terra *Curso de Calligraphia* a nove mil réis a duzia de lições!

Ao cabo de vinte dias, exgottado todo o repertorio, cansado e exausto o publico de *não ir* ao theatro, reuniu *conclave artistico* e grande foi a resolução tomada! Darnos duas recitas de despedida, uma com um es-



ALFREDO CARVALHO

pectaculo variado e de *retalhos*, outra com o *Grande Galeoto*, peça que tinha feito um successo louco n'uma casa de oito mil reis e partirmos para o Algarve.

O espectáculo variado constou de: *Ao calçar das luvas*, *Roca de Hercules*, comedias em um acto, d'um *grandioso intermedio* e da *Maldita carta*, farça, a *fechar* espectáculo.

O intermedio merece referencia especial. Era assim composto:

A orfã — poesia por Pereira d'Almeida.

Sim!!! — cançoneta por Laura Godinho.

A pulga — monologo por Antonio Piniheiro.

Do outro lado — cançoneta por Alfredo Carvalho.

O gato — monologo por Caetano Reis.

Querem comprar? — cançoneta por Encarnação Reis.

Os camarões — monologo por Antonio Piniheiro.

As farpelinhas — cançoneta por Alfredo Santos.

Esta recita assim tão bem condimentada era uma das nossas radiosas e fagueiras esperanças de *enchente*. Mas... a bilheteira fez, quinze mil réis! E para cumulo... du-

rante o espectáculo, não houve um unico espectador que soltasse uma gargalhada, que esboçasse um sorriso! Entravamos e sahiámos de scena, sem uma palma, sem um applauso, sem um *bis*!

As cançonetas, pareciam marchas funebres; os monologos, necrologios. Entreolhá-vamo-nos desconfiados, espreitávamo-nos, á espera d'um *clou* n'essa noite fatidica... e nada!... *As farpelinhas* do Alfredo Santos entoaram o *requiem* final! A graça, *aviscmica*, desertára dos nossos arraiaes. E foi tal o choque do desalento recebido por todos os meus collegas, que nenhum mais ousou recitar ou cantar um dos numeros do programma citado, em toda a sua vida artistica.

Só eu, eu só, tenho tido a coragem de *mimosear* os meus espectadores ha dezenove annos, recitando-lhes a *Pulga*! E justo é dizer, que se n'aquella noite a recitei falho de graça, hoje tenho modificado tanto a sua recitação, tenho-lhe imprimido tal *élan*, que ainda não consegui que alguém risse hoje, como então! Já é recitar bem, graças a Deus!

Falhada a primeira despedida, pouco contando com a segunda, endividados com o hotel e com uma viagem bem dispendiosa na nossa frente, valeu-nos a bondade do Rocha que nos emprestou dinheiro para nos transportarmos até Lagos, porto de abrigo d'esta caravela desmastreada, sem bussola nem leme.

Os magros recursos individuaes tinham desaparecido no sorvedouro dos cigarros e da roupa lavada e engommada.

Dada a segunda e ultima despedida a Santiago de Cacem com o *Grande Galeoto* e a *Gratidão* do Caetano Reis — poesia que elle recita sempre em beneficio ou em despedida e que terminando por uma saudação ao povo da terra elle muda o nome

d'esta conforme a localidade onde se encontra — eis-nos á uma hora da noite em marcha.

A caravana compunha-se de dois carros alemtejanos, sem molas, alojando cada um, seis pessoas, as trouxas dos fatos que serviram no ultimo espectáculo, duas gallinhas cosidas, dois chouriços, uma borracha de vinho e doze pães, rodando tudo isto durante treze horas, por uma tortuosa, pedregosa e esburacada estrada de segunda ordem em direcção a Garvão, estação de caminho de ferro mais proxima, para tomarmos a linha do Algarve, ha pouco inaugurada.

Antecipadamente estudáramos o infallivel itinerario e o respectivo horario.



LAURA GODINHO

Sahiamos de Santiago á uma da noite, chegávamos ás duas da tarde a Garvão, tomávamos o comboio ás duas e meia, estaríamos em Albufeira ás oito e meia da noite, aqui, as *carrinhas* algarvias que nós conduziriam a Lagos, onde chegaríamos, depois de mais de dezesete horas de viagem, ás duas da tarde d'esse mesmo dia.

Nada ha, como as coisas bem estudadas, bem calculadas, bem determinadas, para tudo dar certo!

Como diziamos, eis-nos á uma da noite a caminho. Noite humida, escura, lugubre. Envolvidos nas nossas capas e casacos, aos solavancos, aos encontros, estrada fóra. Os carros marchavam a *passos de bois*, ora atravessando ribeiros que nos obrigavam a levantar dentro do carro para não nos encharcarmos, ora fazendo-nos bater com as cabeças nos tejadilhos de canna, devido á *suavidade* e á *doçura* do rodado.

O boieiro, sentado ora no varal, ora na canga, dormia ou cantava conforme a confiança da marcha. E n'aquelle estado d'alma em que não ha palavras para dizer, fazia-se silencio sepulchral dentro do carro, silencio cortado de quando em vez, pelo riscar de um phosphoro para acender um cigarro, e por vezes pelo latido longiquo dos lobos, cujo som terrificante chegava até nós.

Luziu a manhã e interçados de frio, tendo dormitado cada um de nós por subscrição, parámos ás nove horas para descançarmos,

nós e os bois, coitados, que tambem n'este caso, eram *gente!* Quem diz paragem, diz almoço e para encurtar, tudo o que levávamos, gallinhas, chouriços, pães e vinho, desappareceu como por encanto n'aquelles doze estomagos famintos e sequiosos.

Repóstos em marcha, devisámos ao longe o comboio que devíamos tomar ás duas e meia da tarde e pouco depois vimol-o passar junto a nós, rapido, fumegante, entreabrindo um sorriso de desdem e de orgulho.

Primeira esperança perdida!

Devíamos estar em Garvão ás duas da tarde e chegámos ás quatro, cheios de fome, arrasados, sujos e com dois mil e quinhentos réis para onze pessoas, que era tanto o que o Alfredo Carvalho tinha em seu poder. Não falemos no dinheiro das passagens e em vinte libras que o calligrapho, pae da actriz, tinha ganho no *seu* curso, mas á *nossa* sombra e que elle trazia na *sua* bolsa de prata de dois compartimentos.

Seiscentos kilos de bagagem chegavam á mesma hora que nós eis-nos em plena estação de Garvão, qual bando de errantes ciganos!

Perdido o comboio das duas e meia da tarde, só tínhamos o da uma da noite. Que remedio!

Comida não havia e encarregado o Carlos Santos de ir procurar comestiveis, volta d'ahi a

pouco com dois pequenos paios e dois pães grandes, que mais pareciam de *pasta* e de



CONCEIÇÃO REIS



LUIZA DE OLIVEIRA

dureza percursora dos muitos dias de fabrico.

O Carlos Santos, descobrira os paios dentro de uma casa e perguntando ao homem que n'ella habitava se os queria vender, elle objectou-lhe: — «não tem dinheiro para m'os comprar.» — «Diga quanto custa?» — «Seis tostões!»

Vinho não havia e contentámo-nos com algumas garrafas de gazosa, compradas n'uma venda ao lado da estação a setenta réis cada uma!

O chefe da estação manda-nos gentilmente collocar tres lavatorios na *gare* e todos nós, homens e senhoras, procedemos ao indispensavel *lavabo*, enquanto os paios e os pães eram divididos pelos doze apóstolos, perdão, pelos doze *ciganos*, pelo Alfredo Carvalho, dizendo-lhes: — «Crescei e multiplicai-vos.» — Mas qual! Isso sim! — Encolheram e dividiram-se! — Lembrome ainda bem. A cada um coube um *duodecimo* de paio e um *sexto* de pão.

Depois de tão *lauta* refeição, estendemos capas e casacos no chão da sala de espera e servindo-nos das malas por travesseiros, repousámos e dormimos como bem-aventurados, o somno dos justos. Tanto assim, que ao som *suave e harmonico* de alguns bons *ressonadores*, como o Alfredo Santos, o Pereira, o Carlos Santos e eu, as filhas do chefe, dançavam polkas e mazurkas, como até então, desde que ali estavam *degradados*, tal não acontecera.

Avisinhava-se a hora da partida e levantado o arraial, colhiamos informações de qual a melhor estação para nos apeirmos e tomármos rumo para Lagos. A linha estava, havia pouco tempo, aberta á exploração e depois do chefe muito telegraphar no

Bréguet para as estações seguintes, indicáram-nos Albufeira, como estação de descida.

Para lá vamos, á uma da noite e ás sete da manhã apeávamo-nos em Albufeira. Mas — oh! decepção! — Nem uma *carrinha* para passageiros, nem um carro para bagagens!

Fronteira á estação, uma *venda*. Ahi informam-nos que nos deviamos ter apeado na estação anterior, — S. Bartholomeu de Messines, berço de João de Deus — onde encontraríamos todos os meios de locomoção que a nossa situação exigia.

O desanimo e a fome lavraram no acampamento e o mau humor appareceu e expandiu-se em toda a sua plenitude.

O *pae da actriz*, mostrando e batendo na bolsa de prata com as vinte libras, gritava, que ao primeiro comboio que passasse para Lisbôa, levaria a filha e uma outra actriz que lhe era *muito proxima*.

O Alfredo Carvalho agarrando-o, louco, desesperado, tresvariado, e tirando da algibeira posterior das calças um revolver, dispunha-se a fazer do calligrapho, *mouche*, se eu e o Carlos Santos não o obrigassemos a guardar o *abbadie*, não sem algum custo.



CARLOS SANTOS

Comprehendia-se!

Frustrado o crime . . . pensou-se em comer, pois que, desde os duodecimos de paio, nada mais tinhamos deglutido. Tinhamos ainda uns mil e quatrocentos réis e mandaram-se fazer onze ovos com tomates, visto que o *menú* da casa não marcava outra iguaria, ovos que foram *sabiamente* repartidos, tendo a acompanhál-os um decilitro de vinho a cada um e uma chicara de café . . . Café? . . . Seria?! . . . Não sei! . . . Soube-nos a *Moka* genuino . . . de Albufeira!

Paga a despeza restava-nos ainda uns mil e cinquenta réis, o que permittiu que

se comprassem uns tres maços de cigarros *Santa Justa* e que se dividissem pela comunidade masculina.

Tragando a longos haustos o fumo dos *especiaes*, passeiavam uns, sentavam-se outros, enquanto o Pereira d'Almeida e o Carlos Santos foram a pé, a uma legua de distancia, á villa, procurar conducções.

Voltáram duas horas passadas, com um *char-á-bancs* pequeno e um carro para bagagens, porque é preciso notar-se que em excursões artisticas, as bagagens são ainda mais carinhosamente tratadas do que as nossas pessóas.

Bagagens montadas, carro a andar e no *char-á-bancs* as senhoras, o Caetano Reis como *sultão* e o adjunto das vinte libras!

Eram onze horas da manhã quando esta primeira *leva* partiu, ficando ainda seis homens que só ás duas da tarde poderiam seguir, pois que só a essa hora uma *carrinha* nos viria buscar. Assim succedeu e ás duas n'uma *carrinha* de quatro logares, lá fomos os seis, a caminho de Alcantarrilha, primeira paragem, onde chegámos ás seis da tarde.

Apeámo-nos á porta da *venda* principal da localidade e indagámos o que poderíamos comer. Preciso é saber que nos restavam quinhentos e cincoenta réis, pois que o Caetano Reis tinha levado os outros quinhentos, para as *comedorias* d'elle e das senhoras que o acompanhavam!

O dono da locanda, algarvio franco e hospitaleiro, responde-nos que só tinha o seu jantar, mas que estava ao nosso dispôr, E dito isto, mandou-nos servir pela filha uma sôpa de vagens, chibato cosido e sardinhas fritas. Abençoado patricio! Nem Lucullo se banqueteu com tão delicioso manjar, nem Vatel poderia, com toda a sua sciencia culinaria, *crear* pratos mais saborosos.

Comer e não olhar a despezas foi o que succedeu e já refeitos, quando o Alfredo perguntou quanto era, entreolhámo-nos afflictos.

— «O jantar era o de nossa casa: não é nada! — O vinho é... um pataco!»

Longo suspiro soltámos a um tempo os seis e o Alfredo tomando ares de *grand-seigneur* obtemperou: — «Acceitamos tão hospitaleiro acolhimento, mas permittir-nos ha que offertemos uma lembrança a sua gentil filha.» E comprando um lenço vistoso, na propria loja, pelo preço de tres tostões, offertámo-lo em commissão á seductora pequena que tão amavelmente nos serviu á mesa e partimos com os olhos rasos de lagrimas!

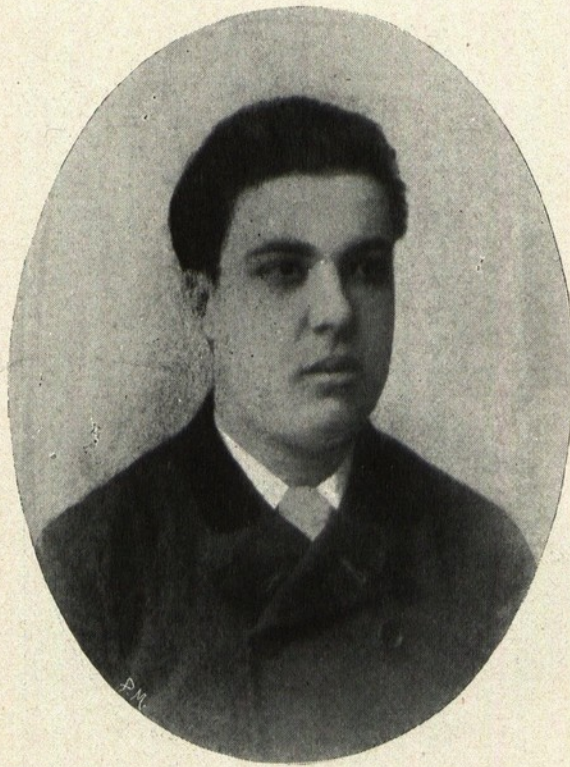
E' bem certa a superstição popular de que — «lenço é apartamento». Nunca mais vi este santo varã, nem a filha que, um dia me mataram... a fome!... Se a pequena me tivesse dado cinco réis!...

Segunda paragem em Villa Nova de Portimão ás nove da noite.

Emquanto se descansa damos um passeio e leva-nos o acaso junto de um *tabernaculo* onde se assavam sardinhas e chócos! Espécámos e lançamos para o Alfredo

olhares ternos. Elle que era lido em Lavater, que conhecia *physiognomonía*, percebeu logo que as nossas *expressões* eram de quem queria comer sardinhas e chócos. Como bom *pae* disse a seus *filhos*: — «Vamos lá rapazes, mas não se alarguem, olhem que só ha duzentos e dez!»

Oh! santas palavras! Entrar na loja, mandar assar sardinhas e chócos, com tinta e tudo, comel-os, regando-os com um pouco de *Fuzeta*, foi obra de momentos. Devorávamos com um sabor *exquis* esses *apetitosos* pratos e tres ou quatro duzias de sardinhas desapareceram como por encanto. Saldadas as contas com a dona da venda, restava-



ALFREDO SANTOS

nos... um vintem! A despeza tinha sido... 190 réis!

Grande *reino*, o Algarve! E como o unico representante d'essa *nacionalidade* era eu, pois que Tavira ouviu os meus primeiros vagidos, foi-me entoado um *hossana* de louvores! E se não mandaram tocar o hymno do Algarve, foi por elle se ter perdido nas brumas da historia e na noite caliginosa dos tempos!

Alfim... ás duas da noite, a nossa *carripana* chegava a Lagos e apeávamo-nos á porta do Hotel Rato, á entrada da cidade, frente á bella e grandiosa bacia oceanica a que os inglezes, depois das suas celebres manobras navaes, chamam: — «a nossa bahia!»

Os seiscentos kilos de bagagem da companhia, jaziam na rua, junto á porta do hotel. O carreiro e os collegas anteriormente chegados, tinham-n'a abandonado e dormiam já a somno solto.

Os seis recémchegados, resolveram carregar com as malas e guardal-as dentro do hotel. Ajudando-se uns aos outros, foram estas conduzidas para o sotão, na altura de um segundo andar, local indicado pela *Victórinha*, uma creada leve e ladina, de puro accento lacobricense, que ria a bom rir dos fretes que estes carregadores improvisados faziam a taes horas.

Ora á medida que cada um, tinha guardada e arrumada a sua mala, ia desapparecendo, de fórma que a minha — *um mundo* — como elles lhe chamavam, ficou só e isolada na rua, tendo por unica sentinella a minha humilda pessoa, na esperanza que alguém a ajudasse a levar.

Mas qual! — Desesperado e resignado carreguei com o *mundo* ás costas e lá trepei para o sotão, maldizendo a minha triste sorte, mas abençoando-a hoje, por que me deu forças e alento para no futuro não só carregar com todas as malas que se me

teem deparado nas minhas excursões, mas ainda para carregar e supportar... muitas outras coisas.

Uma bella canja nos espejava ás tres da manhã e depois a *Victórinha* indicáva-nos o sotão com tres camas feitas no chão, onde deveriam dormir cinco dos nossos, pois que o Alfredo Santos como resonasse um pouco mais forte tinha-se arredado do nosso gremio.

Para maior commodidade unimos os colchões e n'esta grande e sumptuosa cama preparávamos os corpinhos para dormir, quando nos apparece o Alfredo Santos em trajes paradisiacos, de véla acesa na dextra, implorando-nos asylo, pois que uns importunos insectos que os zoologos classificam de hemipteros o tinham assaltado como leões esfaimados e devoradores. Lá ficamos seis... em tres colchões!

Repousámos e manhã cedo começámos a fazer a nossa *toilette* de passeio para deitar *bando*. Dinheiro em caixa... um vintem! Barbas... por fazer! Alguns barbeavam-se e barbeavam os collegas, por signal que o Pereira d'Almeida cahiu nas mãos do Carlos Santos que o *lanhava* a cada passo, pois que a barba rijs e farta d'aquelle, resistia

valentemente á navalha d'este seu camarada Figaro!

Cigarros... nem meia *beata*!

Como fumar?! Uma ideia luminosa e genial se apresenta. Um de nós iria comprar um masso de *Santa Justa* na venda por baixo do hotel e que pertencia ao mesmo dono, mandando, com um *grande ar*, pôr a despeza na conta. Dividia-se o masso, fumavam-se os cigarros e acabados estes, um outro collega procedia do mesmo modo e com a mesma *pose* e audacia!

E assim se fez durante os tres dias de estada em Lagos, onde démos tres espectaculos com *casas á cunha*. O Formosinho e



GAETANO REIS

o Alberto d'Oliveira, gentis presidente e secretario do Theatro Gil Vicente, no dia seguinte ao primeiro espectáculo queriam entregar o seu producto liquido, mas o Alfredo Carvalho na sua qualidade de director d'esta grande *companhia ingleza*, obtemperou que não accitava, que não precisavamos de dinheiro e que só no fim dos tres espectaculos faria as devidas contas. E dizendo isto mostrava furtivamente a carteira cheia de notas de cem mil... *ratos!*

Certo é que as tres recitas salvaram todos os prejuizos e que o nosso primeiro cuidado foi mandar telegraphicamente ao bondoso Rocha de Santiago de Cacem a nossa divida e o seu generoso emprestimo.

Estava salva uma situação angustiosa e difficil e d'ali em diante, em Portimão, em Faro, em Tavira, a sorte protegeunos e ganhámos cada um no final d'esta excursão o melhor de quatro libras, de quatro mil e quinhentos réis cada uma! O resto da nossa peregrinação foi então suave e ideal!

Em Portimão trabalhando n'uma barraca de lona e sem orchestra, em Loulé na sacristia de uma ex-capella em cujo palco o Pereira d'Almeida se afundou após uma *quêda* no *Grande Galeoto*, e em Tavira... *Tacet!*

Tavira é o meu berço natal! Tavira, a

N. da R. — As photographias publicadas são coevas da excursão a que se refere o articulista.

Veneza do Algarve, d'onde partira aos cinco annos e onde voltava pela primeira vez aos vinte e dois, recebia-me de braços abertos, festivamente. E tanto assim que não havendo a esse tempo hotel condigno para receber tão honrosa e digna *troupe*, hospedou-se esta n'uma loja e todos as manhãs eu, em companhia do Carlos Santos,

ia ao mercado, ás compras, onde os meus patriocios me levavam mais *caro*... pelas ameijoas, pelos figos e pelo atum!

Grande Paio Peres Correia! Não foi impunemente que tomaste Tavira, a antiga Balsa dos romanos, aos mouros, com os teus doze cavalleiros!

.....

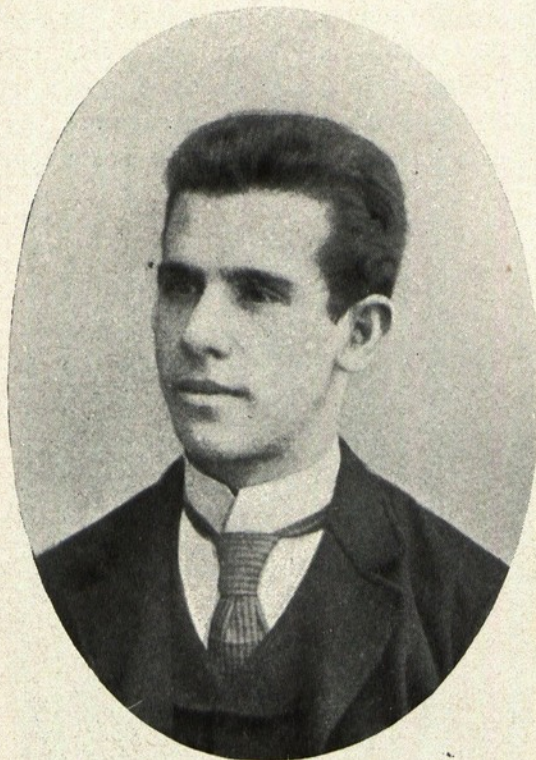
Ha dezenove annos! Como tudo isto vae longe e distante!

Uns abandonáram a arte, outros desapareceram da *scena* da vida e os que sobrevivem, quasi exgotados, recordam como eu a nossa descuidosa mocidade, a nossa despreoccupada juventude e relatam de viva voz aos

novos ou traçam no papel, estas saudosas recordações de boa camaradagem pelos vivos e de grato reconhecimento pela memoria dos mortos!

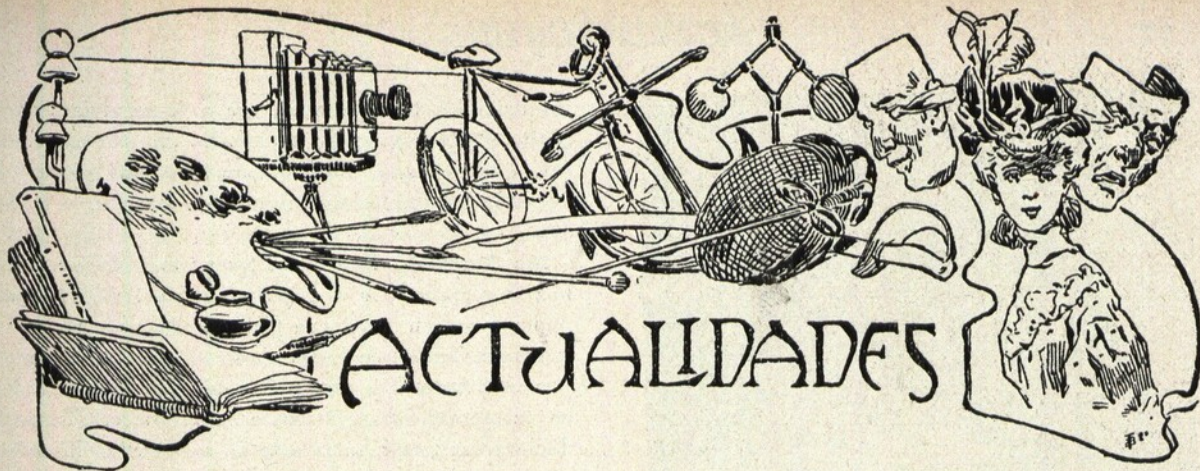
Um só... dos que já não existem, nos incommodou e nos deu amargo fel aos nossos labios, mas a esse, que não era nosso collega... paz á sua alma, á sua *pêra* e ás suas vinte *libras!*

ANTONIO PINHEIRO.



ANTONIO PINHEIRO





Grandes topicos

Uma revolução na Alemanha. — Foi pacifica, mas nem por isso deixou de ser uma profunda revolução, a que ha cerca de dois mezes se desencadeou e ainda se está operando no imperio germanico, transformando completamente o regimen politico. Provocou-a uma entrevista com o imperador, publicada n'um jornal londrino *Daily Telegraph*. N'ella, Guilherme II, com a sua habitual incontinencia de linguagem e com o proposito de attenuar a tensão das relações anglo-alemãs, e ao mesmo tempo de envenenar o entendimento entre a Inglaterra e a França, fez varias declarações sobre politica internacional, tendentes a demonstrarem que, durante a guerra anglo-boer, a França procurara habilidosa-mente collocar a Gran-Bretanha n'uma situação humilhante.

O estratagemma não só não surtiu o desejado effeito, como teve o condão de irritar a opinião pu-

blica ingleza no mais alto grau. Foi então que na Alemanha se produziu um movimento curioso e synthomatico dos tempos que vão correndo. Todos os partidos, desde o mais conservador ao mais radical, manifestaram a *una voce*, pelos seus órgãos na imprensa, que era absolutamente necessario exigir do imperador o compromisso de no futuro ser mais ponderado nas suas palavras, por fórma a não perturbar com ellas a tranquillidade da Alemanha, assim como era indispensavel, para effectivar esse compromisso, o estabelecimento de uma constituição que acabasse de vez com o poder pessoal, tornando os ministros responsaveis.

Esta unanimidade de vistas produziu, como era natural, uma profunda impressão em toda a parte. Assim, não admira que quando o chanceller principe de Bulow, n'uma audiencia que já agora ficará celebre, apresentou ao Kaiser as reclamações da opi-



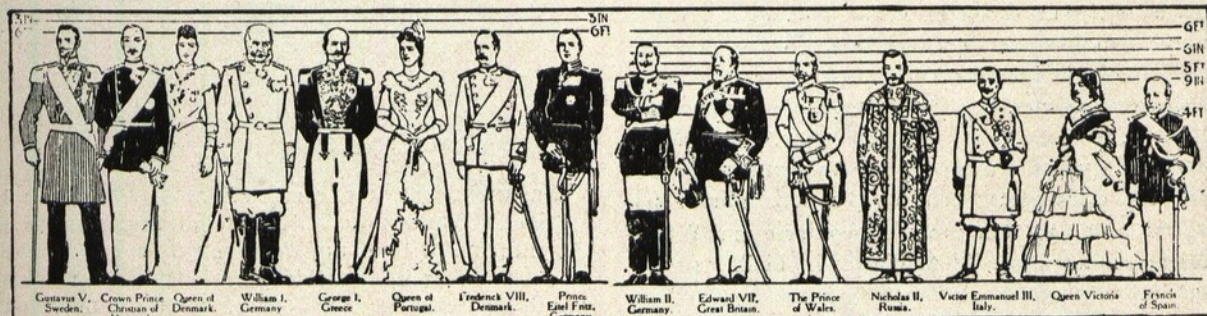
(Cairo Punch)

(Cairo)

ALLEMANHA — *Reis do Oriente, amo-vos. Eu sou o sustentaculo do Islam.*

TURQUIA — *Deixa-nos em paz. Enganaste-nos, és uma inimiga disfarçada em amiga.*

(Refere-se á questão do Oriente, á attitude tomada pela Alemanha a favor da Austria quando esta potencia annexou a Bosnia e a Herzegovina e a Bulgaria se declarou independente).



ALTURA COMPARADA DE ALGUNS SOBERANOS, RAINHAS E PRINCIPES DA EUROPA



(Westminster Gazette)

(Londres)

A DEPENNAÇÃO

SULTÃO (novo estylo)—*E' uma flagrante injustiça, exactamente quando eu me dispunha a fazer de anjo.*

(O sultão da Turquia, acabava de ceder ás exigencias constitucionaes dos jovens turcos quando a Austria annexou a Bosnia e a Herzegovina e a Bulgaria se tornaram independente).

não publica, este respondeu acquiescendo. E' certo que na sua resposta não se fazia referencia á questão da contribuição, mas o que é certo tambem é que esse assumpto está já sendo debatido no parlamento.

Na altura em que vae a discussão, não se podem prever os seus resultados, mas o que desde já se pode afirmar é que o poder pessoal na Allemanha passou difinitivamente á historia.

No Celeste Imperio.— Com poucas horas de differença, morreram em Peking, no meado de novembro, o jovem imperador Konang-Siú e a velha imperatriz viuva, que era quem, afinal, ha muitos annos governava a China. Subiu ao throno um sobrinho do fallecido imperador e filho do principe Tehonen que, por aquelle contar apenas dois annos, assumiu a regencia.

Este inesperado acontecimento cria no Celeste Imperio uma situação nova e inquietante. Como se sabe, aquelle enorme paiz é constantemente agitado pelas mais diversas correntes reformistas e revolucionarias que em occasiões como a actual costumam tomar um incremento ameaçador, d'esta feita, não é crível que os reformistas se pronunciem, porquanto, ao que se afirma, o principe regente é da sua grey. Restam, comtudo, os revolucionarios, que querem depôr a dynastia mandchú, profundamente odiada por ser estrangeira, não para a substituirem por outra, mas para um governo popular e uma constituição democratica. Além d'estes ha ainda os separatistas, que pretendem fundar a *Republica da China do Sul*.

Ora, quem ainda fazia manter alli o respeito pe-

las formulas tradicionaes, era a imperatriz viuva. Morta ella e assumindo a regencia um principe liberal, é crível que os revolucionarios não percam a occasião para tentarem um acto de energia.

Na Persia— Depois de ter promettido solememente restabelecer a constituição, o Schah fez anunciar ao seu povo que tinha mudado de parecer: a constituição não seria restabelecida, pelo menos por enquanto. Em presença de tão estranha attitude, os ministros da Inglaterra e da Russia em Teheron declararam terminantemente ao rei que não lhe tolerariam essa quebra de compromissos. O soberano então allegou que as suas ordens tinham sido mal interpretadas, pois em breve tencionava cumprir a promessa feita. Assim, dentro em pouco começariam as eleições para deputados ao futuro parlamento.

Succede, porém, que, depois de uma porfiada e sangrenta lucha, os revolucionarios de Tabriz e toda a região limitrophe, conseguiram vencer as forças leaes e. uma vez senhores do campo, proclamaram a republica, regimen que já ha mais de dois mezes vingára n'aquella região, sem que o Schah tenha encon-



Pasquino)

(Turim)

O KAISER— *Um desastre na fronteira, Bismarck nunca me perdoaria!*

(Nas manobras do exercito allemão, perto da fronteira franceza, o automovel do imperador Guilherme II teve um desarranjo que o obrigou a receber hospitalidade em casa de um industrial alsaciano que optara pela nacionalidade franceza, E' á crise que se refere o jornal italiano *Pasquino*.)

trado meios de o evitar. E' mesmo esse um dos motivos porque elle não restabeleceu já a constituição no resto do paiz ainda sob o seu governo, pois calcula, e calcula bem, que logo que acabe a oppressão tyrannica em que vivem, os habitantes d'essa parte do territorio persã seguirão o exemplo dos seus irmãos de Tabriz.

A defeza da Inglaterra. — Lord Robert, o generalissimo das tropas inglezas na guerra anglo-boer, lançou ultimamente em Inglaterra um grito de alarme; apesar da sua poderosa esquadra, a Gran-Bretanha não podia evitar o desembarque de tropas allemãs nos suas costas. Tornou-se, portanto, necessario organizar o exercito inglez por forma a poder fazer frente a esse inimigo. Como se calcula, semelhante declaração impressionou fortemente a opinião publica, e os intendidos convieram unanimemente em que lord Robert tinha mais ou menos razão.

Em virtude d'isso, o governo inglez vae, segundo se afirma, tentar de novo a reorganisação do exercito, mas d'esta feita por uma fórma mais ampla, augmentando os effectivos consideravelmente. Isto é o que se projecta. Resta vêr se esse plano poderá ser executado, o que é duvidoso, dadas as difficuldades com que, para reformas n'esse sentido mas muito menos importantes, a Inglaterra tem luctado.

No entanto o alarme souo por toda a Gran Bretanha e tambem em França, que deseja que a sua nova alliada possua elementos que obstem a qualquer golpe de mão.



(Humoristische Élatteer)

(Vienna)

O MOTIVO PORQUE GUILHERME NÃO ENTROU EM FRANÇA

FRANÇA — Alto lá! Não entra cá em casa com essas botas.



(Life's Pictorial Comedy)

(Londres)

O IMPERADOR DA ALLEMANHA GUILHERME II

A triplice alliança. — A annexação da Bosnia e da Herzegovina trouxeram á Austria muito mais difficuldades do que o seu ministro do estrangeiro previra. Uma d'ellas, e não a de menor consideração, foi o movimento espontaneo e geral que se produziu na Italia contra a sua alliada. Em todas as camadas esse movimento tomou uma intensidade que não deixa a menor duvida ácerca do seu alcance.

A Italia está cansada de servir a Austria e a Allemanha sem que d'esse serviço lhe venha a menor sombra de vantagem. A Italia está hoje rica, equilibrou as suas finanças, tem um commercio florentissimo, precisa e ha-de emancipar-se da tutella que durante tantos annos tem pesado sobre ella. O que se passou no parlamento é uma prova eloquente d'este asserto.

Pensa agora a toda a pressa em reorganisar o seu exercito e a sua marinha e a collocar-se em condições de se medir com a sua inimiga tradicional, que durante muitos annos, e graças á mão ferrea de Bismarck, não teve remedio senão considerar amiga.

A par d'esta triplice alliança que se desmorona, fala-se em que se vae crear outra constituida pela França, Inglaterra e Russia.

Os ares cada vez se entroviseam mais para o lado dos Balkans. A Servia e o Montenegro, dominados por um ardor bellicoso extraordinario, não pensam senão em guerra. A Turquia arma-se, tudo respira polvora; a menor faisca pode determinar uma conflagração geral, cujas consequencias não se podem prever.

Senhoras em evidencia

Duqueza de Palmella. — Desejando os *Servões* publicar os retratos das senhoras que em Portugal se tem distinguido pela sua benemerencia, não podiam deixar de começar pela senhora Duqueza de Palmella, cuja colossal obra de infatigavel caridade todos conhecem e admiram.

As cósinhas economicas, tão louvadas e enaltecidas, e que apparecem sempre na cabeça do ról dos seus beneficios innumeraveis, sendo tanto, são nada, comparadas aos rasgos ignorados de abnegação e dedicação pelos pobres, que tem por S. Ex.^a o mais carinhoso reconhecimento.



Que a miseria de Lisboa, que em tão nobre coração encontra piedade e allivio, possa por largo tempo recorrer á caridade das suas generosas mãos, sempre abertas para dar, são os nossos mais sinceros votos.

Hymno a D. Manuel II. — E' notavel a obra da novel compositora Amelia da Luz, cujo talento e alta inspiração se tem já evidenciado. No hymno ao Rei de Portugal, escripto com o caloroso alento das convicções sinceras, vibrante de entusiasmo e patriotismo, ha muito que apreciar. E' um trabalho original, cheio de rasgos altaneiros como altaneiro era o sentimento em que se inspirou. Disse alguém, que costumava pensar o que dizia: «Só veja a luz do sol, trabalho aquecido ao calor do coração; esse, seja qual fôr o seu thema, terá sempre valor incontestavel.» E' o caso do novo hymno real.

De Amelia da Luz ainda ha pouco ouvimos, na festa da distribuição de premios no Conservatorio, um primoroso quarteto em sol maior que foi entusiasticamente applaudido, e conhecemos algumas das suas composições, notaveis pela originalidade.

Na *Tarde de outomno*, em que a compositora se

inspira na suave tristeza das meias tintas do crepusculo, como na *Volta do bivaque*, marcha militar, que exprime admiravelmente a satisfação do regresso ao



quartel depois de dias de fadiga, ha um cunho verdadeiramente distincto, que faz prever que Amelia da Luz conquistará bem cedo um logar verdadeiramente notavel entre os compositores portuguezes.

D. Emilia dos Santos Braga. — Occupa inquestionavelmente um dos mais distinctos logares na galeria dos pintores portuguezes esta gentilissima senhora, cuja singular belleza era bem digna do proprio pincel.



Discipula de José Malhóa, adquiriu pelo seu raro talento e applicação muitas das qualidades que distinguem o grande artista.

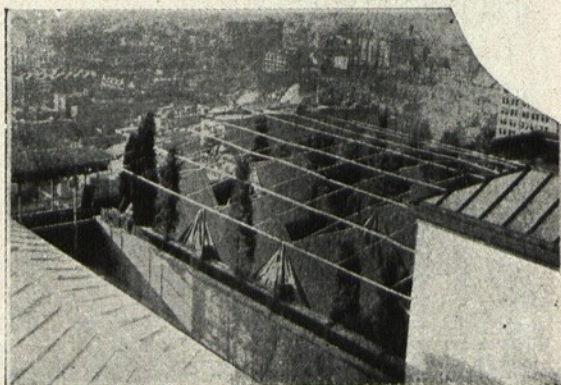
A sua obra é já copiosa e toda reveladora de um altissimo merito.

Lady Mayor de Aldeburgh. — Este cargo, que até aqui tinha sido sempre desempenhado pelo sexo forte, é hoje exercido por mistress Garrett Anderson, doutorada em leis, o que a habilita a desem-

centenário da abertura dos portos do Brazil ao commercio do mundo, e este facto, tão altamente lisonjeiro para nós, é d'aquelles que não devem esquecer-se e impõem a mais viva gratidão.

Melhoramentos industriaes

Alojamento n'um terraço. — A vida ao ar livre, em acampamentos, tem sido muito aconselhada pelos medicos norte-americanos como altamente proveitosa para os organismos cansados ou doentes. No Hotel Bellevue, em Philadelphia, fez-se



VISTA GERAL DE UM ACAMPAMENTO
NO TERRAÇO DE UM HOTEL EM PHILADELPHIA

penhar o logar com uma superioridade pouco vulgar, sendo portanto a primeira vez que uma senhora occupa um emprego municipal de tanta responsabilidade em Inglaterra.

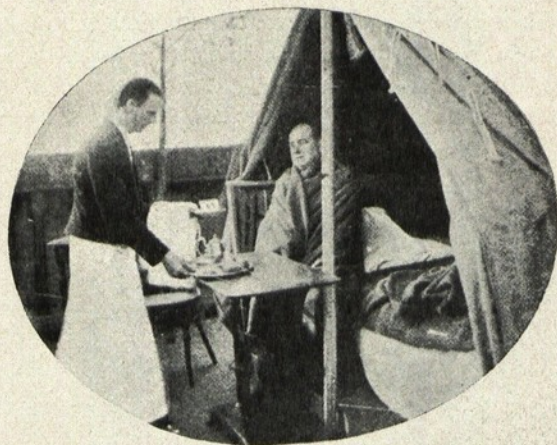
Brazileiros illustres

Dr. Miguel Calmon. — Dando o retrato do illustre brasileiro pela iniciativa do qual, como ministro da industria, a exposição do Rio de Janeiro teve o brilhante resultado que todos admiram, prestamos uma justa homenagem ao seu infatigável zêlo e acrisolado patriotismo.



Aproveitou sabiamente S. Ex.^a esta occasião, propicia como nenhuma, para pôr em fóco as riquezas do solo brasileiro; e tão bem as evidenciou que deixou maravilhados todos os que tiveram occasião de as admirar. Conhecidas por demais eram ellas de nome, mas não ha como vêr para bem poder julgar.

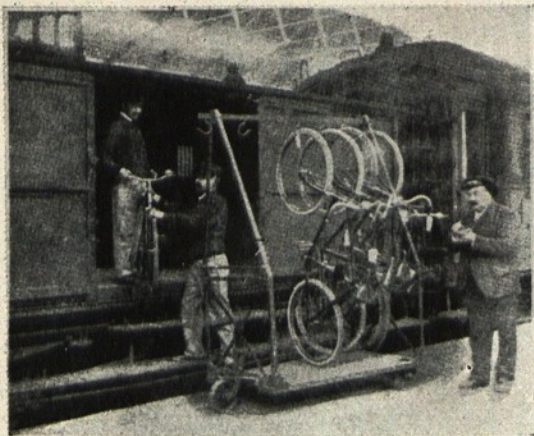
Apezar da exposição ser nacional quiz o talentoso ministro, e com elle o governo brasileiro, que Portugal se associasse á sua grande manifestação industrial, organizada, como é sabido, para celebrar o



UM HOSPEDE A ALMOÇAR

um d'estes acampamentos no terraço, muito frequentado por hospedes com poucos meios ou que padecem de falta de ar. Armam-se e desarmam-se as barracas ali com extrema rapidez por meio de motores electricos. A mobilia é a do resto do hotel e ha um exercito de creadas que servem os encalmados clientes.

Um trolley para bicyclettes. — Em Inglaterra, onde o cyclismo tem augmentado constante e extraordinariamente, ha já *fourgons* especiaes para bicyclettes. Damos a estampa d'um *trolley* destinado a conduzi-las ao *fourgon*. Como poderá notar-se vão alli perfeitamente acondicionadas, o que as garante de qualquer desastre provavel em mãos de carre-



gadores, quasi sempre descuidados com objectos alheios.

E' um melhoramento util, que seria vantajosamente adoptado entre nós, onde o uso da bicyclette cresce e se propaga todos os dias.

Invenções uteis

Novo aparelho de alarme policial. — Nas ruas do Rio de Janeiro estabeleceram-se ultimamente 580 alarmes policiaes que constituem uma perfeita novidade. Todos os habitantes podem comprar uma chave para por meio d'estesapparelhos reclamárem serviços policiaes. Ao mettel-a na fechadura solta-se uma campinha que mostra o numero na estação de policia mais proxima, n'uma tira de papel de um apparelho que registra ao mesmo tempo a hora. No mesmo momento o agente é avisado por uma cam-

panha e uma lampada, tudo automaticamente. Verificado o numero, o agente comunica-o ao posto de policia mais proximo por meio de uma engenhosa machina que permite a collocação de todos os numeros desde 1 até 1:000. Ha 40 postos com seis

homens cada um. Apenas se dá o alarme, esses homens correm ao local indicado.

Toda esta operação dura tão pouco que a policia pode acudir dentro de dois minutos.



Vida artistica

Medalha D. Manuel II. — O conhecido francez Tony Szirmai, teve a gentilissima idéa de executar nas famosas officinas do boulevard Malesherbes uma artistica medalha commemorando a coroação do Rei de Portugal.

Reproduzindo aqui o anverso e reverso de tão primoroso trabalho não podemos furtar-nos a louvar o artista pelo seu talento e arte.



Modas

Os ultimos figurinos lançados pelas melhores casas inglezas e francezas são originalissimos, mas conser-
vam um caracter vago e indciso que não deixa

prever o que seja positivamente a moda no anno
de 1909. Comtudo alguns figurinos ha que terão sem
duvida exito por serem incontestavelmente bellos,
taes são pelo seu raro bom gosto e originalidade os
modelos de Cauet Sœurs, Agnès, e, ainda mais, os

*Figurino 912*

VESTIDO DE SEDA, POR BEER

de Bourniche cuja escolhida e bem achada elegancia não exclue nunca a distincção.

Os vestidos *Androgyné*, creados por Morn-Blossier, que tem dado que fallar, por desenharem as pernas no movimento de andar, se vingarem em Paris, do que duvidamos, não encontram certamente aqui uma unica senhora que os vista. A mulher portugueza é essencialmente recatada e desadora todas as modas que não sejam verdadeiramente senhoris; e esta indubitavelmente não o é. Tencionam os *Serões*, dar sempre um figurino unico, mas verdadeiro modelo de elegancia, novidade e distincção. Começamos, visto estarmos na época das festas, por um notavel modelo d'um traje de noute confeccionado por Beer.

Seria lindissimo executado assim: o forro de setim branco coberto por tulle preto com as rosas e folhagem que o enfeitam bordadas a froco com as cores naturaes; o velludo da cauda e o que guarnece o collete, preto tambem, ou então com a pequena variante das flôres serem artificiaes e o tulle palhetado a vidrilhos, prata ou ouro, o que não será menos feio. A guarnição de pedras que o prende aos hombros ficaria optimamente de rubins ou brilhantes, mas parece-nos n'este caso, que os rubins, escolhendo as rosas da sua cor mais natural, seriam muito preferiveis.

O penteado do nosso modelo é tambem cheio de simplicidade e bom gosto, no que convem reparar, visto que as novas creações dos melhores cabelleiros de senhoras, deixam muito a desejar este anno em belleza e elegancia.

Receitas

Desinfecção de livros. — E' sabido como os livros são vehiculos frequentes de doenças. É por isso interessante conhecer o methodo preconizado pelo Dr. Lucas Championnière e por elle apresentado á Academia de Medicina de Paris. Expõem-se os livros durante duas horas á temperatura de 90° a 95° cent. n'um esterilizador, no qual se vaporisa um liquido gerando aldehyde formico e ethylico. Assim se destruíram germens em grandes volumes de mais de 1:000 paginas, manchados de pus e de outras imundicies. Não houve deterioração do papel nem da encadernação. Quando esta é mais rica, pode proteger-se com uma capa de panno ou papel filtro. Nem os velhos alfarrabios soffreram prejuizo algum.

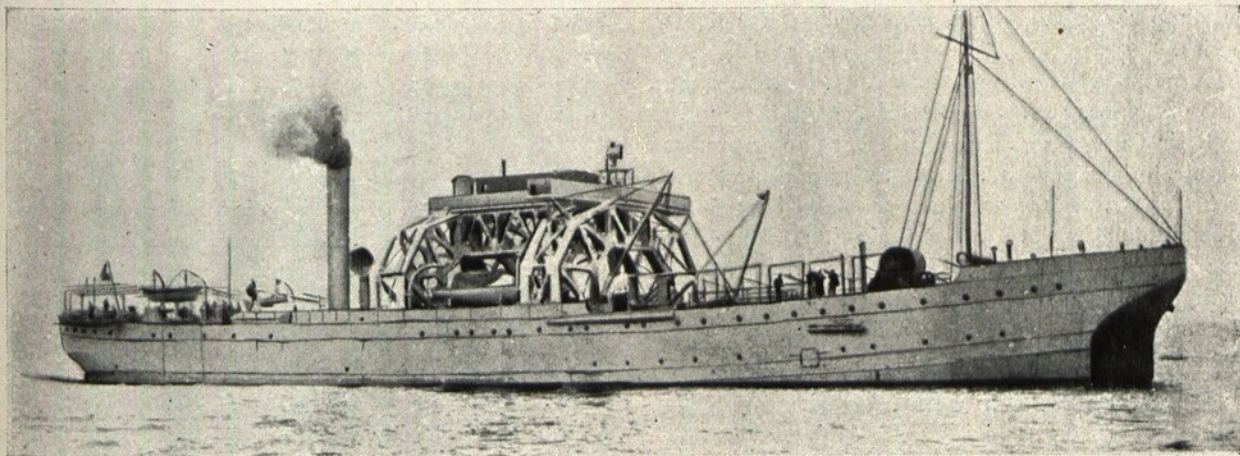
Monumento a Pinheiro Chagas

Com extraordinaria concorrência inaugurou-se em novembro o monumento ao insigne escriptor, jornalista, parlamentar e dramaturgo, Manuel Pinheiro Chagas. Essa obra, devido á tenacidade do director e proprietario da *Mala da Europa*, José de Mello, e concebida e executada pelo illustre escultor Costa Motta, vem pagar uma divida de gratidão do paiz ao seu eminente morto.

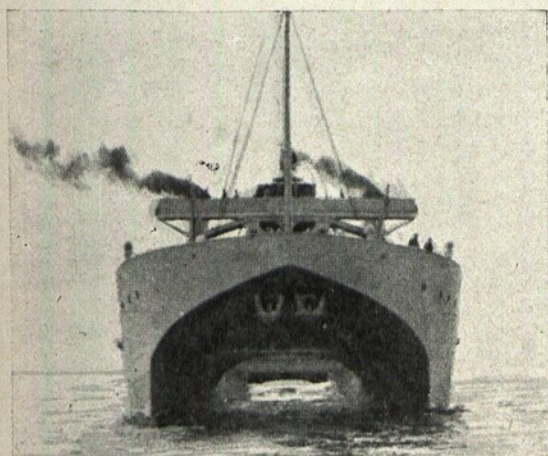
A população de Lisboa assim o reconheceu, pois nem regateou a sua presença na festa da inauguração, nem elogios a quem tomou a iniciativa do monumento.



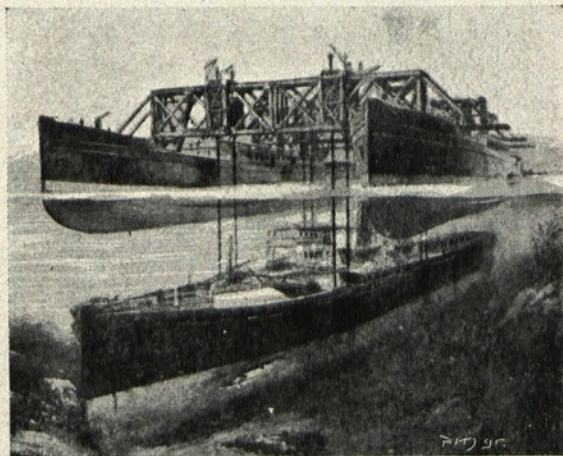
As grandes invenções navaes



O NOVO NAVIO ALLEMÃO «VULCAN», DESTINADO A LEVANTAR E A CONCERTAR SUBMARINOS (VISTO DE PERFIL)



O NOVO NAVIO ALLEMÃO «VULCAN»
(VISTO DE FRENTE)



UM MEIO SUGGESTIVO DE PÔR A FLUCTUAR
UM NAVIO AFUNDADO

Theatros

S. Carlos. — Como estava annunciada, realisou-se em 14 de novembro a abertura do nosso theatro lyrico com a companhia franceza, cujo elenco tinha com justa razão despertado alto interesse no publico que frequenta aquella sala de espectaculos.

Das tres operas cantadas em novembro — *Manon*, *Werther*, e *Lakmé* —, foi inquestionavelmente a primeira a que mais agradou.

Marguerite Carré, a celebre artista franceza, interpretou admiravelmente o principal papel da notavel obra de Massenet, colhendo os mais fartos e calorosos applausos na *gavotte* do *Cours la Reine* e na dilacerante scena da morte.

O tenor Jean Godart e o barytono Viaud, mantiveram-se á altura dos creditos de que vinham precedidos, cantando bem e mostrando-se optimos actores.

Mademoiselle Demellier agradou tambem no *Werther*.

O *Chemineau* obteve um exito ruidoso e merecido.

D. Maria. — Durante o mez de novembro deunos a empreza duas peças novas — *Os Forchambault*, de Augier, cuidadosamente traduzida pelo sr. José Sarmiento, e *Beijos por Lagrimas*, original do sr. Faustino da Fonseca. Ambas foram muito applaudidas não só pelo seu entecho, como pelo desempenho que os artistas do Normal souberam dar-lhes.

A segunda sobretudo cahiu immensamente no agrado do publico, que muito se commoveu nas scenas intensamente dramaticas d'este bello drama historico.

D. Amelia. — No D. Amelia, depois das representações de peças já conhecidas e apreciadas, como *D. Cezar*, *Menino Ambrozio* e *Raffles*, (gatuno amador), tivemos a deliciosa peça — *O Ladrão*, de Henrique Bernstein, primorosa traducção do sr. Eduardo de Noronha, em que o notavel escriptor francez nos dá uma curiosa analyse d'um caracter de mulher que, apaixonada pelo marido, rouba para comprar atavios e arrebiques. O difficil desempenho dos princi-

paes personagens d'esta empolgante peça, que conserva o espectador n'uma constante tensão nervosa, foi confiado a Angela Pinto e Augusto Rosa. Tanto basta para se adquirir a certeza do seu completo exito.

A nossa gravura representa Augusto Rosa n'uma das principaes scenas do 3.º acto.

Retirada esta peça para continuação do programma theatral d'este inverno, foi posta em scena *Mademoiselle Josette, ma femme*, que o sr. Mello Barreto traduziu graciosamente sob o titulo de *Minha mulher, noiva d'outro*. Palmyra Bastos salientou-se, como sempre, no papel da protagonista, e Augusto Rosa foi primoroso. A comedia, sendo muito engraçada, tem o seu tanto ou quanto de inverosimil, mas como agrada...

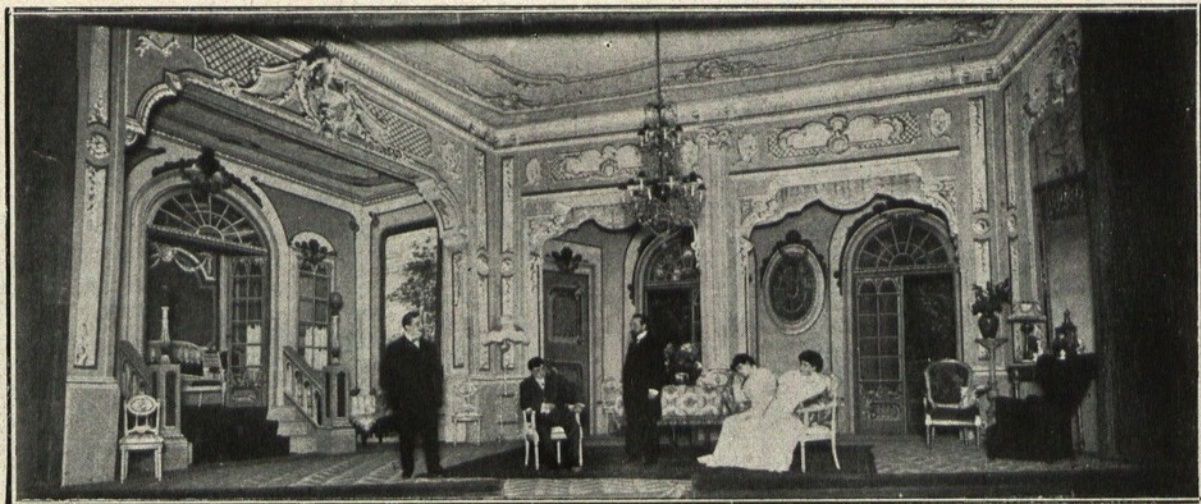
Trindade. — Como já temos dito em outros numeros dos *Serões*, a empreza d'este theatro abalan-

Principe Real. — No Principe Real além de varias repetições houve as *primeiras* dos *Mysterios do convento*, drama original do fallecido escriptor Navarro de Andrade, que agradou, e *A filha do policia*, drama de Gustavo Morot, traduzido por Gaspar da Silva. A peça não é perfeita, mas o desempenho foi excellente e conseguiu captivar o publico.

Avenida. — Tem feito carreira n'este theatro *A viagem da noiva*. Todas as noites um numero publico alli se reune a applaudir os seus interpretes, que se esmeram em apresentar um trabalho correcto.

Cremos por isso que se conservará longo tempo no cartaz.

Colyseu dos Recreios. — O sr. commendador Antonio Santos, intelligente e generoso emprezario do elegante circo, tem de ha muito firmado os seus creditos de bom organisador de espectaculos. Este



THEATRO «D. AMELIA. — O TERCEIRO ACTO DO «LADRÃO»

çou-se a fazer cantar opera em portuguez, reunindo para isso os elementos que melhor pudessem satisfazer os seus desejos.

Com a mais viva sympathia foi esta tentativa acolhida pelo publico, que alli tem concorrido a applaudir o *Barbeiro de Sevilha* e a *Bohemia*, e se prepara para em breve ouvir a *Carmen*, além da nova peça de Augusto Machado e Henrique Lopes de Mendonça.

Gymnasio. — *Os noivos de Venus*, original dos srs. Arthur Cohen e Pedro d'Almeida, foi a peça que representada pela primeira vez na festa artistica da actriz Jesuina, mais applaudida tem sido pelo publico.

E' uma comedia que desperta a gargalhada pelo comico das situações e pelos bons ditos que a realçam, sem phrases escabrosas, tão do gosto das platéas pouco escrupulosas. Em eguaes circumstancias está a *Quarta feira de cinza*.

anno reuniu verdadeiras celebridades, que lhe tem valido boas enchentes.

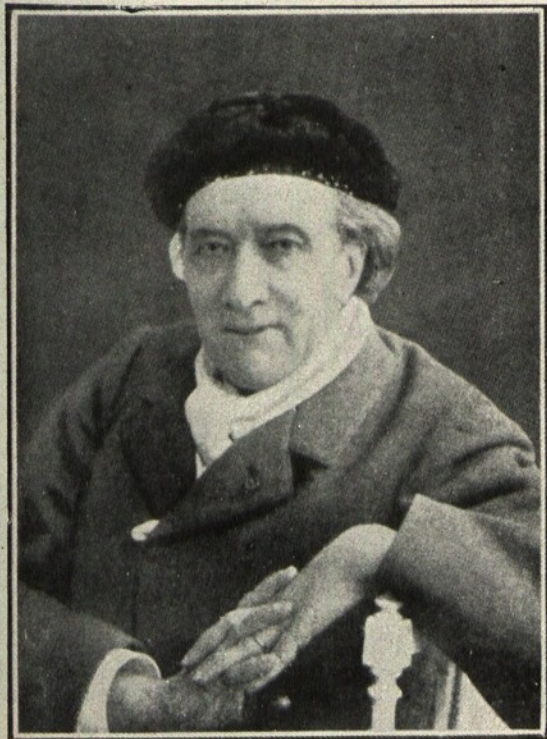
Os trabalhos da Real Troupe Japoneza R'ogoku, verdadeiramente prodigiosos, de mademoiselle Nenima, na adivinhação de pensamentos, as attitudes plasticas de Carmen de Villers, as graças de Little Walter, e tantos outros numeros de effeito, tem atrahido alli numerosa concorrência.

Necrologia

Victorien Sardou. — Causou viva impressão em todo o mundo culto a morte do grande dramaturgo francez, cuja obra immortal apaixonou tão vivamente o publico, que muitas das d'ssensões, a que deram causa as suas peças, ficarão em todo o tempo celebres na memoria dos seus apreciadores.

A vida, tão rude e espinhosa nos seus principios, reservava-lhe no final, além da fortuna, o apogeu da gloria.

A individualidade de Sardou, a sua tenaz energia em vencer quantos obstaculos lhe impeceram o caminho, tudo que uma lucta gigantesca tem de esforço, parece ter-se-lhe traduzido na voluntariosa expressão



do rosto. Poucas physionomias nos dão tão completamente a medida do valor e da intellectualidade de alguém.

A sua obra é tão familiar em todas as nações como na propria França. Tanto como historiador, como

dramaturgo ou romancista o que se poderia dizer d'elle está já admiravelmente dito. O que nos resta apenas dizer é que em Portugal a sua morte foi tão intensamente sentida como o seria a d'um compatriota de igual envergadura.

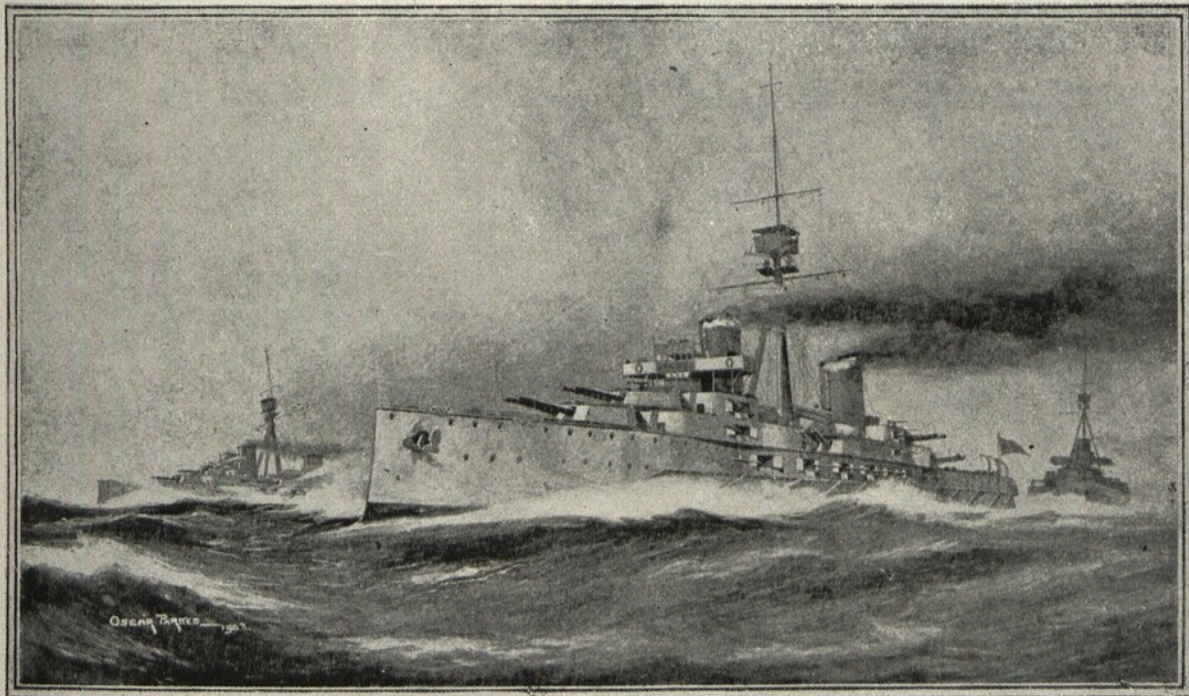
Natureza improductiva

A ilha de Paschoa.—E' no oceano Pacifico esta curiosa ilha que tem por unicos habitantes, colossaes estatuas de pedra, que lembram as esphinges do Egypto e são talvez suas contemporaneas. A esterilidade do solo, onde não nasce uma planta, dá-lhe um aspecto tristissimo de desolação e morte.

Marinhas de guerra

Colossos da marinha brasileira.—O *Minas Geraes* e o *Rio de Janeiro*, que se estão construindo em Elswick, e o *S. Paulo* em Barrow, serão, depois de promptos, os navios de guerra mais poderosos do mundo. O seu deslocamento normal é 19:000 toneladas, e o armamento consiste em doze peças de 12 pollegadas e vinte e duas de 4,7, dispostas por fórma que oito das peças de 12 pollegadas podem fazer fogo para a prôa ou para ré, e dar para cada um dos bordos. A velocidade será de 21 milhas, obtido por machinas reciprocantes de 24,500 cavallos. Correram varios boatos de que estes poderosos couraçados, embora construidos para o Brazil, eram destinados ao Japão ou seriam eventualmente adquiridos pelo Almirantado Britannico.

O governo brasileiro fez porém constar, por intermedio das suas legações, que o seu paiz não tencionia alienar esses navios



MINAS GERAES, O «MINAS GERAES»



FESTA DO «SECULO» — UM ASPECTO DA PRAÇA DO CAMPO PEQUENO



FESTA DO «SECULO» — UM GRUPO DE SENHORAS CYCLISTAS

Bibliographia

Rimas. — N'uma elegantissima edição dá-nos Antonio Sergio poesia attrahente e naturalmente melancolica. Segundo a evolução dos ultimos tempos, o auctor, inspirado na natureza, d'ella tira imagens que farte a encantar o espirito, affagando-nos o ouvido e o coração.

Entendeu, e a nosso vêr muitissimo bem, o poeta que as regras não são para desprezar e o seu livro, seguindo na parte ideal a nova escola, conserva-se sujeito a todos os preceitos e regras da arte: é este sem duvida um dos seus principaes encantos.



Il penseroso, A juventude, Mais uma dôr que vem como serpente, e muitas outras composições, são joias litterarias de incontestavel preço. Damos o formoso soneto *O Pacifico*, como amostra do muito que vale o livro:

*O Oceano em seu esplendôr, desdobra a vaga rude
N'uma brava, tenaz, indômita corrida
E o vento leva ao largo a grande voz dorida
Do roupenho troar com que na rocha explude.*

*Quem pode imaginar, na funda quietude
Que mágica, infinita e deslumbrante vida,
Que vertigem de côr e forma traz sumida
Do transparente abismo a eterna juventude!*

*Agora, muito brando, immensamente calmo,
Sobre o divino mar, virgem, soberbo e almo,
Cae o clarão do sol como um fulgor de gloria...*

*Mas eis que um estremeção percorre o vasto leito:
Grácil, branca, a sorrir, da bôca azul do estreito
Surge a primeira nau: — chamava-se a «Victoria».*

Suprema dôr, por José Augusto Correia. — E' um interessante voluminho de 275 paginas no qual, em primoroso estylo, o seu auctor exalça o sacrificio da

paixão ao dever, aproveitando a occasião para demonstrações philosophicas de subido alcance.

Profundamente lyrico, podia chamar-se-lhe poesia em prosa.



Na obra de J. A. Correia, não podemos deixar de apreciar vivamente, além da constante elevação dos pensamentos, uma singular e gentil fórma de os expôr.

Livro para lêr meditando, e acreditar o nome que o firma, se elle de tal carecesse.

Os acontecimentos de dezembro

A festa do «Seculo». — Realizou-se em 6 de dezembro, na praça do Campo Pequeno, a distribuição de premios ás creanças do concurso de robustez e belleza, organizado pelo *Seculo*.

A festa, cujo programma era verdadeiramente attrahente, levou alli milhares de pessoas no desejo de admirar os pequenos vencedores.

Sobresahiram, entre outros numeros do programma, as evoluções militares pelos alumnos da Real Casa Pia, e o jogo de pau por seis contendores.

A festa terminou por um cortejo triumphal que desceu a Avenida.

O sol abrilhantou com os seus raios a festa das creanças, que deixou grata e duradoura impressão na memoria de tantas que a ella assistiram.

Viagem regia. — Em visita official ás terras do paiz, sahiu de Lisboa pela primeira vez Sua Magestade El-Rei D. Manuel em 8 de novembro, regressando a esta cidade no dia 4 de dezembro. Durante este lapso de tempo estabeleceu Sua Magestade residencia no Palacio das Carrancas, no Porto, que, sendo depois da capital a cidade mais importante da nação, tinha direito á primazia da visita e a abrigar dentro dos seus muros tão justamente celebres na nossa historia constitucional, o chefe do Estado.

Honrando as suas fidalgas tradições de hospitalidade, esmerou-se a *Invicta Cidade* em receber o regio



REGRESSO DE EL-REI A LISBOA

hospede, podendo dizer-se sem exagero que, em todo o tempo que El-Rei alli se demorou, o entusiasmo dos portuenses não arrefeceu, e o soberano foi continuamente aclamado pela multidão que pressurosamente accorria a todos os pontos onde era certa a presença de Sua Magestade.

A rainha senhora D. Amelia, que foi passar com El-Rei o dia do seu anniversario natalicio, foi, como seu augusto filho, carinhosamente recebida.

Em todas as visitas, como nas festas, organisadas em sua honra e a que assistiu, recebeu o sr. D. Manuel vivas provas de sympathy e de carinhoso

affecto, que muito gratas devem ter sido ao seu provado coração.

Do Porto sahiu El-Rei a visitar as seguintes cidades, demorando-se um dia em cada uma d'ellas: Braga em 4 de novembro; Vianna do Castello em 17; Coimbra em 20; Santo Thyrso em 25; Aveiro em 27; Guimarães em 29, e Barcellos em 2 de dezembro.

Em toda a parte teve El-Rei as mais entusiasticas recepções, parecendo que as populações disputavam a primazia nas acclamações e festejos com que demonstravam os seus sentimentos de affecto e dedicação pelo monarcha.

**FARINHA
LACTEA**

NESTLÉ

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.

Preço 400 Réis.



MUSICA

DOS

SERÕES

Canção de Maria do Carmo

Da opera-comica **A GACHI**, musica de J. Neuparth

I

A cigana que é versada
Nos mysterios de magia,
Caminhando pela estrada
Mal que rompe o claro dia,
Os destinos de quem passa,
Sobre a mão com arte lê,
Sorte, gloria, amor, desgraça,
Tudo agoira, tudo vê . . .

Nestes bruxedos
Sempre esmolando,
Altos segredos
Descortinando,
Assim consegue
Que ao ler-lhe a mão,
Ninguem lhe negue
Sustento e pão.

II

Taes agoiros e adivinhas
Ha nas linhas que se cruzam,
Que essas cruces e essas linhas
Ao mortal a vida accusam ;
E a cigana predizendo
O que nellas decifrar,
Coisa alegre e caso horrendo,
Sabe sempre adivinhar !

Nestes bruxedos
Sempre esmolando,
Altos segredos
Descortinando
Assim consegue
Que ao ler-lhe a mão,
Ninguem lhe negue
Sustento e pão.

N. da R. — Damos aos nossos leitores as primicias da nova opera-comica **A Gachi**, que n'esta época deve subir a scena no theatro da Trindade.

Canção

DE Maria do Carmo

POR

— JULIO NEUPARTH —

Andantino

mf

M^a do Carmo

p

A cigana quee ver sa da
Tas algoiros e adi vi nhas

Nos mysterios da magi a
Fla nas linhas que se cruzam

Caminhando pelas tra da
Que essa currese essas linhas

p

Poco piu mosso

Malquerrompeoclaro di a Os destinos de quem pas sa Sobre amão com ar te le
 O mortal a vida ac cu sam E a cigana pre di ren do O que nellas de ci frar

Poco piu mosso

Sorte gloria amor pes gra ca Tudo agora ra ty do vè ah! ah! ah!
 Coisa alegre e caos hor ren do Sabe sempre adi vi nhar

Tempo de Valsa

Nestes bu xe dos Sempre como lan do Altos se gre dos

Tempo de Valsa

descorti nar do Assim con se que lue as ler the a mão

Coro

Ninguém lhe ne—gue *sustento e pão* Nestes bru—xe—dos *f*

Sempre como lan—do Altos se—gre—dos desco—ti—nan—do

Assim con—segue Que ao: ler lhe amão Ninguém lhe ne—gue *p*

1ª vez *sus—ten—to e* *p* 2ª vez *pão* *Tempo* *f* *sus—ten—to e* *ff* *pão*

AS GOTTAS CONCENTRADAS DE

FERRO BRAVAIS



São o mais eficaz
remedio contra

**DEBILIDADE, FALTA DE FORÇAS, ESGOTAMENTO
ANEMIA, CLOROSE, CORES PALLIDAS.**

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os Medicos do mundo
Não dá prisão de ventre. Não ennegrece os dentes. Dá em pouco tempo :

SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA

Desconflar das Imitações. — Só se vende em Gottas e em Pilulas

Em todas as Pharmacias ou Drogarias. **Deposito : 130, r. Lafayette, PARIS**

Os Agentes em Portugal
REEMBOLSAM o DINHEIRO
a quem não tiver tirado resultado

na **BRONCHITE**
TOSSE, ASTHMA
TISIS PULMONAR
empregando o
XAROPE FAMEL

PARIS
86, Rue de la Réunion
PREÇO : 800 REIS
Franco de porto em todo o Portugal por 2 frascos.

DEPOSITO GERAL: 19, Rua do Arco a Jesus, LISBOA

"ANTIGRIPPINE"
(HOSTEAS)
CURA INSTANTANEAMENTE
GRIPPE, INFLUENZA
MIDY

LOCÃO DEQUEANT

CABELLO
BARBA
PESTANAS
SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na **Academia de Medicina de Paris** contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabelludo.

L. DEQUEANT, *Pharmacutico*, 38, Rue Clignancourt, Paris.

Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas.

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

CH. DENIS. — Agent exclusif pour les annonces étrangères, 128, Faubourg Poissonnière — PARIS.

Grandes vantagens

Aos assignantes dos

SERÕES

BRINDE: Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.^a classe, partida de Lisboa), em epocha á escolha do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente.

BONUS

Desejosa a administração dos "**SERÕES**" por reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e esculpulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar aos nossos assignantes o poderem completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — **a todos que assignarem a revista "SERÕES" por periodo não inferior a um semestre** —, o poderem adquirir qualquer volume publicado ou todos os dez, com um desconto de 50 0/0, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) 600 réis ou, ainda, 1\$000 réis, lindamente encadernado.

O preço da assignatura dos "**SERÕES**" é

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha.....	{ Anno.....	2\$200 réis
	{ Semestre ...	1\$200 »
	{ Trimestre...	600 »
Para o Brazil (Moeda fraca)	- Anno.....	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	- Anno	15 fr.

Pedidos á

Administração dos "**SERÕES**"

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 27 Passagem do ANNUARIO COMMERCIAL
Telephone 805 — LISBOA

O Cunha

ALMANACH HUMORISTICO PARA 1909

4.º ANNO

Preço 200 réis

Profusamente illustrado com primorosas similigravuras



O Cunha póde entrar em todas as casas, pois que, a par de uma collaboração rigorosamente escolhida, insere interessantissimos artigos sobre coisas de arte e politica, completamente inéditos.

A destacar alguns artigos relativos a usos e costumes da provincia de Moçambique, especialmente em Lourenço Marques, e os que teem o curioso titulo:

Se a Republica fosse implantada em Portugal

A' VENDA NAS LIVRARIAS

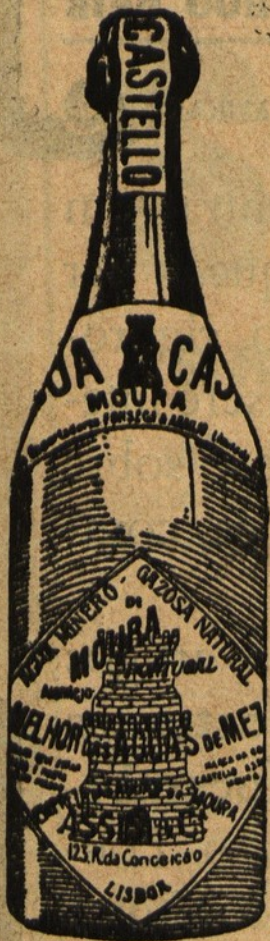
Depositarios em Lisboa — FERREIRA L.^{DA} — 132, Rua do Ouro, 138

Correspondencia ao administrador G. Ferreira, Rua da Victoria, 33-A, 2.º, PORTO

Gravuras dos SERÕES

Alugam-se quaesquer clichés [publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos SERÕES, Praça dos Restauradores, 27.



AGUA CASTELLO

Minero-gazozza, lithinada natural

— DE —

— MOURA —

Refrigera os são e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.

LISBOA

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Trepadeiras — Um sentido livro de versos de João de Saldanha Oliveira e Souza, cheio de fogo, de sentimento e de paixão, que não exclue a inspirada delicadeza que todo o poeta deve ter. Agradecemos o exemplar recebido.

● **Jornal dos Pequenininos** — Praça do Bocage — 114 e 116 — Setubal.

● **Contos e Fabulas** — Publicação dedicada as creanças — Redação: Praça do Bocage, 114 e 116,

Setubal, e deposito em Lisboa, Livraria Ferreira, Rua do Ouro, 132 e 138.

● **Ilustração Popular** — Semanario de vulgarisação que se publica aos domingos — Redação e Administração, Rua de Passos Manoel, 21, 1.º

● **Sociedade promotora de Asylos, Creches, e Escolas** — Relatorio, contas e parecer do Conselho Fiscal, e o discurso proferido pela sr.ª D. Anna de Castro Osorio na sessão de 19 de março ultimo.